

MODA A TRANSFORMAÇÃO DO 'MADE IN MACAU' PARA O 'DESIGNED IN MACAU'

Macau 澳門

PONTE HONG KONG-ZHUHAI-MACAU

NOVO CAPÍTULO PARA A GRANDE BAÍA



MICROELECTRÓNICA
OS CHIPS QUE COLOCAM
MACAU NO TOPO DO MUNDO



ANTIGA LEPROSARIA
NOVA VIDA PARA A VILA
DE NOSSA SENHORA





收藏

澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau





DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amélia Leong

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804, Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 • Fax: (+853) 2835 5426 • E-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro e Catarina Mesquita

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Ipsis Verbis

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Bruna Pickler, Catarina Brites Soares, Catarina Domingues, Catarina Mesquita, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique), Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, Irene Leong, José Carlos Matias, José Sales Marques, José Simões Morais, Juvenal Rodrigues (São Tomé e Príncipe), Hélder Beja, Lucas Calixto, Luciana Leitão, Marco Carvalho, Marta Curto (Portugal), Pedro Cativelos (Moçambique), Sandra Lobo Pimentel, Sin Lok I e Vítor Quintã

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages, Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Comercial de Macau, 251A-301, AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 • Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com • www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



A presente edição da revista MACAU surge a público ainda sob os ecos de eventos marcantes em termos nacionais e locais.

Por um lado, em princípios de Novembro assinalavam-se os 40 anos da política de reforma e abertura da China lançada em 1978, que progressivamente foi modernizando a economia do País ao ponto de a China já ter alcançado o estatuto de segunda economia mundial.

Ao receber as delegações das duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, o Presidente Xi Jinping sublinhou o seu papel “único e insubstituível” na “reforma e abertura da China na nova era.

Xi Jinping apelou ainda à participação das duas regiões no desenvolvimento nacional tendo a política de reforma e abertura como referência, em articulação com a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e o desenvolvimento da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

Um artigo publicado nesta edição detalha o que disse Xi Jinping e o balanço feito pelo Chefe do Executivo, Chui Sai On, à deslocação à capital chinesa.

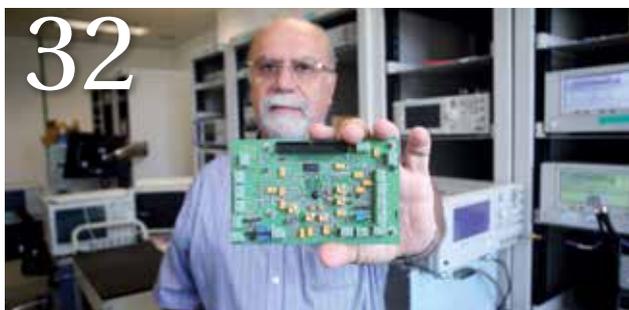
Em meados de Outubro inaugurava-se a Ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, a maior travessia marítima do mundo, que igualmente punha em destaque as duas regiões administrativas especiais, mas desta vez no contexto da integração regional da Área da Grande Baía. Num artigo desenvolvido explicamos em que consiste essa inédita obra de engenharia e os caminhos que ela abre.

Também pouco antes do fecho desta edição, o Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, deslocava-se à Assembleia Legislativa para apresentar as Linhas de Acção Governativa para 2019, tema que também desenvolvemos.

Finalmente o foco para o ponto da situação da indústria da moda na RAEM e a maneira como o seu despertar entronca na história da indústria têxtil da região, que teve os seus dias dourados no século passado.

Luís Ortet





- 12 **LINHAS DE ACÇÃO GOVERNATIVA 2019**
As prioridades da RAEM para o ano que aí vem
- 16 **PONTE HONG-KONG-ZHUHAI-MACAU**
A maior travessia sobre o mar do mundo abre um novo capítulo para a Área da Grande Baía
- 20 **40 ANOS DA REFORMA E ABERTURA**
Presidente sublinha o papel único das RAE para a reforma e abertura da China na nova era
- 22 **FEIRA INTERNACIONAL DE MACAU**
O balanço do maior certame de negócios da RAEM, com destaque para Moçambique
- 28 **RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa
- 32 **AS VITÓRIAS DA MICROELECTRÓNICA**
A Universidade de Macau está cada vez melhor posicionada no ranking mundial dos chips
- 40 **SHENZHEN: INOVADORA E COSMOPOLITA**
O crescimento e a afirmação da cidade incubadora de tecnologia da China
- 48 **DO 'MADE' AO 'DESIGNED' IN MACAU**
A transformação da indústria da moda desde os seus tempos áureos na década de 1960
- 54 **ESTILISTAS DE RENOME**
Jovens designers de moda afirmam-se além fronteiras
- 60 **ENTREVISTA: VICTORIA KUAN**
O papel do CPTTM na formação dos profissionais da moda
- 66 **ESCOLA COMERCIAL DE MACAU**
Antigos alunos unem-se para manter memórias
- 70 **VILA DE NOSSA SENHORA DE KÁ-HÓ**
De antiga leprosaria a centro artístico
- 78 **COOPERAÇÃO NAS ARTES**
Os objectivos da recém-criada Associação de Artistas da China, Macau e dos Países de Língua Portuguesa
- 80 **ÁTRIO: WONG WENG IO**
Arte baseada na forma como a tecnologia influencia a informação, o tempo e a nossa identidade
- 84 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses
- 90 **MEMÓRIAS: BAIRRO DA AREIA PRETA**
De zona agrícola ao bairro mais populoso

65.º GRANDE PRÉMIO DE MACAU: EMOÇÃO REGRESSA AO CIRCUITO DA GUIA

O piloto britânico, Daniel Ticktum, dominou em todas as frentes e venceu a corrida de Fórmula 3 da 65.ª edição do Grande Prémio de Macau pela segunda vez consecutiva. Em motos venceu o britânico Peter Hickman. Na Taça GT Macau, o primeiro prémio coube ao piloto brasileiro Augusto Farfus. Já na competição de WTCR, na primeira mão o vencedor foi Jean-Karl Vernay, a segunda corrida foi ganha por Frédéric Vervisch, enquanto que a terceira e derradeira mão foi vencida por Esteban Guerrieri. O veterano Gabriele Tarquini sagrou-se campeão do mundo de WTCR. Nas corridas de suporte, o piloto de Macau Kong Kin Chong venceu a Taça Lotus e Sunny Wong, de Hong Kong, venceu a Taça FOOD4U.



Salão de Outono apresenta 84 obras de 43 artistas locais

O Salão de Outono regressou, entre 3 e 30 de Novembro, à Casa Garden e nesta 9.ª edição apresentou 84 obras de 43 artistas locais. A iniciativa da Fundação Oriente e da Art For All Society revelou trabalhos a aguarela, pintura a óleo, escultura, desenho, porcelana, gravura, fotografia e instalação. Na inauguração do Salão, subiu ao palco o “Navio dos Loucos”, um espectáculo de poesia de José Anjos e outros poetas, e música de João Morais, também conhecido como ‘O Gajo’.



Simulação de ataque terrorista testa capacidade militar

As autoridades de Macau simularam, no início de Novembro, um ataque terrorista com recurso a armas químicas e radiocativas, para testar a capacidade de resposta militar e policial. Intitulado “Cão espirituoso”, este simulacro compreendeu uma tomada colectiva de reféns, a captura de suspeitos, a contaminação com gás químico e o uso de explosivos radiocativos. A iniciativa integrou a Guarnição de Macau do Exército de Libertação do Povo Chinês, os Serviços de Polícia Unitários, o Corpo de Polícia de Segurança Pública, a Polícia Judiciária, o Corpo de Bombeiros, os Serviços de Saúde e os Serviços de Alfândega.

DSAMA cria departamento para gerir área marítima

O Governo de Macau anunciou a criação de um departamento para gerir a área marítima de 85 quilómetros quadrados. O Departamento de Gestão das Áreas Marítimas vai ser o responsável pela “avaliação dos impactos causados por projectos de áreas marítimas”, aponta um comunicado divulgado pelo Conselho Executivo. A vigilância, “a elaboração de estatísticas e a avaliação da utilização das áreas marítimas” vão estar também sob tutela deste novo departamento.



Festival da Lusofonia regressa às Casas-Museu da Taipa

Entre 19 e 21 de Outubro, Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Goa, Damão e Diu, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Macau tiveram expositores com artesanato, petiscos e bebidas típicas junto às Casas-Museu da Taipa. A Casa de Portugal contou com a presença do artesão Arlindo Moura, da Rota da Filigrana. Já a Casa do Brasil trouxe o artista brasileiro Fábio Pانونe Lopes, que trabalha com grafite, e que transformou o espaço canarinho numa favela. O Festival da Lusofonia articula-se com a Semana Cultural da China e dos Países de Língua Portuguesa e conta ainda com uma série de concertos, que este ano trouxe a Macau Paulo Flores de Angola, Moza Band de Moçambique, entre outros.



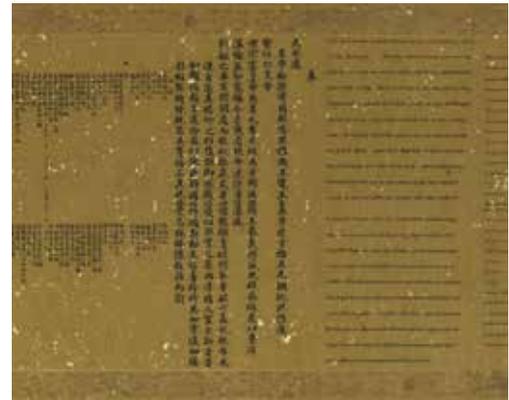


Nova associação quer promover “compreensão e amizade” entre Portugal e China

A Associação Portuguesa dos Amigos da Cultura Chinesa, apresentada a 6 de Novembro, em Lisboa, quer “promover a compreensão e a amizade” entre Portugal e China, que para o ano assinalam 40 anos do restabelecimento das relações diplomáticas. “A associação tem o objectivo de criar, promover e desenvolver actividades de carácter cultural, desportivo, recreativo e social que contribuam para dignificar o prestígio e a divulgação da cultura e língua chinesas”, referiu Wang Suoying, presidente da Associação Portuguesa dos Amigos da Cultura Chinesa, no Centro de Intercâmbio Cultural Molihua.

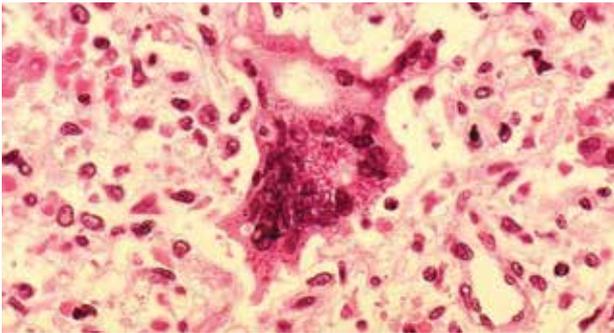
Festival Open House celebra “arquitectura híbrida”

Espaços públicos e privados estiveram abertos ao público em Macau no segundo fim-de-semana de Novembro “para celebrar e democratizar” a arquitectura híbrida da cidade, segundo o curador do festival Open House Macau, Nuno Soares. É a primeira vez que o festival, fundado em 1992 em Londres, chega à Ásia. “Macau tem uma história urbana muito longa, de 450 anos. Faz sentido ser o primeiro local a ter um evento deste género na Ásia porque tem uma história de arquitectura híbrida e de celebração arquitectónica já bastante antiga”, referiu o curador. Ao todo, 50 edifícios – desde exemplos de arquitectura vernacular [tradicional chinesa], a propostas de estilo neoclássico, ‘art déco’, modernista e contemporâneo – estiveram abertos ao público para ajudar a compreender a cultura e o tecido urbano da cidade.



Primeiros contactos diplomáticos com a China numa exposição no Museu do Oriente

Uma exposição sobre o percurso de três portugueses que, entre o século XIII e XVIII, fizeram os primeiros contactos diplomáticos entre a Europa e a China inaugurou a 8 de Novembro no Museu do Oriente, em Lisboa. “Três embaixadas europeias à China” é o título desta mostra dividida em três núcleos, dedicados aos representantes do Estado Português Tomé Pires e Francisco Pacheco de Sampaio, e do Papado, o franciscano Lourenço de Portugal. A mostra revela 70 peças oriundas de colecções privadas, de instituições como o Arquivo Secreto do Vaticano, a Torre do Tombo, a Biblioteca Nacional e o Museu da Farmácia, entre outras, e do próprio espólio da Fundação Oriente.

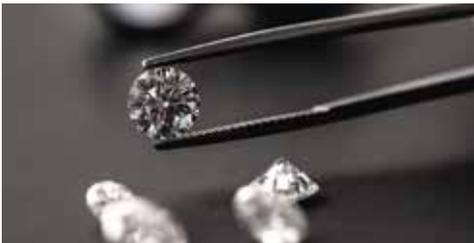


OMS declara Macau livre da rubéola

A Delegação do Pacífico Ocidental da Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou recentemente que a RAEM, a Austrália e o Brunei passam a constituir, com a Nova Zelândia e a Coreia do Sul, o grupo dos cinco territórios (entre 37 países e regiões da região do Pacífico Ocidental) que estão livres do vírus da rubéola. As autoridades de Macau classificaram o anúncio “um marco importante na história da saúde pública”.

Filme sobre Camilo Pessanha exibido na extensão do DocLisboa

Depois da primeira exibição no DocLisboa, a 19 de Outubro, o filme “Pé San Lé – O Poeta de Macau”, inspirado na vida e obra do poeta Camilo Pessanha, fez a sua estreia asiática a 5 de Novembro, na Cinemateca Paixão, na extensão do festival português dedicado ao documentário. Trata-se de um projecto da realizadora Rosa Coutinho Cabral, que trouxe também a Macau o documentário “Camilo Pessanha – 150 anos”. O programa incluiu outras películas, como “Ramiro” de Manuel Mozos, “Altas Cidades de Ossadas” de João Salaviza e “Vira Chudnenko” de Inês Oliveira.



Macau adere a processo de certificação de diamantes

A Região Administrativa Especial de Macau assinou em Pequim um acordo para a aplicação do processo Kimberley. Criado em 2003, este processo tem como objectivo determinar a origem de diamantes e evitar a transacção de pedras preciosas procedentes de áreas de conflitos, conhecidos como “diamantes de sangue”.

Fotojornalista internacional Robin Moyer presente no World Press Photo

Robin Moyer participou em Outubro numa palestra no âmbito da exposição World Press Photo 2018. Organizado pela Associação de Imprensa Portuguesa e Inglesa de Macau e pela Casa de Portugal, “Prazos – Uma conversa de Robin Moyer”, decorreu na Fundação Oriente-Casa Garden de Macau. Baseado em Hong Kong, Robin Moyer foi já distinguido com vários prémios por trabalhos na Ásia e no Médio Oriente, incluindo o World Press Photo Premier Award e Robert Capa Gold Citation do Overseas Press Club de Nova Iorque, ambos pelo trabalho publicado na revista Time sobre a guerra no Líbano. A exposição World Press Photo 2018, com 161 fotografias captadas por 42 fotógrafos de 22 países, esteve aberta ao público na Casa Garden pelo 11.º ano consecutivo.



Faleceu o embaixador João de Deus Ramos

Antigo secretário-adjunto para os Assuntos de Transição no Executivo de Macau durante a administração portuguesa, João de Deus Ramos faleceu em Outubro, em Lisboa. O embaixador foi membro da delegação que negociou com a China a Declaração Conjunta e fez parte do Grupo de Ligação Conjunto, tendo sido responsável ainda pela abertura da embaixada portuguesa em Pequim, em Fevereiro de 1979, quando Portugal retomou as relações diplomáticas com a China. Licenciado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa, João de Deus Ramos foi também embaixador no Paquistão e administrador da Fundação Oriente.



Aeroporto com mais de dois milhões de passageiros no terceiro trimestre

O Aeroporto Internacional de Macau registou mais de dois milhões de passageiros no terceiro trimestre de 2018, um crescimento de 13 por cento em relação ao mesmo período do ano passado. Entre Julho e Setembro, o único aeroporto da RAEM registou 2150 milhões de passageiros e foi palco de 16 mil movimentos aéreos. Só em Julho, descolaram ou aterraram mais de 5700 aviões com 740 mil passageiros, indicou a Sociedade do Aeroporto Internacional de Macau.

“Ler sem limites” vence Prémio de Jornalismo da Lusofonia

O trabalho “Ler sem limites” da jornalista Catarina Brites Soares, que trabalha em Macau, venceu a segunda edição do Prémio de Jornalismo da Lusofonia. O “texto publicado no semanário Plataforma desenha uma panorâmica das leituras mais frequentes” na cidade, “com um levantamento de livros e autores que circulam livremente no território, incluindo alguns que, por diferentes razões, têm limites de acesso fora” de Macau, indicou a nota do júri do prémio criado pelo Clube Português de Imprensa e o jornal Tribuna de Macau. Na categoria Ensaio foi distinguido o historiador António Aresta, de Macau, com o trabalho “Miguel Torga: um poeta português em Macau”, que “condensa o imaginário de Miguel Torga, no seu primeiro e único contacto com o território de Macau, cruzando-o com outras referências da época”, referiu o júri. Os dois prémios, cada um no valor de cinco mil euros, distinguem trabalhos originais em língua portuguesa sobre Macau.





IC e Fundação Oriente acordam reforço de cooperação

O Instituto Cultural e a Fundação Oriente assinaram um protocolo para reforçar a cooperação entre os dois lados. O objectivo do protocolo passa por “promover e aprofundar a relação mais estreita da cooperação cultural entre Macau e Portugal”, sublinhou o Governo em comunicado. O âmbito da cooperação inclui actividades conjuntas de investigação e co-edição de estudos, o reforço da articulação entre museus, a realização conjunta de eventos, bem como o intercâmbio de informação e colaboração na promoção e divulgação de acções organizadas por estas entidades.

Macau e Sichuan reforçam cooperação

Foi criado, em Novembro, um mecanismo de reunião de cooperação entre Macau e Sichuan, com o objectivo de impulsionar uma “nova era” na cooperação já instituída desde o forte sismo de há uma década anos, em Sichuan. Com o mecanismo, os dois territórios podem “realizar reuniões sempre que necessário”. O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, sublinhou a importância do mecanismo para melhorar a qualidade de vida nas duas regiões. O memorando destaca a ideia de reforçar laços no comércio, investimentos e finanças, mas também na indústria de medicina chinesa, ciência e tecnologia, educação, saúde e turismo. Todas estas áreas abrangidas no âmbito da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”, e que os dois governos querem elevar a um novo patamar.



Festival *This Is My City* alarga fronteiras até São Paulo

O festival “This is My City – Global Creative Network” (TIMC) nasceu em Macau e no ano passado assumiu a aposta de integração regional no Delta do Rio das Pérolas. Este ano a organização foi mais longe, estendendo o evento não apenas a Zhuhai e a Shenzhen mas também a São Paulo. Os destaques de cartaz deste ano foram os Re-TROS, uma formação musical de pós-punk chinês, e os Afro Bailes do projecto Celeste Mariposa, criado em 2008 dedicado a espalhar a palavra e a promover a música dos países africanos de língua portuguesa.



Festival Internacional de Cinema arranca com mais de 50 obras

Mais de 50 filmes internacionais e 14 produções locais compõem o cartaz da terceira edição do Festival Internacional de Cinema de Macau, que decorre entre 8 e 14 de Dezembro na cidade. Distinguido em Maio com o Grande Prémio da Semana da Crítica de Cannes, o filme português “Diamantino”, a primeira longa-metragem de ficção de Gabriel Abrantes e Daniel Schmidt, será exibido na secção não competitiva de filmes “Flying Dagger”. “Hotel Império”, do realizador português Ivo Ferreira, regressa ao grande palco das filmagens, onde será exibido pela primeira vez, depois da estreia mundial em Pingyao, no nordeste da China. Em competição estão 11 filmes de três continentes.

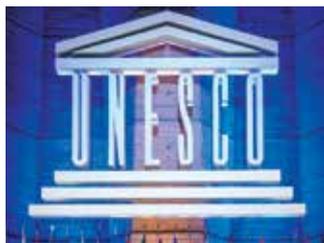
NÚMEROS

10,48 MILHÕES

DE PESSOAS ALOJARAM-SE NOS HOTÉIS E PENSÕES DE MACAU ENTRE JANEIRO E SETEMBRO (+7,8%)

MOP 65,91 MIL MILHÕES

RECEITAS DO SECTOR DE CONSTRUÇÃO EM 2017 (-18,8%)



Universidade de Macau e UNESCO cooperam na iniciativa “Uma Faixa, uma Rota”

A Universidade de Macau (UM), a UNESCO e dezenas de instituições em todo o mundo vão colaborar em projectos científicos no âmbito da iniciativa chinesa “Uma Faixa, uma Rota”. Entre as 37 instituições cooperantes, contam-se universidades e academias científicas da Hungria, Polónia, Cazaquistão, Paquistão e Nepal. A UNESCO também integra a chamada “Aliança de Organizações Científicas ao longo da região ‘Uma Faixa, uma Rota’”, inaugurada recentemente em Pequim. Numa carta enviada para celebrar a inauguração desta aliança, Xi Jinping afirmou esperar que as “comunidades científicas de todos os países da região possam trabalhar juntas e usar a aliança como uma plataforma para promover o desenvolvimento sustentável”.



Aplicação móvel para emergências lançada com tufão Yutu

Macau lançou uma aplicação móvel dedicada a situações de emergências. A *app* chama-se “GeoGuide para emergências”, estreou-se durante a aproximação do tufão Yutu à região e permite à população obter informações sobre a previsão de inundação dos diferentes níveis de “Storm Surge” (maré de tempestade) através de um mapa na versão *online* e *offline*, anunciou o Executivo local. A “GeoGuide para emergências”, disponível também em português e inglês, integra previsões, localizações dos centros de acolhimento de emergência, linhas de emergência, e guia de prevenção de riscos/desastres, entre outras informações.



Diáspora de jovens macaenses reunida em Macau

Chegaram de seis países representando 13 associações de macaense na diáspora. A 4.ª edição do Encontro da Comunidade Juvenil Macaense decorreu no final de Outubro com a presença de jovens do Brasil, Estados Unidos, Canadá, Portugal, Reino Unido e Austrália, que participaram num programa que incluiu palestras, aulas de dança folclórica e do Dragão (milenar tradição de origem chinesa), de culinária e do dialecto patuá. Os 39 jovens fizeram ainda uma deslocação à província de Anhui, no leste da China, com o objectivo de visitar empresas nas áreas da computação e da tradução automática.

MOP 27,33 MILHÕES

RECEITAS DOS CASINOS DE
MACAU EM OUTUBRO (+2,6%)

4593

SOCIEDADES CONSTITUÍDAS
NOS TRÊS PRIMEIROS
TRIMESTRES DE 2018 (+16,2%)

1,28 MILHÕES

CARTÕES DE CRÉDITO EMITIDOS
PELOS BANCOS LOCAIS NO TERCEIRO
TRIMESTRE DE 2018 (+10,3%)

*comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos



LAG 2019

Mais apoios à população e menos impostos

O Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, esteve no dia 15 de Novembro na Assembleia Legislativa a apresentar as Linhas de Acção Governativa para 2019, anunciando a manutenção de vários apoios sociais e o aumento de subsídios à população residente

T BRUNA PICKLER

O CHEFE DO EXECUTIVO DE MACAU, CHUI SAI ON, deu a conhecer em Novembro as prioridades da sua agenda governativa para 2019, no ano em que se assinalam os 20 anos da criação da RAEM e em que haverá lugar à mudança de Governo. Os aumentos nos apoios sociais e a redução de impostos para beneficiar empresas rumo ao desenvolvimento no âmbito da Grande Baía foram alguns dos des-

taques das Linhas de Acção Governativa (LAG) apresentadas aos deputados da Assembleia Legislativa (AL), a 15 de Novembro.

Nos apoios sociais, destaque para o aumento do valor do índice mínimo de subsistência, dos subsídios de invalidez e de nascimento, bem como do valor da pensão para idosos, verificando-se um incremento na ajuda para aquisição de manuais escolares. Estas subvenções e participações implicam um custo na ordem dos 18,8

mil milhões de patacas.

O Chefe do Executivo destacou ainda uma série de benefícios fiscais para favorecer, por exemplo, as empresas de Macau que apostem em projectos inovadores de investigação e desenvolvimento. Entre estas medidas constam também incentivos ao emprego de pessoas com mais de 65 anos e portadores de deficiência. Com a aplicação das várias medidas de isenção, redução de taxas e impostos e de devolução de imposto, o Governo de

Macau prevê deixar de arrecadar receitas fiscais no valor aproximado de 4,2 mil milhões de patacas.

A construção de habitações e instalações públicas em terrenos onde exista uma reconversão definitiva da sua posse para as autoridades é uma das prioridades da agenda governativa. O Executivo considera de extrema importância acelerar a construção das zonas de novos aterros, dedicados, sobretudo, à construção de mais habitação e infra-estruturas sociais.

O reforço da cooperação económica e cultural com os países de língua portuguesa é outra das prioridades, segundo o Governo de Macau. Na área da segurança, prevê-se o acompanhamento de negociações com Timor Leste, Cabo Verde e Angola sobre os projectos dos três acordos de cooperação judiciária em matéria penal. Por outro lado, o Governo “continuará a procurar chegar a um consenso com Portugal no que concerne a ao Acordo sobre a Entrega de Infractores em Fuga e ao Acordo de Cooperação Judiciária em Matéria Penal”.

Por fim, “continuará a negociar com o Brasil no que diz respeito a três acordos de cooperação judiciária em matéria penal e um acordo de coopera-

ção em matéria civil”, pode ler-se no documento.

O Governo de Macau sublinha ainda a aposta em “três rotas de cooperação económica e comercial com o exterior: do Brasil que serve de ponte para a América Latina, de Portugal que dá acesso à União Europeia e finalmente de Angola e Moçambique que fazem a ligação com os demais países africanos”.

Economia de boa saúde

Uma baixa taxa de desemprego, uma taxa de inflação baixa e o desempenho económico positivo ao longo de todo este ano foram os pontos em destaque no balanço de governação divulgado pelo Executivo de Macau na AL.

No balanço das prioridades da acção governativa do ano de 2018, o Executivo sublinhou que “o crescimento contínuo da economia” pode ver-se na “taxa de inflação mantida num nível relativamente baixo [3,4%], no “aumento, no terceiro trimestre, da mediana dos rendimentos de trabalho mensais”, no desenvolvimento do sector do turismo e no apoio às pequenas e médias empresas.

O Governo liderado por Chui Sai On

lembra que “nos primeiros dez meses do ano os montantes aprovados no âmbito do Plano de Apoio a Pequenas e Médias Empresas atingiram 257 milhões de patacas, correspondendo a um aumento de 24 por cento em termos anuais”.

O balanço destaca ainda o trabalho efectuado no contexto de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa, assinando “avanços no desenvolvimento do projecto ‘Centro para a regularização das transacções em renminbi entre a China e os países de língua portuguesa’”. Também registou um forte “fomento no desenvolvimento do ‘Centro de Distribuição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa’”.

A construção de 28 mil frações de habitação pública, o início da elaboração do plano director da cidade, a prevenção e redução de desastres, o aumento de apoios financeiros aos idosos, bem como a participação no desenvolvimento da Grande Baía, um projecto que envolve Macau, Hong Kong e nove cidades da província de Guangdong, foram também assinados neste balanço da actividade do Governo em 2018.



 **Políticas à lupa**



• REDUÇÃO DO IMPOSTO PREDIAL

O Governo vai reduzir para oito por cento a taxa da contribuição predial urbana dos prédios arrendados. No caso dos prédios não arrendados, a taxa será mantida nos seis por cento.



• PENSÃO PARA IDOSOS E FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO VULNERÁVEL

O valor da pensão para idosos passa a ser de 3630 patacas, mas o valor do subsídio para idosos mantém-se em 9000 patacas. O valor do índice mínimo de subsistência passa a ser de 4230 patacas para as famílias em situação vulnerável.



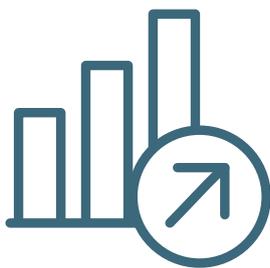
• BENEFÍCIOS FISCAIS PARA EMPRESAS

Como forma de impulsionar o desenvolvimento das empresas locais em projectos inovadores, em articulação com a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, “a matéria colectável sujeita ao imposto complementar de rendimentos destas empresas beneficiará de uma dedução de 300 por cento para os primeiros três milhões de patacas do valor total das despesas de investigação e desenvolvimento qualificadas, e de 200 por cento para o montante remanescente, sendo o valor máximo de dedução de 15 milhões de patacas,” afirmou Chui Sai On.



• EMPREGO PARA TODOS

O Executivo pretende fomentar a contratação de residentes com mais de 65 anos e de portadores de deficiência que reúnem determinadas condições, aumentando o valor dos rendimentos anuais isentos do imposto profissional destes trabalhadores para 198 mil patacas.



• PLANO DE COMPARTICIPAÇÃO PECUNIÁRIA REVISTO EM ALTA

O Governo vai dar continuidade ao plano de Plano de Participação Pecuniária, mas com aumentos nos valores. “Propomo-nos atribuir, em 2019, o montante de 10 mil patacas a cada residente permanente e o montante de 6000 patacas a cada residente não permanente”, afirmou Chui Sai On. O Programa de Participação nos Cuidados de Saúde, no valor de 600 patacas, será mantido.



• SUBSÍDIO DE NASCIMENTO REVISTO

A partir de 2019, o montante do subsídio de nascimento atribuído pelo Fundo de Segurança Social passa a ser de 5260 patacas. Ambos os progenitores podem apresentar o pedido.



• ISENÇÃO DE IMPOSTO COMPLEMENTAR

Está prevista a isenção do imposto complementar sobre rendimentos provenientes do investimento em obrigações de autoridades do Interior da China e de empresas estatais comercializadas em Macau, bem como a isenção do imposto do selo sobre a emissão e aquisição dessas obrigações.



• **CONTRIBUTO DOS PORTUGUESES E MACAENSES**

Chui Sai On notou que “os macaenses de ascendência portuguesa e os portugueses residentes em Macau desempenham um papel importante no fomento do intercâmbio cultural entre a China e outros países”. “O Governo valoriza as suas culturas, costumes e hábitos, salvaguarda os seus direitos e interesses legais e apoia a sua participação no desenvolvimento da RAEM juntamente com toda a população de Macau.”



• **EDUCAÇÃO COM MAIS APOIOS**

Os subsídios para aquisição de material escolar para os estudantes com dificuldades económicas passam a ser de 2500 patacas para estudantes do ensino infantil e primário e de 3250 patacas para estudantes do ensino secundário. O subsídio de alimentação, no montante de 3800 patacas, irá manter-se. Ainda no caso de estudantes provenientes de famílias com dificuldades económicas, estes vão receber 4000 no caso dos ensinos infantil e primário, 6000 patacas no

ensino secundário geral e 9000 patacas no ensino secundário complementar, relativamente a subsídio para propinas. Para os outros estudantes, o subsídio para aquisição de manuais escolares aumenta para 2300 patacas para estudantes do ensino infantil, 2900 patacas para estudantes do ensino primário e 3400 patacas para estudantes do ensino secundário.

Para o ensino superior foi aumentado o subsídio para aquisição de material escolar para 3300 patacas por residente.



• **REVISÃO DA LEI DE TERRAS**

O Governo irá proceder a uma consulta pública de forma a avançar para um estudo aprofundado relativamente à implementação da Lei de Terras. O Comissariado contra a Corrupção “irá efectuar uma análise abrangente sobre a situação dos terrenos cuja concessão tenha sido declarada caducada e irá apresentar uma proposta e algumas recomendações para o aperfeiçoamento da supervisão e gestão da concessão de terrenos, que servirão de base para elaboração do planeamento geral de Macau, com vista a resolver adequadamente a questão de terras de Macau”, anunciou Chui Sai On.



• **AUMENTO DOS SUBSÍDIOS DE INVALIDEZ**

O Governo vai aumentar os montantes anuais do subsídio de invalidez normal e do subsídio de invalidez especial para 9000 e 18 mil patacas.



• **CIDADE ECOLÓGICA**

“Será estabelecido um mecanismo de tratamento integrado de fontes móveis de poluição e importadas máquinas para a recolha de garrafas de plástico”, frisou o Chefe do Executivo, acrescentando que “estará concluído, no próximo ano, o processo legislativo da limitação do uso de sacos de plástico”. Será ainda concretizado o projecto de instalação de 200 pontos de carregamento de veículos eléctricos. O Governo pretende ainda avançar com um concurso público para criar um centro de reciclagem de materiais de construção num terreno com cerca de 15 mil

metros quadrados. Outros 30 mil metros quadrados vão estar reservados para a construção das instalações de tratamento centralizado de resíduos alimentares, destinadas ao tratamento de, pelo menos, 50 por cento dos resíduos alimentares produzidos diariamente.



PONTE HONG KONG-ZHUHAI-MACAU

Um novo capítulo para a Área da Grande Baía

O Presidente Xi Jinping anunciou a abertura, a 23 de Outubro, da maior ponte sobre o mar, que conecta as regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong e a cidade de Zhuhai, na província de Guangdong

T BRUNA PICKLER
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O PRESIDENTE XI JINPING considerou a ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau, a travessia marítima mais longa do mundo, como um projecto-pilar do País. O chefe de Estado, que

é também secretário-geral do Comité Central do Partido Comunista da China e presidente da Comissão Militar Central, anunciou a abertura da estrutura de 55 quilómetros de extensão numa cerimónia oficial, que decorreu no dia 23 de Outubro em Zhuhai. A cerimónia de abertura, presidi-

da por He Lifeng, chefe da Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (CNDR), foi organizada conjuntamente pela CNDR, o Ministério dos Transportes, o Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado, e pelos governos das regiões administrativas espe-



Após a cerimónia de inauguração, Xi Jinping dirigiu-se aos representantes dos cerca de 50 mil trabalhadores envolvidos no projecto

ciais (RAE) de Macau e Hong Kong e da província de Guangdong.

Mais de 800 pessoas participaram no evento, incluindo representantes dos cerca de 50 mil trabalhadores da construção civil, engenheiros e *designers* envolvidos na construção da ponte. Os altos dirigentes de Macau, Hong Kong e Guangdong saudaram a abertura da ponte nos seus discursos oficiais, tendo sublinhado que esta mega infra-estrutura é uma conquista que abre um novo capítulo para as três partes envolvidas. O reforço na cooperação no âmbito da Área da Grande Baía de Guangdong-Hong Kong-Macau e a consolidação dos pontos fortes de cada um dos territórios, contribuindo para o desenvolvimento nacional, foram os benefícios mais assinalados.

De acordo com o jornal de língua inglesa *China Daily*, Li Xi, secretário do Comité do Partido Provincial de Guangdong, disse que a abertura da ponte é um marco para a cooperação Guangdong-Hong Kong-Macau num novo patamar. No seu discurso, o alto dirigente apontou que a entrada em funcionamento da travessia significa a realização de uma aspiração compartilhada pelos povos das três regiões, sendo, também, o resultado de uma colaboração inovadora na região.

Já a Chefe do Executivo de Hong Kong, Carrie Lam Cheng Yuet-ngor, frisou que a ponte cria uma nova vitalidade para o desenvolvimento da



região administrativa especial. Com melhores ligações ao Interior do País e a Macau, Hong Kong estará numa posição mais vantajosa para explorar oportunidades de desenvolvimento mutuamente benéficas no contexto da Área da Grande Baía, afirmou a responsável.

Após a cerimónia, Xi Jinping dirigiu-se aos representantes das equipas de construção e gestão da estrutura na ilha artificial onde a ponte e o túnel subaquático se encontram. O Presidente elogiou os esforços de todos os trabalhadores, que superaram as dificuldades e concluíram o projecto graças às tecnologias avançadas e à experiência



acumulada na área da gestão. Observando que a ponte é um projecto extraordinário que estabeleceu uma série de recordes mundiais, Xi Jinping referiu que a infra-estrutura mostra o espírito trabalhador da China, a capacidade de inovar e a ambição de conquistar desafios numa escala global. É uma ponte que representa “confiança” e “rejuvenescimento”, afirmou o Presidente, acrescentando que a sua abertura promove uma forte certeza no sucesso do sistema e da cultura do

socialismo com características chinesas. O chefe de Estado apontou ainda que esta obra prova que o socialismo é conseguido através do trabalho árduo. Xi Jinping referiu, como uma grande responsabilidade da equipa gestora, que a ponte não seja apenas de alta qualidade – a sua durabilidade é de 120 anos –, mas que também seja bem mantida, cumprindo assim a sua função e o seu papel na construção da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. A maior travessia marítima do mun-

do conecta os três importantes parceiros da Área da Grande Baía – a província de Guangdong e as duas RAE, que juntos deverão gerar um PIB de 4,62 biliões de dólares norte-americanos até 2030 – maior do que o número das baías de Tóquio, no Japão, ou Nova Iorque, nos EUA.

Um dia histórico para Macau

O Chefe do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), Chui Sai On, proferiu um discurso na



ocasião, durante o qual destacou a importância da abertura da circulação da nova ponte e salientou que a mesma está revestida de um enorme significado a níveis político, económico e social.

Na sua intervenção, Chui Sai On disse que, politicamente, esta estrutura representa a primeira construção de grande envergadura a englobar a província de Guangdong e os dois territórios de Hong Kong e Macau, o que se traduzirá no enriquecimento e desenvolvimento do princípio “um país, dois sistemas”.

Em termos económicos, o Chefe do Executivo da RAEM acredita que esta infra-estrutura será capaz de colmatar eficazmente um passado de deficiências na acessibilidade do tráfego de transportes terrestres, além de promover o desenvolvimento económico conjunto da região. Acrescentou, assim, que a Grande Baía não conecta apenas “um país, dois sistemas” e três zonas aduaneiras, mas também beneficia toda a região ao promover um desenvolvimento económico estratégico. A nível social, Chui Sai On referiu que desde a criação da RAEM, em 1999, o intercâmbio de pessoas com o Interior do País tornou-se cada vez mais frequente e a abertura da ponte contribuiu para encurtar distâncias geográficas, possibilitando o aprofundamento das relações de amizade. No posto fronteiriço da ponte é ainda aplicado o “modelo de inspeção fronteiriça integral”, que facilita as deslocações de pessoas entre Guangdong e Macau. Por outro lado, demonstra os avanços nos trabalhos de inovação dos modelos de passagem fronteiriça, acrescentou o Chefe do Executivo.

Chui Sai On indicou ainda que a infra-estrutura é um grande projecto na história arquitectónica chinesa, bem como um símbolo do desenvolvimento do “sonho da China”. A sua abertura dá-se no primeiro ano da implementação plena do espírito do 19.º Congresso Nacional do Partido Comunista da China e numa altura em que se assinala o 40.º aniversário da reforma e abertura do País, o que aumenta o



ASFALTO COM TEMPO DE VIDA DE 15 ANOS

A PONTE HONG KONG-ZHUHAI-MACAU EM NÚMEROS

EXTENSÃO TOTAL 55KM

- 22,9 QUILOMETROS DE PONTE
- 6,7 QUILOMETROS DE TÚNEL SUBAQUÁTICO
- 29,7 QUILOMETROS DE AUTOESTRADAS

DURABILIDADE 120 ANOS

PROFUNDIDADE DO TÚNEL 40 METROS

TEMPO DE CONSTRUÇÃO 9 ANOS

ESTRUTURA
400.000 TONELADAS DE AÇO
2156 MÓDULOS PARA O TABULEIRO PRINCIPAL
* EQUIVALENTE A 60 VEZES O TAMANHO REAL DA TORRE EIFFEL

SUPOORTA TREMORES DE TERRA DE MAGNITUDE 8 NA ESCALA RITCHER

SUPOORTA TUFÕES DE INTENSIDADE 16

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO 24 HORAS, SEM INTERRUPÇÕES

CUSTOS DA TRAVESSIA POR AUTOCARRO ENTRE MOP 65 E MOP 190

3 ILHAS ARTIFICIAIS POSTOS FRONTEIRIÇOS

TEMPO DE TRAVESSIA 45 MINUTOS ENTRE MACAU E HONG KONG

QUOTA DE MACAU

- 600 VEÍCULOS
- 300 PRIVADOS
- 300 COMERCIAIS

CIRCULAÇÃO DE VEÍCULOS PREVISTA 29.100 (ATÉ 2030)

PREVISÃO DE PASSAGEIROS 250.000 POR MÊS

significado histórico deste momento. A zona fronteiriça de Macau cobre uma área de 71,6 hectares, incluindo um edifício de seis andares onde funcionam os postos de imigração e alfândega, dois parques públicos de

estacionamento com mais de 6000 vagas para veículos particulares e outros 2000 para motociclos, e outras instalações administrativas. Os serviços transfronteiriços estão disponíveis 24 horas por dia. ■



Apelo ao contributo de Macau e Hong Kong

No âmbito das comemorações do 40.º aniversário da Reforma e Abertura Nacional, o Presidente Xi Jinping sublinhou o papel único e insubstituível das regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong para a reforma e abertura da China na nova era. Por isso, deixou o apelo para que as duas regiões se integrem melhor no desenvolvimento geral da nação

T BRUNA PICKLER

O **PRESIDENTE** do País, Xi Jinping, apelou em Novembro aos “compatriotas em Macau e Hong Kong” para que participem de forma mais “proactiva” na reforma e abertura da China, com “sincero patriotismo”. Os comentários foram proferidos quando o Presidente se reuniu com uma delegação de cerca de 210 representantes das duas regiões administrativas especiais (RAE), que estiveram em Pequim para celebrar o 40.º aniversário da Reforma e Abertura Nacional.

A posição e o papel de Macau e Hong Kong só serão fortalecidos em vez de enfraquecidos, frisou o Presidente. As duas RAE devem continuar a de-

sempenhar um papel de liderança e permitir que mais capital, tecnologia e talento participem do desenvolvimento de alta qualidade do País e numa nova era de abertura ao mundo, acrescentou.

Xi Jinping considerou que a abertura e a reforma económica encetadas pela China nas últimas quatro décadas foram as bases que permitiram que Macau, Hong Kong e o Interior do País se complementassem e prosperassem juntos, com as duas RAE a integrarem o seu desenvolvimento com o progresso do País.

O Presidente referiu que a reforma e a abertura do País, assim como o conceito “um país, dois sistemas”, entraram numa nova era. Para as duas RAE, a reforma e a abertura do

país constituem a maior plataforma, com a construção conjunta da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e o desenvolvimento da Área da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, representando grandes novas oportunidades.

No caso de Macau [ver caixa], Xi Jinping exortou esta região a intensificar o seu desenvolvimento como um centro mundial de turismo e lazer e uma plataforma de cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa. Já no caso de Hong Kong, o Presidente pediu o reforço do papel de centro financeiro, marítimo e comercial internacional, e a intensificação do desenvolvimento da região num centro internacional de inovação, ciência e tecnologia.

O balanço de Macau

Num balanço da deslocação da delegação de Macau a Pequim, o Chefe do Executivo da RAEM, Chui Sai On, expressou satisfação pelo facto de o Presidente ter recebido a delegação da RAEM e revelou ainda que, durante o encontro, Xi Jinping proferiu um discurso importante e fez uma retrospectiva sobre o grande esforço e contributo que individualidades de vários sectores de Macau e Hong Kong prestaram para a reforma e abertura nacional.

Chui Sai On considerou que as funções de Macau enquanto plataforma entre a China e os países de língua portuguesa são bastante visíveis e que a região possui uma série de vantagens na área do turismo e na estreita ligação com os países lusófonos. Além disso, destacou o bom desenvolvimento conseguido em parceria com as regiões vizinhas, numa complementaridade de vantagens que trazem novas dinâmicas à reforma e abertura na nova era.

Mudança radical

A China criou cerca de 375 milhões de empregos desde o início da reforma e abertura (1978) até 2017, segundo informação divulgada pela agência de notícias Xinhua. O número de empregos tanto rurais como urbanos no País totalizou 776 milhões no fim do ano passado, um aumento de 93 por cento em comparação com dados de 1978.

Nas zonas urbanas, 425 milhões de pessoas encontravam-se empregadas no fim de 2017, um aumento de 346 por cento em relação a 1978.

O salto na criação de postos de trabalho foi acompanhado pelo forte cres-

cimento económico. O PIB registou um crescimento anual médio aproximado de 9,5 por cento nos últimos 40 anos.

Durante as últimas décadas, a taxa de desemprego registado nas áreas urbanas manteve-se num nível relativamente baixo. De meados dos anos 1980 até o fim do século XX, a taxa era menor que 3,1 por cento, e desde então ficou entre 4 e 4,3 por cento, antes de cair para 3,9 por cento em 2017, ainda segundo a agência de notícias Xinhua.

A tendência positiva tem-se mantido durante 2018. Um total de 7,52 milhões de novos empregos foi gerado nas áreas urbanas nos primeiros seis



Chui Sai On discursou sobre a participação de Macau nos 40 anos da reforma nacional

meses deste ano, 170 mil a mais que o mesmo período do ano passado. A taxa de desemprego registado nas áreas urbanas ficou em 3,83 por cento no primeiro semestre. ■

4 DESEJOS PARA MACAU

Chui Sai On referiu que Xi Jinping apresentou quatro desejos para que Macau e Hong Kong continuem a potenciar as suas vantagens por forma a se integrarem na conjuntura de desenvolvimento da nova era do País

- 1.** O empenho de toda a população de Macau na participação da economia do País. Reforçar a construção do Centro Mundial de Turismo e Lazer e da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa
- 2.** Potenciar as suas vantagens e inovar os sistemas e mecanismos para impulsionar a circulação de elementos com os quais se possa cultivar uma nova dinâmica de crescimento económico no âmbito da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau e na construção da iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota”
- 3.** Melhorar a implementação da Constituição e da Lei Básica de Macau, aprofundando os seus conhecimentos sobre essas leis e tendo em consideração que a implementação da Lei Básica dá garantias à sociedade; ao mesmo tempo, o governo precisa de elevar a sua capacidade de governação. Impulsionar activamente o intercâmbio cultural a nível internacional
- 4.** Macau sendo um local de cultura chinesa, em harmonia e convivência com outras culturas, propicia o intercâmbio entre as culturas oriental e ocidental. Para manter as suas características de cidade internacional, é necessário aproveitar as vantagens de comunicação com o exterior para espalhar a cultura chinesa, promovendo a história chinesa e o sucesso da concretização em Macau da medida “Um País, Dois Sistemas”.



Presidente Xi Jinping com o Chefe do Executivo da RAEM Chui Sai On, a Chefe do Executivo da RAEHK, Carrie Lam, e representantes das duas delegações que participaram nas celebrações do 40.º aniversário da reforma e abertura do País, em Pequim



MIF 2018

Crónica de um amanhã sorridente

Moçambique apresentou-se com a maior delegação de sempre na 23.ª edição da Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa). Ao longo dos três dias do certame, foram assinados 75 protocolos de cooperação, alguns dos quais tendo em vista investimentos na “Pérola do Índico”

T MARCO CARVALHO
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

DEPOIS DO sector da habitação, o da energia. Há cinco anos em Moçambique, a Charlestrong Engenharia Tecnologia e Consultoria (Macau) Ltd. deverá assinar nos próximos meses um acordo com as autoridades moçambicanas, tendo em vista a construção de uma Central Térmica a carvão na província de Tete. A informação foi reiterada por Afonso Chan, vice-presidente da empresa, durante a 23.ª edição da Feira Internacional de Macau (MIF, na sigla inglesa). O maior certame empresarial da RAEM



teve este ano Moçambique como país parceiro e a Charlestrong – empresa local que, em 2013, iniciou o seu processo de internacionalização naquele país africano – foi uma das entidades em destaque no certame, sendo apresentada como um exemplo de sucesso no que toca ao investimento feito pelas pequenas e médias empresas de Macau nos países de língua portuguesa. Depois de ter rematado em 2016 a construção de 240 fracções residenciais nas imediações de Maputo, e de ter assinado em 2015 um contrato com o Fundo de Fomento para a Habitação de Moçambique para edificar 35 mil outros focos habitacionais, a

AO LONGO DOS TRÊS DIAS DO CERTAME FORAM ASSINADOS 75 PROTOCOLOS DE COOPERAÇÃO, ALGUNS DOS QUAIS TENDO EM VISTA INVESTIMENTOS COM MOÇAMBIQUE, O PAÍS EM DESTAQUE DA PLPEX

Charlestrong direcciona agora atenções para o sector energético, o domínio que apresenta, em Moçambique, um maior potencial de crescimento. A empresa está a conduzir desde meados deste ano um estudo de viabilidade relativo à construção de uma nova Central Térmica a carvão com ca-

pacidade para providenciar à região de Tete 300 megawatts adicionais de energia. O contrato deve ser assinado dentro em breve. “No nosso menu de investimentos, o sector da construção civil – nomeadamente de habitação social – continua a ser o prato principal, mas a Charlestrong começa



também a olhar para outros sectores”, avança Afonso Chan.

O projecto, que envolve a empresa estatal Electricidade de Moçambique e o Directório Nacional de Energia do país, deverá custar ao Executivo de Maputo cerca de 300 milhões de dólares norte-americanos e ser conduzido pela Charlestrong em parceria com uma das maiores empresas chinesas do sector energético, a China Machinery Engineering Corporation. “Faltam pequenos detalhes para que o acordo seja assinado. Depois de assinado, tencionamos avançar o mais rapidamente possível para a construção do projecto.”

A construção da infra-estrutura deve ter início no próximo ano, devendo estar concluída entre 2021 e 2022, dotando a Charlestrong de experiência que poderá mostrar-se útil quando a extracção de gás natural no norte do país arrancar, dentro de quatro anos.

“MOÇAMBIQUE ESTÁ CONDENADO A SER UM PAÍS RICO. É UM PAÍS RICO EM TERMOS DAQUILO QUE VAMOS COLOCAR NO MERCADO”, APONTA LOURENÇO SAMBO, DIRECTOR-GERAL DA APIEX DE MOÇAMBIQUE

Em Maio, o Ministério dos Recursos Minerais e Energia de Moçambique anunciou que o consórcio liderado pela italiana ENI e pela norte-americana ExxonMobil vão iniciar a extracção e a liquefacção de gás natural na bacia do rio Rovuma, no último trimestre de 2022, inaugurando o que se acredita ser uma nova era de prosperidade para o país.

A Charlestrong não esconde o interesse em poder vir a explorar oportunidades no domínio do gás natural, ainda que Afonso Chan reconheça que, por si só, a empresa não tem capaci-

dade para assumir a execução de nenhum dos projectos que a exploração do gás natural vai tornar necessários. “Ainda estamos muito longe de poder vir a discutir o que quer que seja em relação ao gás natural”, admite o empresário. “O gás natural é outro nível. Precisamos, obviamente, de consultar a opinião do nosso parceiro estratégico. No caso do gás natural, o que a Charlestrong pode fazer é chamar a si o papel de plataforma, na qualidade de consultora e também como promotora de um eventual projecto”, explica o vice-presidente da empresa.





Prosperidade anunciada

O primeiro navio com gás natural liquefeito destinado ao estrangeiro só deve zarpar do norte de Moçambique a 1 de Novembro de 2022, de acordo com as estimativas do Executivo de Maputo, mas o potencial das jazidas de Cabo Delgado e, em menor medida, de Inhambane, estiveram incontornavelmente entre os principais motivos de conversa da edição de 2018 da MIF.

Logo no primeiro dia do certame, o

ministro da Indústria e do Comércio de Moçambique, Ragendra de Sousa, deixou claro que Maputo conta com a República Popular da China e com a RAEM para ajudar a alavancar projectos na área do gás natural. “Prendemos privilegiar o empresariado local, mas sem prejudicar o andamento do projecto. Não tendo capacidade interna, o país está aberto a convidar empresários e esta é a plataforma ideal”, defendeu o governante. “Aqui falamos para Portugal, Angola, Cabo

Verde e também falamos para Macau e para a China. Estão todos convidados a participar nos projectos do gás.” A 1 de Janeiro de 2016 Moçambique possuía reservas provadas de gás natural no valor de 2,832 biliões de metros cúbicos, um valor que colocava o país na liderança isolada do ranking dos principais produtores africanos de hidrocarbonetos.

Por reservas provadas entende-se a quantidade de gás natural que, através da análise de dados geológicos, são consideradas – com um alto grau de confiança – comercialmente recuperáveis.

Em Moçambique, o potencial energético dado já como adquirido é suficiente para colocar o país entre os principais produtores mundiais de gás natural, mas as autoridades moçambicanas estão convictas que o volume de hidrocarbonetos existentes ao largo de Cabo Delgado é bem mais significativo.

O Executivo moçambicano acredita que até 2030 poderá ter descoberto o dobro das reservas identificadas. As perspectivas em relação a novas descobertas são animadoras e o Governo de Maputo prevê que ao longo dos próximos 12 anos possa ter localizado o dobro dos actuais 180 mil milhões de pés cúbicos encontrados na bacia do Rovuma, ao largo da costa norte do país.

“Moçambique está condenado a ser um país rico. É um país rico em termos daquilo que vamos colocar no mercado”, aponta Lourenço Sambo, director-geral da Agência para a Promoção de Investimento e Exportações (APIEX) de Moçambique. “Fazendo uma análise comparativa, no caso concreto do gás, dentro de cinco anos Moçambique vai superar o Qatar em termos de reservas provadas, numa altura em que ainda estamos a conduzir pesquisas.”

Com o início da extracção e da exportação de gás natural, a riqueza gerada por Moçambique deverá crescer de forma exponencial. Dados publicados em Março pela Empresa Nacional de Hidrocarbonetos (ENH) dão conta de que só na área 4 da bacia do Rovu-



O BALANÇO

Durante a 23.ª MIF e a edição de 2018 da Exposição de Produtos e Serviços dos Países de Língua Portuguesa (PLPEX), que decorreram entre 18 e 20 de Outubro, foram assinados um total de 75 protocolos. Entre os memorandos firmados, alguns envolveram governos, mas a esmagadora maioria refere-se a empresas e outras entidades privadas, que se manifestaram interessadas em cooperar em sectores com a indústria das convenções e exposições, o turismo, a agricultura e as indústrias culturais e criativas e em domínios como as tecnologias de protecção ambiental, o comércio electrónico transfronteiriço, a formação de quadros qualificados e a promoção e o agenciamento de produtos. A 23.ª edição da MIF reuniu mais de um milhar e meio de expositores. Já a PLPEX reuniu num espaço com mais de 6000 metros quadrados representantes de empresas e de organizações de oito países lusófonos e ainda de agentes de produtos e serviços lusófonos baseados na Grande China.

Para o Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), as duas iniciativas tiveram o condão de ajudar “as empresas a terem acesso às oportunidades de desenvolvimento na construção da [iniciativa] ‘Uma Faixa, Uma Rota’ e [do projecto] da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, permitindo-lhes também tirar proveito das vantagens trazidas pelo papel de Macau como plataforma sino-lusófona para explorar oportunidades de negócio”.

ma, explorada pela petrolífera norte-americana Anadarko, “o Estado vai encaixar anualmente 16 mil milhões de dólares norte-americanos” em receitas fiscais. Actualmente, o Produto Interno Bruto (PIB) de Moçambique é de 11,1 mil milhões de dólares.

O enorme manancial de prosperidade inerente à exploração dos campos de gás natural do Rovuma não suscita, no entanto, apenas entusiasmo junto dos líderes moçambicanos. Suscita também cautela. Lourenço Sambo assegura que o Governo de Maputo está consciente dos desafios que a afluência massiva de capital representa para a economia moçambicana e defende, por isso, que o sector dos hidrocarbonetos deve servir, sobretudo, como pedra basilar de uma economia diversificada e pautada pelo equilíbrio. “As perspectivas são muito boas no caso de Moçambique, mas é preciso combinar outros sectores numa lógica de diversificação económica. Uma economia só é verdadeiramente bem-sucedida quando entendida sob este prisma.”

Uma das metas do processo de diversificação económica que Maputo quer impulsionar com o contributo do dinheiro do gás natural não passa tanto por um fomento natural das exportações, mas sobretudo por dirimir a dependência que o país apresenta face ao exterior. “É verdade que o mercado do gás nos vai trazer grandes vantagens, que o potencial do turismo que nós temos é uma coisa extraordinária. É preciso olhar para a questão das exportações vendo também o lado oposto. E essa perspectiva passa por substituir as importações que nós temos, produzindo aquilo que importamos”, defende Lourenço Sambo.

O hambúrguer de feijão

Para António Matonse, a presença na PLPEX 2018 serviu, sobretudo, para tomar o pulso ao potencial de negócio da versão aprimorada de um dos mais populares *snacks* moçambicanos, a badjia.

Antigo Embaixador de Moçambique em Angola, Matonse lidera a 25 Inves-



timentos e Consultoria, que patenteou o “Badjiaburger”. “Promovemos um casamento entre a badjia – o nosso pastel feito com feijão nhemba – e o hambúrguer clássico. Em Moçambique consome-se muito a badjia. É um pastel do tamanho de uma colherinha que toda a gente come, dos mais jovens aos mais velhos. O sabor é familiar”, sustenta.

Virtualmente desconhecida fora de portas, a badjia, aponta António Matonse, tem potencial para conquistar o mundo, até porque é um produto “moderno”, que se coaduna com as tendências actuais de consumo. “É

um produto inovador. É um hambúrguer vegetariano e sabemos que as questões de saúde estão hoje em primeiro plano. Consumimos muita carne e a Organização Mundial de Saúde recomenda o consumo de mais vegetais. Por isso, este hambúrguer vai ao encontro das recomendações das autoridades de saúde internacionais.”

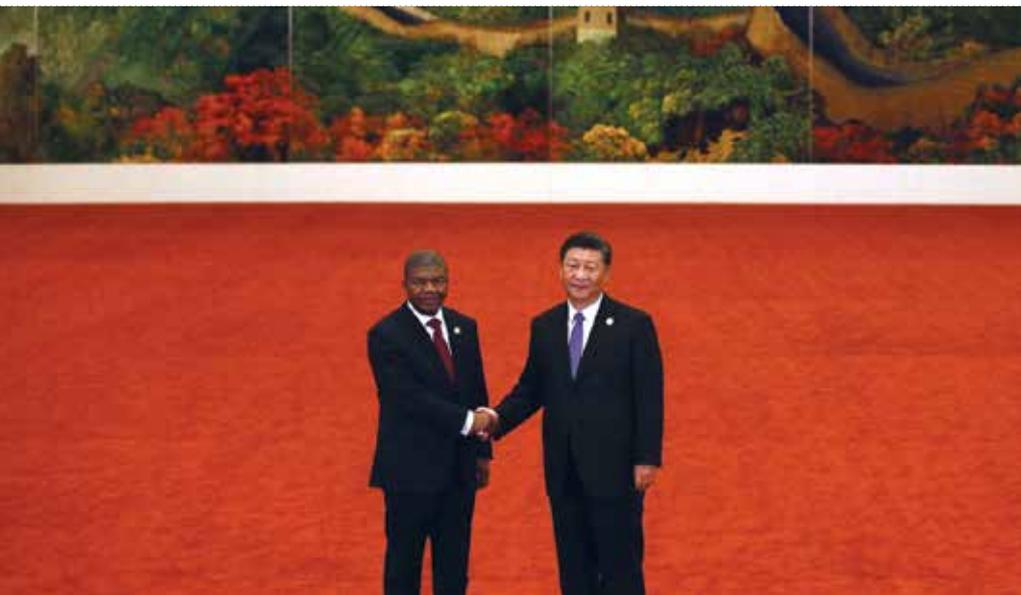
O potencial de negócio do “Badjiaburger” é atestado por Eleutério Mabdjaia, director de Assistência Financeira do Instituto para a Promoção das Pequenas e Médias Empresas de Moçambique (IPEME), tendo como barómetro o sucesso da badjia

nas ruas e nos mercados informais de Maputo e das principais cidades moçambicanas. “A badjia é um produto muito conhecido em Moçambique. Esta inovação pegou num produto já sobejamente conhecido, juntou-lhe alguns condimentos que são do gosto da maior parte das pessoas. O formato de hambúrguer ajuda a tornar o produto mais atractivo.”

A intenção é entrar no mercado de Macau, através da venda de uma franchising a um investidor local. “Tivemos um encontro com um investidor, que demonstrou interesse em abraçar o negócio”, revela Eleutério Mabdjaia. Em Macau o “Badjiaburger” deu-se ainda a conhecer no Festival da Lusofonia, onde esteve por breves momentos disponível para prova no expositor da Associação dos Amigos de Moçambique. A iguaria arrancou elogios, deixando António Matonse com boas perspectivas face à afirmação deste projecto empresarial. “Pode ser um símbolo, um emblema, um ícone. Com a badjia o que estamos a fazer é a explorar o lado positivo, o lado saboroso da geografia, da história e da cultura.” ■

EMPRESAS DE FUJIAN QUEREM PLANTAR CHÁ NA COSTA DO ÍNDICO

A edição de 2018 da MIF teve Moçambique como país parceiro e Fujian como província associada. Um dos momentos altos do certame foi o “Fórum para o Comércio e o Investimento entre Moçambique, a Província de Fujian e Macau”, uma iniciativa que colocou frente-a-frente empresários, responsáveis políticos e potenciais investidores de três regiões. O certame deu azo à assinatura de oito protocolos. Um dos projectos mais promissores é o que prevê a criação, por parte de empresas de Fujian, de pelo menos uma plantação de chá preto em Moçambique.



Relações China-Angola relançadas

João Lourenço termina visita a Pequim com novo empréstimo e perspectiva de novos investimentos. Comunidade angolana de Macau está optimista face a uma nova fase nas relações bilaterais

T JOSÉ CARLOS MATIAS

O PRESIDENTE angolano, João Lourenço, encerrou uma visita de dois dias à China, em Outubro, com garantia e um empréstimo de dois mil milhões de dólares e elogios do homólogo chinês, Xi Jinping, à sua governação. Os encontros em Pequim tinham como objectivo o relançamento das relações bilaterais e um novo foco no investimento chinês. No primeiro dia de visita, o Presidente de Angola conseguiu atingir um dos objectivos que o levou à China: o financiamento. O Banco de Desenvolvimento da China vai conceder um novo empréstimo a Luanda de dois mil milhões de dólares, uma verba que será destinada a financiar projectos estruturantes no país. “Para sermos bem-sucedidos, precisamos dos recursos

financeiros, que prometemos usar bem, exclusivamente no interesse público, no interesse da economia e do desenvolvimento sócio-económico do país”, declarou João Lourenço.

O Presidente Xi Jinping, por sua vez, enalteceu o combate à corrupção e “reformas profundas” lançadas pelo homólogo angolano durante um encontro no Grande Palácio do Povo, em Pequim. “Após ser eleito presidente, [João Lourenço] impulsionou reformas profundas, combateu a corrupção e abriu-se ao mundo, com políticas que têm o apoio do povo angolano”, afirmou Xi. “Angola está a conseguir acelerar o seu desenvolvimento e acredito que vai registar progressos ao longo dos próximos anos”, acrescentou. As autoridades angolanas e chinesas assinaram também um acordo de promoção e protecção recíproca de

investimentos e outro para eliminar a dupla tributação e prevenir a fraude e a evasão fiscais.

Esta foi a segunda visita de João Lourenço a Pequim no espaço de 40 dias, depois de, no início de Setembro, ter participado na terceira cimeira do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC).

Representantes da comunidade angolana de Macau esperam que a visita do presidente angolano João Lourenço a Pequim sinalize uma nova fase nas relações sino-angolanas, com enfoque na procura do investimento mais estável e novas vias de financiamento chinês.

“Seria bom que Angola conseguisse assegurar algumas coisas que não alcançou nos primeiros acordos com a China, nomeadamente, a participação dos quadros angolanos em todos os grandes projectos de infra-estruturas”, começa por salientar Alexandre Correia da Silva, presidente da Associação Angola Macau (AAM).

Lourenço procura atrair um tipo novo de investimento chinês que não passe apenas pela obtenção de financiamentos, mas também por investimento estável e durável em Angola. “Essa é uma das questões-chave”, sublinha Correia da Silva, advogado angolano radicado em Macau há mais de três décadas e fundador da AAM, criada em 2005. Já há várias empresas estabelecidas em Angola, “mas ainda não há investidores chineses como na Europa porque temos restrições”, sublinha Correia da Silva, argumentando que é preciso abrir ainda mais a porta e criar melhores condições para o investimento direto externo.

Um outro advogado, Carlos Lobo, presidente da recém-criada Câmara de Comércio de Angola em Macau, também realça a importância de atrair novos investimentos chineses para Angola. O desenvolvimento de infra-estruturas continuará a ocupar um lugar central, “agora com o enquadramento da Iniciativa Faixa e Rota”. “Julgo que esta visita sinaliza um relançamento da relação com Pequim”, aponta Carlos Lobo. ■

NOVA PARCERIA LUSO-CHINESA CRIA LABORATÓRIO DE SATÉLITES

Lisboa e Pequim vão investir 50 milhões de euros nos próximos cinco anos num laboratório dedicado à construção de microssatélites. O ministro português da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior, Manuel Heitor, prevê que o STARlab já esteja em funcionamento em Março de 2019. O laboratório vai “desenvolver microssatélites em interligação com sensores em terra e no mar” que possam medir “as condições atmosféricas e a humidade do solo”, essenciais para a agricultura, e fazer observações oceânicas, revelou o ministro.



MOÇAMBIQUE VAI EXPORTAR PEIXE PARA A CHINA A PARTIR DE 2019

A Directora Provincial do Mar, Águas Interiores e Pesca de Tete revelou que esta região no centro de Moçambique vai exportar kapenta e tilápia para a China a partir do próximo ano. Fátima Cinco-Reis notou que os contactos com empresários chineses estão em andamento. “Com a venda deste tipo de peixe, o Governo vai arrecadar receitas, porque os empresários vão pagar impostos e os pescadores locais vão também receber dinheiro para sustentarem as suas famílias.”



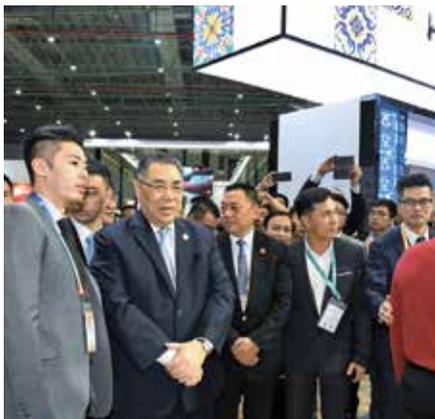
CAPITAL AIRLINES QUER LIGAR XI'AN E LISBOA

A Beijing Capital Airlines fez um pedido à Administração da Aviação Civil da China (CAAC, na sigla inglesa) para o lançamento de um voo directo entre Xi'an, no noroeste chinês, e Lisboa. Num comunicado da CAAC é referido que a Capital Airlines pretende executar o voo duas vezes por semana, a começar em Dezembro, com aviões Airbus A330, com capacidade máxima para 440 passageiros. O pedido foi feito dias antes da Capital Airlines suspender os voos directos entre a capital chinesa e Lisboa, a 15 de Outubro.

CONSTRUÇÃO DE BARRAGEM EM ANGOLA COM FINANCIAMENTO CHINÊS

O Banco Industrial e Comercial da China (ICBC, na sigla inglesa) vai financiar em cerca de 1,6 mil milhões de dólares norte-americanos a construção da barragem de Caculo Cabaça, em Angola. A notícia foi avançada por Luís Teles, presidente da Comissão Executiva do Standard Bank Angola (SBA), do qual o ICBC tem uma participação de 20 por cento. O responsável reforçou que o SBA e o ICBC querem financiar outras obras na província do Cuanza-Norte ligadas à barragem, nomeadamente na geração e transporte de electricidade e água. “Existe um conjunto de projectos identificados aquando da visita do Presidente da República à China e que estamos a analisar para desenvolver.”





EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE IMPORTAÇÃO EM XANGAI COM PRODUTOS LUSÓFONOS

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) apresentou no início de Novembro produtos locais e dos países lusófonos na primeira Exposição Internacional de Importação da China (CIIE), que teve lugar em Xangai. A mostra, que contou com a participação de mais de 130 países, acolheu 39 empresas de Macau responsáveis pelo comércio de produtos locais, mas também de países de língua portuguesa com canais de distribuição na RAEM, de acordo com um comunicado do IPIM. Anunciada pelo Presidente Xi Jinping, em Maio do ano passado, durante o fórum "Uma Faixa, Uma Rota" para a cooperação internacional, a CIEE constitui uma medida de Pequim para apoiar a liberalização do comércio e a globalização económica, abrindo o mercado chinês ao mundo.



MACAU E MOÇAMBIQUE ESTREITAM COOPERAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR

O Instituto Politécnico de Macau (IPM) e a Universidade Zambeze, em Moçambique, vão desenvolver uma parceria na formação de docentes, intercâmbio de alunos e cooperação nos cursos de pós-graduação. Um dos projectos está ligado à área da investigação científica, explicou a directora da Escola Superior de Línguas e Tradução do IPM, Han Lili. Em relação à formação de docentes, Han Lili disse que "a troca de professores durante um período interessa aos docentes das duas instituições de ensino superior, especialmente aos professores dedicados aos estudos africanos ou asiáticos". No que diz respeito às áreas nas quais o IPM dará formação aos professores moçambicanos, a responsável sublinhou a indicação dada pelo reitor da Universidade Zambeze, Nobre Roque, ao apontar como prioridade "a qualificação do docente nas áreas da língua, cultura, literatura e eventualmente informática".



CHINA ABRE AS PORTAS À CARNE DE PORCO PORTUGUESA

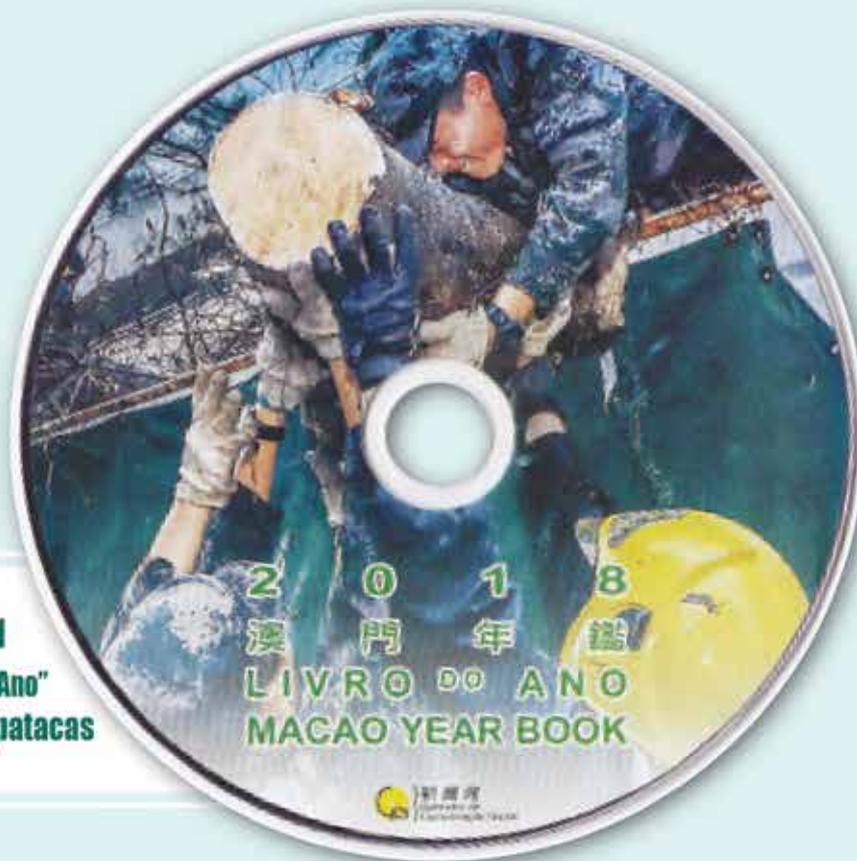
As negociações para a venda de carne de porco portuguesa na China estão concluídas, revelou o Ministro português da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, Luís Capoulas Santos. De acordo com o governante, o ministro responsável pela Administração Geral das Alfândegas da China, Ni Yuefeng, assegurou durante um encontro que "pequenos detalhes de natureza estritamente burocrática" ainda em falta estarão regularizados "nos próximos dias".

RAEM IMPORTOU MAIS 22% AOS PAÍSES LUSÓFONOS

Macau importou até Setembro mercadorias dos países lusófonos no valor de 582 milhões de patacas, um crescimento de 22 por cento em comparação com o mesmo período de 2017, informaram as autoridades locais. De acordo com dados da Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, Macau exportou para os países lusófonos mercadorias no valor de 24 milhões de patacas, mais 3,5 por cento face a igual período do ano passado. No total, as exportações de Macau subiram 5,9 por cento até ao final de Setembro, para 9,07 mil milhões de patacas, mas o défice da balança comercial continua a aumentar fruto do crescimento das importações em 21,7 por cento, para 56,87 mil milhões de patacas.



Macau 2018 Livro do Ano



**O CD edição especial
"Macau 2018 - Livro do Ano"
está à venda por 60 patacas**

A edição especial em língua chinesa, portuguesa e inglesa do CD "Macau 2018 - Livro do Ano", publicado pelo Gabinete de Comunicação Social, já se encontra à venda.

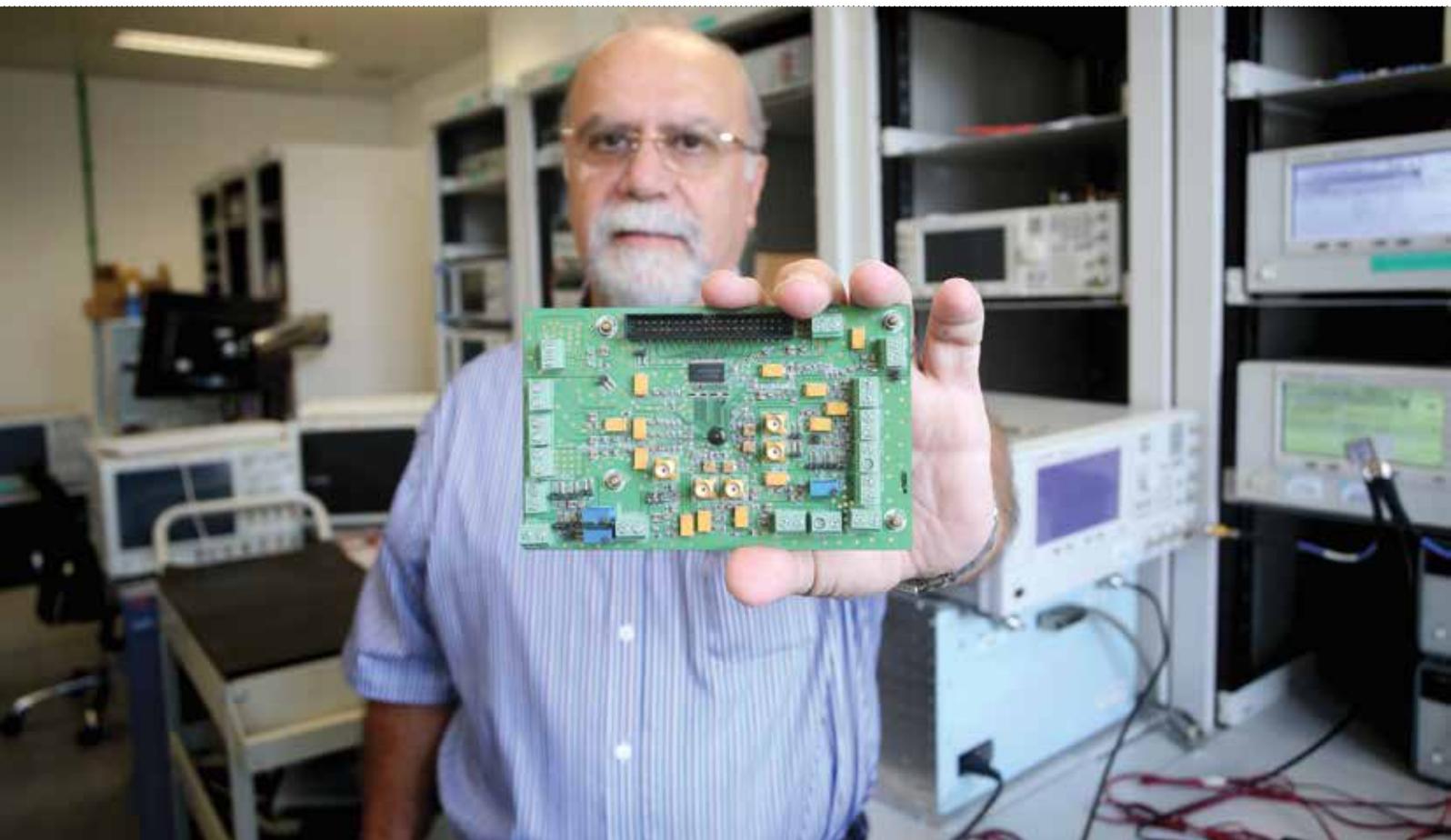
O anuário "Macau 2018 - Livro do Ano" regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. Desde 2002 que o "Macau - Livro do Ano" é publicado em três línguas, chinês, português e inglês.

A edição deste ano inclui um CD-ROM e um selo "Flor de Lótus", para expressar o apoio do Gabinete de Comunicação Social, de acordo com a política do Governo da RAEM, ao desenvolvimento das indústrias culturais e criativas de Macau.



Locais de venda:

Nas principais livrarias de Macau, no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações da Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.



Os *chips* que colocaram Macau no mapa

A Universidade de Macau tem desde 2003 um laboratório de microelectrónica que levou o nome da RAEM ao topo do mundo na área. Instituído como Laboratório de Referência do Estado desde 2011, o vice-reitor Rui Martins é responsável pelo projecto que cria *chips* que discutem com nomes grandes da tecnologia

T BRUNA PICKLER
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

O **PROFESSOR** Rui Martins, vice-reitor da Universidade de Macau (UM) e director do laboratório de microelectrónica da mesma, é também, desde Setembro, responsável pelos Assuntos Globais da instituição. O docente está na linha da frente das tec-

nologias de última geração da principal instituição de ensino superior da Região Administrativa Especial (RAEM) de Macau, que é já uma referência em todo o País, no âmbito da microelectrónica.

O laboratório de microelectrónica foi criado originalmente em 2003, mas apenas em 2009 é que foi requerida a elevação do mesmo para Laborató-

rio de Referência do Estado de Sinais Analógicos e Mistos VLSI. Após uma série de avaliações feitas pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, o mesmo tornou-se, em 2011, laboratório estatal, uma referência que se mantém até hoje no âmbito da microelectrónica. Naquela época, relembra Rui Martins, só havia uma licenciatura na Universidade de Macau e nem era

nesta área especificamente, mas sim focada em engenharia eletrotécnica. Depois deste feito, começaram a ser ministradas outras licenciaturas, depois mestrados e doutoramentos, um trabalho de mais de 26 anos.

Os chips

“Os chips em si são fabricados apenas em dois ou três sítios no mundo, que são muito especiais. O Japão também fabrica estes chips, porém, não para fins académicos, apenas para fins comerciais.” O vice-reitor explica que no laboratório trabalha-se com “dimensões nanométricas, como se fossem dimensões normais, pois, na realidade, essas dimensões são tão reduzidas que o olho humano não consegue perceber”.

O laboratório é exclusivamente de

Macau. Todos aqueles que trabalham no laboratório são formados pela instituição de ensino ou chegam da Universidade de Ciência e Tecnologia de Hong Kong.

Através de uma plataforma podem inserir o programa, controlar as camadas do circuito integrado e depois gravar para arquivo. Após este procedimento, o arquivo é enviado para quem faz o chip. “Depois temos que testar aqui, no equipamento. A fase final do circuito é fazer o layout, ou o desenho. Os circuitos que aqui estão são exclusivamente para investigação académica”, sublinha o docente.

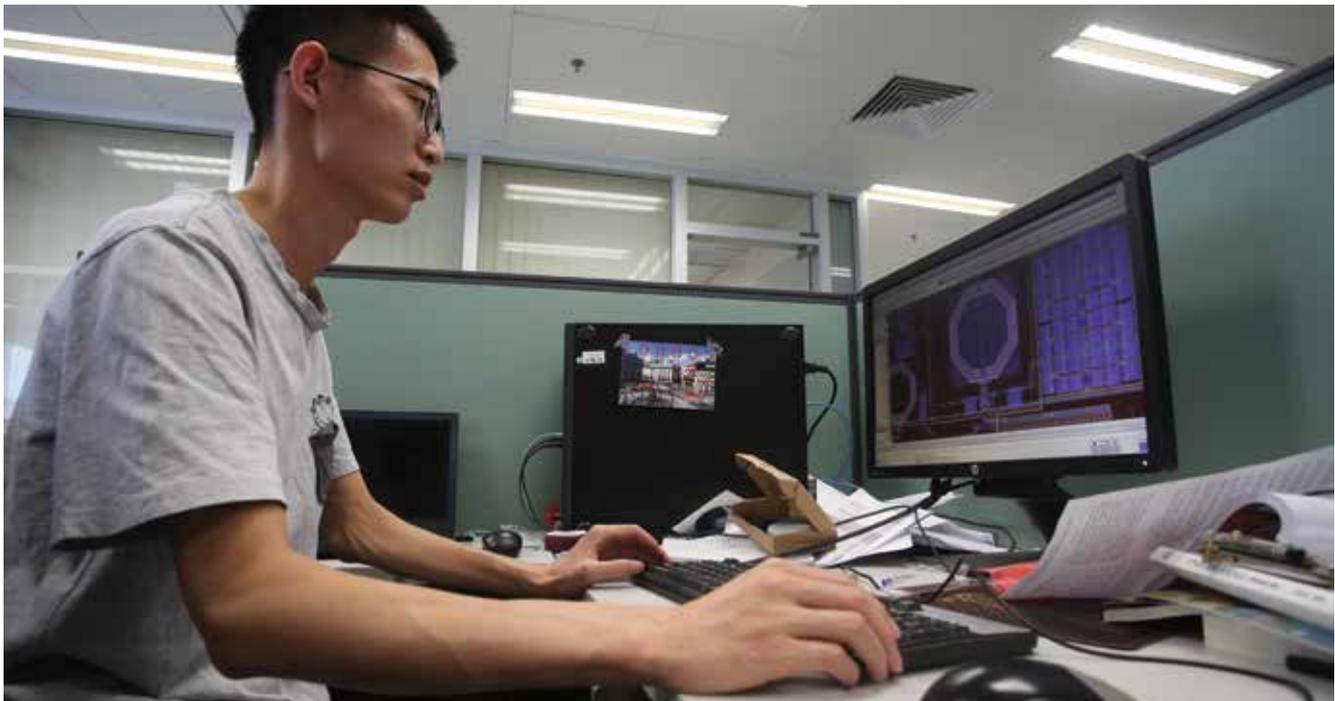
Quando os chips estão devidamente testados e prontos, dá-se origem à publicação destes trabalhos e divulgação nas feiras de São Francisco, anualmente. Os resultados são para os trabalhos

dos alunos de doutoramento”.

A parte prática deste trabalho surge depois, aplicando a tecnologia às empresas, trabalhando de perto no desenvolvimento de circuitos, “por exemplo, a Huawei”, refere Rui Martins, mas há outros com as quais têm contratos e que também se registam as patentes do laboratório. “Em electrónica trabalha-se com circuitos e estes são formados por transistores. E normalmente, consoante a dimensão mínima destes transistores, define-se o processo de fabricação que será utilizado.”

O transistor é um dispositivo que se projecta de uma forma plana num circuito e a dimensão mínima desse transistor é o que caracteriza o processo. “A electrónica tem evoluído ao longo dos anos em termos de redução dessas dimensões. E é por isso que há 60 anos não existiam transistores e sim válvulas, característica dos computadores à época, que eram enormes. Com o aparecimento dos computadores pessoais e portáteis, os tamanhos dos computadores já são menores e o que houve foi a redução das dimensões. Por exemplo, hoje em

○ LABORATÓRIO DE MICROELECTRÓNICA FOI CRIADO ORIGINALMENTE EM 2003, MAS APENAS EM 2009 É QUE FOI REQUERIDA A ELEVAÇÃO DO MESMO PARA LABORATÓRIO DE REFERÊNCIA DO ESTADO



Técnicos do laboratório utilizam computadores para acederem às dimensões nanométricas dos chips

dia, os pequenos computadores de bordo possuem a mesma potência dos computadores que um dia necessitavam de muito mais espaço”, explica o docente.

Redução das dimensões, redução da electricidade

“Neste momento nós trabalhamos com dimensões que estão ao nível de nanómetros. Portanto, um metro com nove zeros, ou zero vírgula nove zeros. E nesse momento um dos processos mais avançados em que estamos a trabalhar está em 28 nanómetros. Trabalhamos compondo os circui-

tos com vários transistores e outros elementos para funcionar essencialmente nas tecnologias e comunicações móveis. É aquilo que chamamos a Internet das coisas.”

O conceito de “Internet das coisas” está ligado ao conceito de cidades inteligentes. “Para que seja compreendida de forma prática, por exemplo, tem-se câmaras espalhadas por uma cidade, e as mesmas devem estar ligadas à electricidade para que tenham potência para trabalhar. Mas num futuro próximo, com a redução das dimensões dos circuitos, essas câmaras, além de se tornarem mais pequenas,

podem recolher energia do ambiente, ou seja, não necessitam estar ligadas a electricidade porque o ar possui os componentes magnéticos e a radiação, e os circuitos sendo menores, necessitam proporcionalmente de menos energia para funcionar”, sublinha Rui Martins.

O vice-reitor da Universidade de Macau explica assim aquilo que será a evolução do uso de energia, com recurso ao avanço da microelectrónica, quando os dispositivos em geral poderão armazenar energia, por exemplo, “recolher a potência do ar, tornando-se, assim, autónomos. Não precisam de outra energia para trabalhar, além daquela que os próprios captam do ambiente”. Rui Martins acrescenta que “esse tipo de circuitos já existe, porém, não a um nível acessível comercialmente. E estamos a trabalhar em estudos para que isto se torne cada vez mais acessível”.

TRABALHAMOS COMPONDO OS CIRCUITOS COM VÁRIOS TRANSISTORES E OUTROS ELEMENTOS PARA FUNCIONAR ESSENCIALMENTE NO QUE CHAMAMOS DE ‘INTERNET DAS COISAS’, NAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÕES MÓVEIS



UM coloca Macau no top 5 mundial

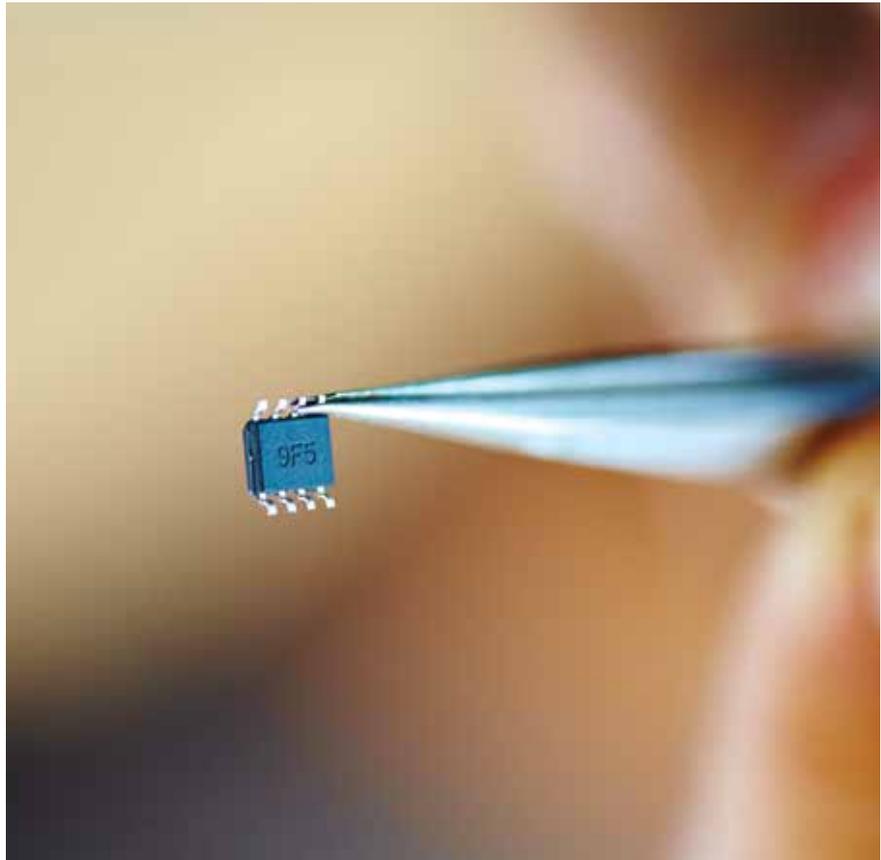
Macau ganhou o seu espaço tendo como referência o estatuto conquistado ano após ano na conferência ISSCC, que acontece em São Francisco, nos Estados Unidos. Acontece em Fevereiro, assim como a feira de produtos electrónicos e novos produtos em termos de equipamentos, o CES (Consumers Electronics Show), esta também anualmente mas em Las Vegas, no mês de Janeiro. “Estamos presentes nessas feiras, pois são as principais feiras onde se apresentam as novidades em termos de *chips*.”

A percentagem de aceitação dos trabalhos académicos da Universidade de Macau nesta conferência chega a ser maior do que a da conferência inteira, ou seja, o laboratório local é o principal agente que faz subir o ranking da República Popular da China no certame. “É uma competição brutal, que premeia o mundo inteiro, e os *chips* da Universidade de Macau tiveram 60 por cento de aprovação, sendo que dos 11 *chips* que foram submetidos, sete foram aceites”, realça Rui Martins.

Esta conferência envolve cerca de 4000 especialistas e aceita apenas 200 artigos, sendo assim, “muitíssimo restrita”, aponta o docente. A mesma conferência recebe apenas artigos de universidades de topo. “É muito competitivo, são aceites apenas 20 por cento dos artigos que são submetidos. Acontece há 65 anos.”

Um *paper*, como são designados em inglês estes artigos académicos, no caso específico desta feira tem apenas duas páginas. “Uma página é a fotografia do *chip* e a fotografia dos testes, e a outra página é o texto. Portanto desde 2011, esses resultados nessa conferência demonstram o patamar da actual prática em toda a China”, completa o responsável pelo laboratório.

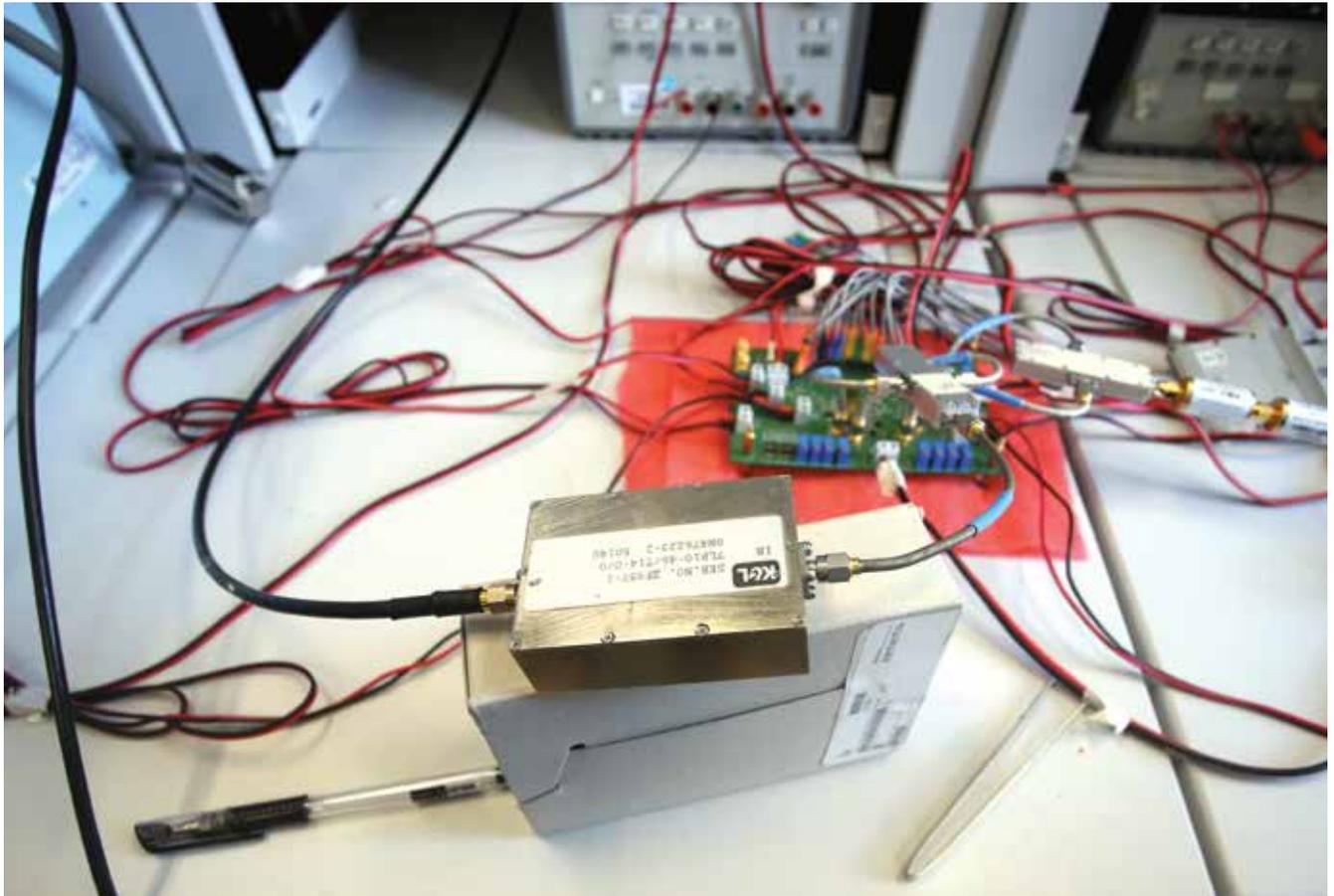
Além da Universidade de Macau, a Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau é das poucas que consegue publicar a este nível, e depois há outras academias chinesas, como



APOSTAR NA LUSOFONIA

Além do trabalho reconhecido no âmbito das ciências, o professor Rui Martins acumulou em Setembro o cargo de Assuntos Globais da Universidade de Macau, respondendo sobre as principais estratégias relativas aos países de língua portuguesa, com o objetivo de promover a universidade a nível internacional e melhorar as parcerias, especificamente, com o mundo da lusofonia. “A nível geral, temos uma colaboração há mais de 26 anos, havendo bolsas para os alunos de países de língua portuguesa, meramente africanos, a estudarem aqui em Macau.” Por via dessa parceria, a instituição recebe anualmente várias dezenas de alunos de países africanos de língua oficial portuguesa, essencialmente, para a área do Direito, “pois o Direito em Macau é muito semelhante ao desses países”, explica o docente. “Poucos alunos procuram outros cursos, como de gestão, engenharia ou ciências da comunicação.”

Há muitos anos que a universidade participa na Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP). Rui Martins presidiu essa associação entre 2014 e 2017, e foram organizados mais de cinco encontros destas universidades na RAEM. “A cooperação mantém-se. Existem alunos portugueses e brasileiros. Estamos agora a intensificar essas relações, com bolsas oferecidas a alunos internacionais para os anos de 2019 e 2020, e não apenas aos que vêm como intercâmbio, tanto no âmbito de graduação como de pós-graduação.”



No laboratório trabalha-se com dimensões nanométricas que são tão reduzidas ao ponto de o olho humano não as identificar

a Academia de Ciências de Pequim, que também possui algumas publicações, bem como as universidades de Chengdu, Tsinghua, e Fudan, nesta última, existe também um outro laboratório estatal.

“Este ano, se contarmos todos os *papers* do País, no total a China teve 14 *papers* e o Japão, 13. Foi a primeira vez que a China, em 105 edições, conseguiu superar o Japão. Metade dos *papers* chineses são da RAEM. A nível mundial, em 2018, entre mais de 100 universidades, nós estamos em quinto lugar. Mas equivale a um terceiro lugar”, sublinha Rui Martins.

O *ranking* dos *chips* é liderado pela Samsung, seguido pela Dell. Logo em seguida, entra a Universidade de Macau. “A nível mundial é um resultado muitíssimo elevado. Estamos aí a compararmos a líderes como à Universidade de

Stanford ou o MIT (Massachusetts Institute of Technology).”

Os *chips* que foram apresentados em 2017 e 2018 estão focados em circuitos que são cada vez mais rápidos e que consomem cada vez menos energia. “Trabalham para circuitos sem fios e sem baterias, que absorvem energia do ambiente ou que absorvem energia do corpo humano. O movimento do corpo humano já produz energia suficiente para alimentar alguns desses *chips*. Como têm dimensões muito reduzidas, requerem tensões muito baixas de energia, e podem, portanto, colectar a energia necessária para funcionarem através do ambiente ou do corpo humano.”

O laboratório

O laboratório é um organismo independente das faculdades, e está agora a passar por um processo para incor-

porar o Instituto de Microelectrónica da UM. “Os investigadores seniores que estão no Laboratório de Referência do Estado são professores da Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade de Macau, e portanto, esses trabalhos são essencialmente feitos pelos alunos de mestrado e doutoramento. Para além desta parceria, também há uma colaboração com a Faculdade de Ciências da Saúde, pois existe uma área que faz ligação entre a biologia e a electrónica. Portanto o laboratório desenvolve alguns produtos para testar materiais orgânicos.”

Há ainda colaborações a nível de projectos de investigação e intercâmbio de alunos, essencialmente, de doutoramento e pós-doutoramento. “Com Portugal, temos vários acordos, com o Brasil temos o acordo assinado e te-

mos tido alguns contactos com eles, mas ainda não temos nenhum projeto para avançar. Estamos dispostos a receber estudantes internacionais, e temos muitos acordos que funcionam já bem com Portugal”, aponta.

Além dos trabalhos de investigação, que dão origem a teses de mestrado e de doutoramento, a universidade realiza trabalhos de consultoria com empresas de topo chinesas, mas não só. “Desenvolvemos uma área nova, em que temos uma sala limpa de microfluidose onde são produzidos *chips* que permitem a ligação a uma área da biologia. Cada vez há mais funções nos telemóveis: ouvimos música, vemos vídeos, e isso é apenas possível por causa de circuitos muito mais pequenos, e todo o controlo que é feito por micro-computadores.”

Mas há mais, relata Rui Martins. “Temos uma outra área que foi aqui desenvolvida e na qual somos pioneiros a nível mundial, que é esta dos microfluidos. Já tivemos alguns alunos de doutoramento a produzir os *chips* que permitem a manipulação de líquidos, ou conteúdos que podem ser orgânicos, como já temos investigação acerca do cancro. Estas gotículas

de líquidos podem ser manipuladas do ponto de vista electrónico e nós desenvolvemos os circuitos para isto, na nossa sala limpa, sem necessidade de mandarmos fabricar como com os outros tipos de *chips*.”

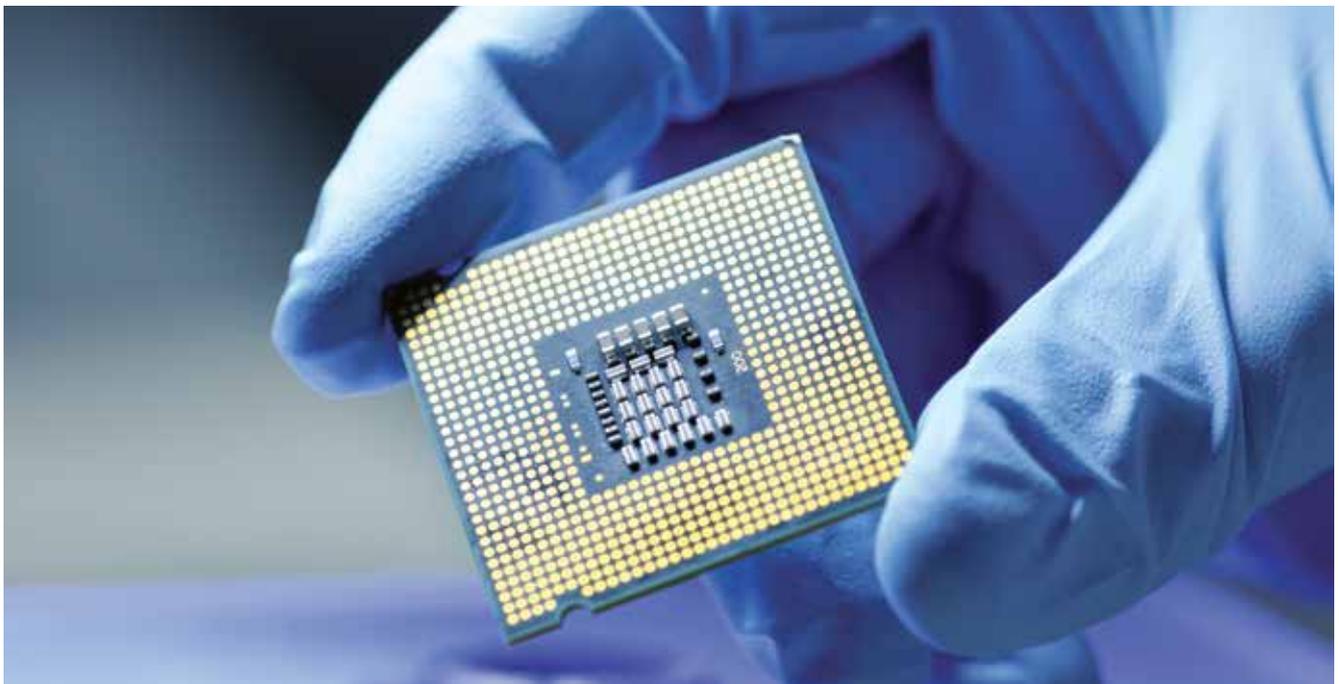
Mundo competitivo

As empresas de electrónica são muito competitivas, atenta o vice-reitor. Rui Martins dá um exemplo: “Se 100 empresas começarem hoje na área de electrónica avançada, muito provavelmente, não haverá uma que sobreviva até ao final do ano, ou haveria apenas uma, pois são as grandes empresas que controlam o mercado”. Assim, numa área que é nova, pode haver alguma hipótese de sucesso, “pois é realmente uma área que não existe, no entanto, na área biológica os laboratórios são enormes”, ressalva.

Este tipo de circuitos oferece ainda outra vantagem. “Não é necessário enviar amostras, orgânicas, por exemplo, para laboratórios grandes. Pode-se, no entanto, levar a máquina portátil ao local que se deseja colher e testar a amostra, tornando assim o laboratório resumido apenas a uma pequena máquina que tem igual eficiência

em testar e gerar o resultado. Isso será usado para a área da saúde, para identificação de vírus, por exemplo.” A República Popular da China tem dado grande importância ao desenvolvimento desta área, já que anualmente o Governo Central lança estratégias de apoio. “Os circuitos integrados são sempre umas das principais áreas discutidas. Este ano foi colocada como prioridade principal do País precisamente o desenvolvimento da área de electrónica”, conta Rui Martins.

É por isso que se pode afirmar que a Universidade de Macau e este Laboratório de Referência do Estado, em particular, estão de acordo com a estratégia do País. O laboratório é apoiado tanto pela instituição de ensino superior, como pelo Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologias de Macau e pelo Ministério da Ciência e Tecnologia da China. “Uma vez que recebemos a certificação como Laboratório de Estado e passámos em todas as avaliações, que são feitas de três em três anos, podemos receber este fundo. Na próxima fase, para além da certificação, o Ministério também passou a dar apoio financeiro ao laboratório.” ■





Macau ganha mais dois Laboratórios de Referência

Desde o início de Outubro, Macau passou a contar com mais dois Laboratórios de Referência do Estado, aumentando assim para quatro o número de instituições desse calibre presentes na cidade

T BRUNA PICKLER

INVESTIGAR OS planetas e a Lua e até, quiçá, formar o primeiro astronauta de Macau são os grandes objectivos do Laboratório de Referência do Estado da Ciência Lunar e Planetária, instituído formalmente no início de Outubro na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST, na sigla inglesa), que já contava com um laboratório desse nível na área da Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa.

Na Universidade de Macau (UM), o Laboratório de Referência do Estado da Internet das Coisas da Cidade Inteligente é o terceiro laboratório aprovado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia, e compromete-se a promover

o desenvolvimento de cidades inteligentes e a dar um novo impulso ao crescimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. Em 2010 foram criados os laboratórios para a Investigação de Qualidade em Medicina Chinesa e de Circuitos Integrados em Muito Larga Escala Analógicos.

Para Rui Martins, vice-reitor da Universidade de Macau, este novo laboratório foca-se numa área crucial e que está em desenvolvimento em todo o mundo. “A ideia é, com os colegas que temos especializados nesta área, começar a desenvolver projectos, nomeadamente, a formação de pessoas com mestrados, doutoramentos, e que possam também gerar resultados em termos de publicações e em termos de patentes, que possam

ser aplicadas em Macau como *Smart City* e a tornem competitiva com o resto do mundo”, disse à margem da cerimónia de inauguração, durante a qual também foram entregues prémios para o Desenvolvimento das Ciências e Tecnologia de Macau.

Segundo um comunicado da UM, o laboratório vai dar prioridade ao desafio técnico de construir um novo tipo de Internet das Coisas no desenvolvimento de uma cidade inteligente. O objectivo é superar as deficiências das actuais tecnologias.

O vice-reitor faz um balanço positivo dos dois laboratórios de referência já em funcionamento. “Temos vindo a aumentar significativamente o número de publicações em revistas internacionais. Mas não só publicações,

também o número de citações tem aumentado significativamente”. Mais especificamente, Rui Martins destaca que a UM, incluindo os laboratórios, tem “cerca de 20 mil citações anualmente e mais de 1500 artigos”. “Além disso, doutorámos nos dois laboratórios cerca de 70 pessoas sendo que alguns dos doutorados estão a criar os primeiros *spin-offs*, pequenas *start-ups* na Ilha da Montanha, para que novos produtos sejam comercializados na China.”

Rui Martins adiantou que o investimento directo realizado pelo Fundo para o Desenvolvimento de Ciência e Tecnologia nestes laboratórios existentes ronda os 200 milhões de patacas. Já o director do Laboratório de Ciên-

cia Planetária da MUST, Zhang Keke, acredita que sob o selo de Laboratório de Referência do Estado, estão criadas as condições para se estabelecer “uma excelente plataforma para jovens cientistas de Macau que estão interessados nas ciências do espaço e planetárias”.

Chan Kwing Lam, professor no novo laboratório, sonha ainda mais alto: “Não ficaria surpreendido se visse um astronauta de Macau a subir ao espaço dentro de 10 anos”, disse. O antigo cientista sénior do primeiro centro espacial da NASA, o Goddard Space Flight Center, diz que, após uma primeira fase dominada por militares, o programa espacial chinês irá, tal como o norte-americano, abrir portas a cientistas

especializados, algum dos quais podem vir do novo laboratório de Macau. Frederico Ma Chi Ngai, presidente do Conselho de Administração do Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia, referiu que os dois laboratórios vão ter um aumento orçamental para 30 milhões de patacas por três anos. Com um orçamento inicialmente fixado em 24 milhões de patacas para cada laboratório por um período de três anos, Ma Chi Ngai explicou que o valor foi revisto em alta para melhor satisfazer as condições de trabalho. O montante é destinado a despesas correntes dos laboratórios, podendo estes ainda candidatar-se a outros subsídios para projectos de investigação. ■



Chefe do Executivo, Chui Sai On, na cerimónia de entrega de Prémios para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia da RAEM e na cerimónia de inauguração dos Novos Laboratórios de Referência do Estado



Laboratório de Referência do Estado da Ciência Lunar e Planetária na Universidade de Ciência e Tecnologia



Laboratório de Referência do Estado de Internet das Coisas e da Cidade Inteligente na Universidade de Macau



Cientistas trabalham no Laboratório de Referência do Estado da Ciência Lunar e Planetária

GRANDE BAÍA 



SHENZHEN

A cidade em permanente renovação

Com uma população de cerca de 13 milhões de habitantes, Shenzhen é uma metrópole de economia pulsante que lhe garante o estatuto da cidade mais internacional do Interior do País

T JOSÉ LUÍS DE SALES MARQUES

SHENZHEN SITUA-SE no sudeste da província de Guangdong, na margem oriental do Delta do Rio das Pérolas. É vizinha de Hong Kong e foi uma das primeiras Zonas Económicas Especiais (ZEE) da China, tendo adquirido este estatuto desde 1980.

A localização vizinha a Hong Kong, que já na altura era um centro financeiro e um dos pequenos Dragões Asiáticos, fez toda a diferença à pequena vila transfronteiriça, com 30 mil habitantes. Hoje, passados 40 anos, a cidade de Shenzhen possui uma economia que registou, em 2017, um Produto Interno Bruto (PIB) de 335 milhões de dólares norte-americanos, muito próximo do PIB de Hong Kong. A norte encontram-se as prefeituras de Dongguan e Huizhou. É banhada pelas águas da Baía de Daya e Dapeng a este, e pelo mar de Lingding e estuário do Rio das Pérolas a oeste.

A área total é de 1997,47 quilómetros quadrados, com mais de 310 rios e riachos, associados a nove sistemas hidrográficos. A sua área marítima é de 1145 quilómetros quadrados com uma extensa costa de 251 quilómetros e um clima subtropical e de monções. É seu símbolo a buganvília, planta oficial da zona. As árvores de líchia e os mangais são testemunhos de um rico

ecossistema, com abundância de recursos hídricos e um território originariamente sulcado por um sistema hidrográfico extenso e variado. O próprio nome “Shenzhen” significa “sulcos profundos”, marcados na paisagem de arrozais que se estendem quilómetros sem fim.

Shenzhen surge nas crónicas oficiais pela primeira vez em 1460, durante a Dinastia Ming (1368-1644). Existem vestígios arqueológicos de presença humana na área desde o Período Neolítico, e a região onde se situa Shenzhen estava integrada no distrito histórico de Bao'an. Esta foi estabelecida em 331, durante a Dinastia Jin Oriental (265-420), com a sua capital na cidade de Nantou. Esta era uma cidade muralhada, que funcionava como bastião de defesa do Rio das Pérolas e de Cantão. As relíquias culturais da cidade antiga de Nantou, actualmente visitáveis como atracção turística, datam do século XV. O poder que se exercia a partir desta cidade capital durante a Dinastia Qing (1644-1911) estendia-se pela região que hoje incluem diversas cidades da Área da Grande Baía, nomeadamente, Dongguan, Shenzhen, Hong Kong, Huizhou, Zhongshan, Zhuhai e Macau. Foi durante a Dinastia Song (960-1279) um importante entreposto marítimo e produtor de sal. Com o

advento dos Mongóis de Yuan (1271-1368), a actividade costeira na região estendeu-se à colheita de pérolas. O navegador português Jorge Álvares chegou à China aportando em Tamão, situado no território sob a jurisdição de Nantou.

A vila de Shenzhen, depois tornada cidade em 1979, ficava no final da linha férrea da Kowloon-Canton Railway (KCR), inaugurada em 1911, e era a última paragem do lado do Interior do País antes desta entrar em Hong Kong através do posto de Louhu, situada já no limite desta Região Administrativa Especial. Era, sobretudo, conhecida pelo mercado que aí operava, confirmando a sua génese como entreposto comercial transfronteiriço, que estava localizado onde actualmente se encontra a zona pedonal de Dongmen, no distrito de Luohu.

A população registada em 2017 foi de 12,5 milhões de habitantes permanentes, com uma média de idades de 32,5 anos. Do ponto de vista administrativo, Shenzhen é uma cidade de nível sub-provincial com jurisdição sobre nove divisões administrativas: Louhu, Futian, Nanshan, Yantian, Bao'an, Longgang, Longhua, Pinshan and Guangming e a nova área de Dapeng. Luohu fica adjacente a Hong Kong, crescendo como centro financeiro e comercial graças a essa proximidade. O centro político da cidade situa-se em Futian, e Nanshan é tida como o coração das indústrias de alta tecnologia. Futian e Bao'an são os que possuem maior área geográfica, correspondendo em conjunto a cerca de 40 por cento da superfície da cidade.

O crescimento económico acelerado e a procura de mão-de-obra qualificada fizeram com que Shenzhen atraísse sucessivas vagas de imigrantes, criando um ambiente culturalmente diversificado, aberto, tolerante e convidativo à inovação. É a única cidade na província de Guangdong onde o mandarim é a língua dominante e é considerada a melhor cidade do Interior do País para a fixação de estrangeiros.



Shenzhen é a mais internacional das cidades do País e possui o melhor ambiente para negócios

Economia pulsante

Quem se recorda de Shenzhen nos primeiros tempos da sua actual fase histórica, onde a principal atracção turística era o parque temático Window of the World, com réplicas à escala dos principais monumentos históricos e turísticos existentes no mundo, dificilmente adivinharia que no intervalo de algumas décadas aquele aglomerado urbano, com várias estradas em terra batida e outras em construção, se viria a tornar-se numa metrópole dotada com largas avenidas ladeadas de frondosas árvores, sistemas de transporte com tecnologia de ponta e na capital tecnológica e de inovação da China.

O pioneirismo de Shenzhen no processo de abertura económica chinês já é lendário. Para isso, muito contribuiu Deng Xiaoping, quando, em 1992, empreendeu a famosa visita ao Sul, com enfoque especial em Shenzhen, para vincar a determinação de Pequim em prosseguir com a política de reformas e abertura da China.

Pouco depois da abertura de Shenzhen, Deng Xiaoping elogiava a rapidez com que se construía um edifício nesta zona, com os operários a completarem a construção de um piso em apenas pouco dias. Estava-se em 1984, e o líder chinês acabava de regressar de uma das várias visitas de inspecção às Zonas Económicas Especiais. Na



sua opinião, expressa no legado publicado dos seus escritos políticos, a elevada eficiência que tinha verificado *in loco* devia-se ao sistema de responsabilidade contratada, segundo a qual, os trabalhadores eram premiados de acordo com a sua produtividade, por exemplo, na área industrial de Shekou, tinham autonomia para autorizar despesas até ao limite de 5 milhões de dólares norte-americanos, uma quantia significativa na época.

As Zonas Económicas Especiais eram verdadeiros pólos de experiência do funcionamento da economia de mercado, incubadoras de soluções reformistas a nível económico, fiscal e de gestão do território, que seriam depois alargadas para outras zonas do País.

O PIB DE SHENZHEN PASSOU DE 197 MILHÕES DE YUANS EM 1979 PARA 2,2 BILIÕES DE YUANS (CERCA DE 335 MIL MILHÕES DE DÓLARES NORTE-AMERICANOS) EM 2017, FICANDO APENAS ATRÁS DOS DE PEQUIM E XANGAI

Era aí que se fazia a aprendizagem do capitalismo nas suas mais diversas vertentes e se atraíam tecnologias avançadas para o País, por um lado, e por outro, se produziam manufaturas para exportação, e consequente aquisição de divisas estrangeiras.

O PIB de Shenzhen passou de 197 milhões de yuans em 1979 para 2,2 biliões de yuans (cerca de 335 mil milhões de dólares norte-americanos) em 2017, ficando apenas atrás dos de Pequim e Xangai. O produto per capita atingiu, nesse ano, o valor extraordinário de 27,1 mil de dólares norte-americanos por habitante, um valor igual ou superior ao registado em algumas economias da União Europeia. Shenzhen é a mais internacional das cidades do Interior do País e possui o melhor ambiente para negócios, dado o enquadramento jurídico-institucional que oferece, bem como o funcionamento eficiente da sua economia. É aí que opera o terceiro maior porto de contentores do mundo, a maior fronteira terrestre do planeta e um dos cinco maiores aeroportos da China. É onde estão sediadas várias empresas chinesas listadas no Global Fortune 500, tais como Huawei, China Merchants Group, Ping An Group, Tencent, Vanke, Amer International Group ou Evergrande. A confiança no seu ambiente de negócios é traduzida no investimento estrangeiro e na presença de mais de 200 empresas de fora dentre as 500 empresas mais importantes do planeta. O Investimento Directo do Exterior utilizado é o maior da província de Guangdong, excluindo as Regiões Administrativas Especiais, tendo registado para o ano de 2017 o valor de 7,401 mil milhões de dólares norte-americanos, um crescimento na ordem dos 9,9 por cento em rela-

ção ao ano anterior.

A economia de Shenzhen começou por ser uma economia de processamento de manufacturas, dependendo do baixo custo da mão-de-obra, abundante e qualificada, políticas públicas favoráveis à atracção do investimento, incluindo estrangeiro, muito espaço a baixo custo ou até sem custo, com uma ligação umbilical com Hong Kong, donde provinha a gestão do processo produtivo, a tecnologia, o design e marketing, a logística integradora nas cadeias de valor global, e muitas vezes a propriedade das unidades industriais. Todavia, este modelo de desenvolvimento de uma periferia de Hong Kong começou a mudar gradualmente, à medida que o custo inicial da mão-de-obra começou a subir, bem como os preços do imobiliário, que se foi aproximando gradualmente dos níveis elevados praticados em Hong Kong.

O impulso urbanizador levou a que Shenzhen fosse declarada, em 2004, como território destituído de qualquer terreno rural. As suas vantagens comparativas estavam a sofrer uma erosão natural induzida, até, pelo sucesso do modelo de crescimento económico em curso. Como diz a sabedoria chinesa, as crises e oportunidades são como duas faces da mesma moeda. E a liderança chinesa teve a visão correcta para dar o salto qualitativo necessário e criar novas oportunidades para esta Zona Económica Especial. A partir de 2005, foi restringida a concessão de terrenos, o salário mínimo elevado para os níveis mais altos de todo o País (125 dólares norte-americanos por mês), foram estabelecidas normas muito mais exigentes para combater a poluição do ambiente e banir indústrias particularmente poluentes, obrigando a uma reestruturação industrial.



As indústrias culturais surgiram sob a forma de reprodução massiva de obras famosas

Transformação tecnológica

As empresas que antes produziam apenas por encomenda das grandes multinacionais passaram a transferir o processo produtivo de mão-de-obra intensiva para outras paragens da província de Guangdong ou mesmo para outras províncias do interior; estabeleceram os seus próprios laboratórios de investigação e desenvolvimento e criaram design, produtos e marcas originais. O “design in China” passou a ser uma realidade associada à transformação de Shenzhen, que passou a ser designada Cidade Criativa do Design pela UNESCO em 2008. Mas o processo de transformação não ficou por aqui. A recessão que se seguiu à crise financeira e económica iniciada em 2008 afectou gravemen-

te os maiores mercados externos do País, nomeadamente os Estados Unidos e a União Europeia, e exigiu novo esforço de reestruturação e reposicionamento de Shenzhen em relação ao mercado global. O sector de serviços foi aquele que mais beneficiou desta reestruturação. Comparando o seu peso relativo na estrutura do PIB entre 2008 e 2017, verifica-se um acentuado crescimento de 50,3 por cento para 58,6 por cento, à custa do sector industrial, cuja influência diminuiu em igual proporção, de 49,6 para 41,3 por cento.

Uma vez mais, crise e oportunidade foram duas faces da mesma moeda, impulsionando Shenzhen para um patamar superior na cadeia de valor. O passo seguinte chamou-se alta tec-

nologia e inovação. O modelo norte-americano de Silicon Valley passou a estar cada vez mais associado ao processo de desenvolvimento de Shenzhen. A liderança de Xi Jinping, apostando na mudança de paradigma de uma economia impulsionada pela procura externa para uma economia alavancada pelo mercado interno, contribuiu também para o sucesso dessa fórmula, bem como a grande aposta na revolução tecnológica.

E assim, o antigo entreposto comercial transfronteiriço estava melhor o do que ninguém para tirar partido deste novo oceano de oportunidades. Para isso, muito contribuiu a massiva migração de jovens formados nas melhores universidades chinesas, que chegou a atingir o impressionante número de 300 mil indivíduos por ano. A terciarização da economia inclui, por exemplo, a introdução dos mais inovadores sistemas de serviços associados a uma cidade inteligente.

Basta olhar-se para o nome de alguns dos grandes gigantes da área da tecnologia de informação, tais como Huawei, Tencent e ZTE, aí sediados, para se perceber a génese desses sistemas. A densidade de empresas de alta tecnologia de nível nacional é 5,6 unidades por metro quadrado e são registados 51 pedidos de patentes por dia. Cerca de 50 por cento dos pedidos de registo de patentes internacionais feitos pela China têm uma morada: Shenzhen (Economist, 8/8/2017). O investimento em Investigação e Desenvolvimento é da ordem dos quatro por cento do seu PIB e, contam-se cerca de 5 milhões de talentos dedicados a empresas de inovação e alta tecnologia.

O que diferencia Shenzhen de outras zonas dedicadas a este sector, incluindo Silicon Valley, é a facilidade com que novas ideias, associadas a empresas em incubação, encontram formas de serem concretizadas, num ambiente altamente competitivo, de elevada capacidade técnica e tecnológica, e movido pela eficiência e informalidade organizacionais. Continuam a ser desenvolvidos vá-

rios projectos e planos para espaços dedicados à investigação e indústrias de ponta, nomeadamente o Corredor Científico, Tecnológico e de Inovação Cantão-Shenzhen, o Parque Tecnológico e Científico Hong Kong-Shenzhen e a zona de cooperação Shenzhen-Shantou. A “High-Tech Fair” de Shenzhen é considerada uma das mais importantes do mundo.

O sucesso de Shenzhen está associado ao crescimento populacional em quantidade e qualidade, que evoluiu rapidamente. Jovens formados nas melhores universidades da China acorreram em grande número a Shenzhen para encontrar empregos bem remunerados, um estilo de vida mais moderno e o ambiente empresarial que lhes permitisse lançar os seus próprios negócios e realizar os seus sonhos. Entre 1990 e 2017, o número de habitantes cresceu de 1,68 milhões para 12,52 milhões com uma densidade populacional de 5979 habitantes por quilómetro quadrado, a terceira cidade mais densa da Área da Grande Baía, depois de Macau e Hong

○ SUCESSO DE SHENZHEN ESTÁ ASSOCIADO AO CRESCIMENTO POPULACIONAL EM QUANTIDADE E QUALIDADE, QUE EVOLUIU RAPIDAMENTE, COM JOVENS FORMADOS NAS MELHORES UNIVERSIDADES CHINESAS

Kong. Este crescimento explosivo teve o seu maior salto na última década do século XX, onde a população registada aumentou 5,3 milhões, à média de mais de 500 mil habitantes por ano. É como se a população de Macau duplicasse todos os anos, durante um extenso período de 10 anos.

A bolsa de Shenzhen começou a funcionar a 1 de Dezembro de 1990, quase em simultâneo com a reabertura da Bolsa de Xangai. O seu objectivo é o de desenvolver o sistema de mercado de capitais da China. Em finais de 2017, estavam cotados nesta bolsa 2089 empresas com uma capitalização de 3,6 biliões de dólares norte-americanos. A missão desta bolsa é de servir a economia real de acordo

com as orientações da liderança chinesa, nomeadamente a inovação sustentável e o financiamento da economia ambiental. É a oitava maior bolsa do mundo, logo depois da bolsa de Hong Kong.

Conectividades regionais e internacionais

O crescimento de Shenzhen está fundado na estratégia de construção de infra-estruturas para servir as necessidades da sua economia e a circulação rápida e eficiente dos seus habitantes. As primeiras obras públicas da então nova Zona Económica Especial foram executadas para permitir as conectividades internas e intra-regionais, bem como os acessos internacionais.



Parque temático Window of the World, uma das principais atrações turísticas de Shenzhen

O sistema de metro de Shenzhen começou a funcionar em 2004 e presentemente oferece oito itinerários operacionais, cobrindo uma distância de 286 quilómetros, que será alargada até 1000 quilómetros em 2030, com ramificações a outras cidades do Delta do Rio das Pérolas. O número de passageiros transportados em 2017 foi de 1,6 mil milhões, à média superior a 4 milhões por dia. Nesse mesmo ano, começaram a ser introduzidos os primeiros terminais inteligentes para serviços de autocarros, utilizando tecnologias em nuvem e Internet das coisas, para providenciar serviços personalizados para a utilização de meios de transportes públicos, incluindo a mobilidade partilhada. O serviço de autocarros públicos é servido por 16 mil viaturas e uma rede com 900 percursos. A ligação intercidades na Área da Grande Baía é proporcionada por comboios rápidos, autocarros e por ligações marítimas.

Comboios rápidos ligam Shenzhen a Cantão, Changsa, Wuhan, Pequim e Hong Kong, com ligações à rede ferroviária nacional.

A melhor forma de se viajar de Shenzhen para Macau, e vice-versa, é usando o serviço de barcos rápidos que realizam a viagem, atravessando o Delta do Rio das Pérolas, em cerca de 80 minutos. As carreiras são disponíveis a partir do moderno e eficiente terminal de passageiros de Shekou. O Aeroporto Internacional de Shenzhen situa-se em Bao'an. Movimenta 45 milhões de passageiros por ano e é o quinto aeroporto mais utilizado na China. É também importante pelo volume de carga que processa. Inaugurado em 1991, foi remodelado em 2008. As novas instalações, abertas ao público a 23 de Novembro de 2013, foram projectadas pelo arquitecto italiano Massimiliano Fuksas, que também desenhou o complexo da Feira de Milão. É uma obra de grande en-

vergadura e estilo, com 1,6 quilómetro de extensão e uma área de 450 mil metros quadrados, oferecendo 62 portas de embarque. É servido pelo sistema de metro de Shenzhen e outros transportes públicos, e está ligado por barcos rápidos ao aeroporto de Hong Kong e aos terminais marítimos do Porto Exterior e da Taipa na RAEM. A Shenzhen Airlines, a Donghai Airlines e a UPS, usam o aeroporto de Shenzhen como sua sede.

Shenzhen possui várias instalações portuárias que no conjunto são designados por "Porto de Shenzhen". Inclui os portos de Yantan, Chiwan, Dachan e Shekou, cujo movimento de contentores os coloca como um dos mais procurados no mundo. São operados, a partir desses portos, 131 rotas internacionais para contentores e 21 rotas de cabotagem, servindo na maioria destinos no Delta do Rio das Pérolas.



Comboios rápidos ligam Shenzhen a Cantão, Changsa, Wuhan, Pequim e Hong Kong, com ligações à rede ferroviária nacional

Indústrias culturais e criativas

O Plano de Desenvolvimento Cultural e de Inovação 2020 apoia o design original e o desenvolvimento de indústrias culturais e criativas. Essas últimas, onde se inclui a robótica, vivem um período de grande expansão e diversificação, alimentada pela tecnologia e pelo comércio electrónico.

As indústrias culturais surgiram em Shenzhen na sua expressão mais literal sob a forma de reprodução massiva de obras famosas e produção de quadros originais, para decoração de hotéis e de todo o tipo de ambientes generalistas. A aldeia de pintura de Dafen, em Longgan, é o exemplo deste pioneirismo em indústrias culturais. Todavia, o design de moda, gráfico e de produtos, rapidamente superou aquele modelo de mão-de-obra intensiva, embora qualificada. Outras actividades criativas, incluindo o cinema, a música, o design interactivo, encontram aí um mercado

favorável, de consumo sofisticado e cosmopolita, bem como uma carteira de talentos necessária para a produção de filmes, espectáculos, jogos e uma variedade de iniciativas culturais e criativas.

A existência no espaço urbano de zonas destinadas à demonstração e vivências associadas a essas indústrias, como é o caso da OCT-LOFT, no distrito de Nanshan, proporciona a residentes e visitantes espaços de convívio extremamente agradáveis e demonstrativos de uma cultura cosmopolita própria de Shenzhen. A semana de design (Shenzhen Design Week) é uma grande montra para aquelas indústrias, consideradas um dos pilares da sua economia, e conta com a participação regular de expositores de Macau e de Hong Kong.

Aposta na educação

Várias universidades de topo, nacionais e internacionais, estabeleceram-se em Shenzhen. É caso, por exem-

plo, da Universidade de Peking, cujo campus se situa na cidade universitária de Shenzhen, localizado no distrito de Nanshan, dedicado ao ensino pós-graduação e à investigação. A Universidade de Tsinghua e o Instituto de Tecnologia de Harbin estão também localizadas neste complexo, que alberga cerca de 10 mil alunos de mestrado e doutoramento.

A Universidade de Shenzhen foi criada em 1983 e oferece uma vasta gama de cursos de licenciatura e pós-graduação.

O município está também dotado de várias escolas internacionais, programadas para servir uma população muito jovem, com poder de compra e aberta ao intercâmbio cultural com o resto do mundo.

Shenzhen na Área da Grande Baía

Shenzhen é o centro nacional de investigação e produção de alta tecnologia, e, por isso, é a capital tecnológica por excelência na Área da Grande Baía. Esse posicionamento preferencial não deve, porém, fazer esquecer outros atributos muito importantes que a cidade possui.

Através deste texto, procurou-se delinear os traços essenciais que fazem de Shenzhen uma cidade única, e por isso, singular. O que se vê é que, através de um fascinante processo de constituição de identidade urbana e desenvolvimento económico, sustentado na capacidade de inovar e de reinventar, o pequeno entreposto transfronteiriço transformou-se em poucas décadas numa grande metrópole.

A sua história é também a história de sucesso das Zonas Económicas Especiais e do processo de abertura e reforma que transformaram a China na potência económica que hoje é. Assim, para além da especificidade das vantagens comparativas no contexto regional e internacional, Shenzhen é um exemplo, um laboratório de experiências, para o desenvolvimento continuado do socialismo com características chinesas para a nova era. ■



Shenzhen é o centro nacional de investigação e produção de alta tecnologia



Do *Made in* ao *Designed in* Macau

Os anos de ouro da indústria têxtil de Macau já são passado, mas para uma nova geração de *designers* e de criadores de moda o esplendor do *Made in Macau* não morreu, apenas se transformou. Uma maior aposta no capital humano, na qualificação dos recursos e em conceitos como a exclusividade das peças e a criação de sinergias deram um impulso à reabilitação do vestuário *Designed in Macau* e os resultados estão à vista

T MARCO CARVALHO

“**HAVIA UMA** companhia em Macau que possuía a quota máxima de exportação que era permitida em todo o mundo”, lembra José Tang Kuan Meng. “Essa empresa era a que mais calças de ganga podia exportar a título individual para França. Por aqui já consegue ter uma ideia da importância que a indústria do vestuário tinha para Macau”, salienta o empresário. Presidente da Agência Comercial Carmen e vice-presidente da Associação

Industrial de Macau, José Tang Kuan Meng vai pontuando a conversa de quando em quando com alusões à vitalidade da indústria têxtil. Imprime uma expressividade improvável à voz quando evoca os 650 trabalhadores a que chegou a dar emprego nas unidades fabris que possuía e desfia as grandes marcas para as quais as empresas locais trabalhavam. O timbre esmorece quando fala da dezena e meia de funcionários que mantém a trabalhar para si “por razões sentimentais” e na irrecuperável implosão

de um sector que, no seu auge, chegou a dar sustento a 45 mil pessoas. “Nos anos de 1980, tínhamos entre 1000 e 1200 fábricas em Macau. Tratava-se de pequenos fabricantes, com dez ou vinte máquinas. Na altura, o sector empregava cerca de 45 mil trabalhadores. Mas à época a população não era tão grande como é hoje. Éramos uns 400 mil”, explica o empresário, procurando colocar a dimensão do sector em perspectiva. Durante quase 40 anos, entre a segunda metade da década de 1960 e

o ano de 2005, a indústria têxtil e do vestuário era uma das forças motrizes da economia de Macau, contribuindo de forma decisiva não só para a modernização do tecido económico, mas também para a internacionalização das perspectivas económicas.

Durante as seis primeiras décadas do século XX, o tecido industrial de Macau era constituído por pequenas e médias unidades de produção de cariz familiar e matriz artesanal que se distinguiam na produção de bens de baixo valor agregado como os fósforos, os panchões e o incenso.

Em 1958, essas três indústrias eram responsáveis por cerca de 40 por cento das exportações. A pesca contribuía com mais de um terço dos produtos que Macau enviava para o estrangeiro – sobretudo para Hong Kong e, em menor medida, para o Interior da China – e a construção naval adquiria menor destaque, com a venda de algumas embarcações às regiões vizinhas.

É de Hong Kong que chega então o maior empurrão ao desenvolvimento de uma economia moderna e competitiva em Macau. Na década de 1950 e nos anos iniciais do decénio que se seguiu, Hong Kong era um dos maiores exportadores de vestuário da Ásia e abrigava a mais bem-sucedida indústria têxtil do continente asiático. Mas, com o estrangulamento das condições de comercialização dos têxteis produzidos em Hong Kong, Macau surgiu como uma opção natural e viável. “Os principais fabricantes têxteis de Hong Kong voltaram-se para Macau. Representantes destas empresas começaram a vir a Macau com o objectivo de estabelecerem parcerias com os empresários locais e montaram fábricas de grande dimensão para operar. Muitos deles investiram grandes quantias de dinheiro sem exigirem nada em troca, porque tinham bem noção do retorno que os esperava”, recorda José Tang.

Durante a década de 1960, a indústria têxtil e do vestuário de Macau cresceu a um ritmo médio anual de cerca de 50 por cento, beneficiando quer do

aumento progressivo do investimento de Hong Kong, quer da negociação do chamado “Sistema Generalizado de Preferências” (GSP, a partir da sigla em inglês para *Generalized System of Preferences*), um regime comercial que rebatia o princípio de “nação mais favorecida” e obrigava os países signatários do então Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio (GATT) a tratar de forma igualitária os países e regiões subscritoras com menor poderio económico. Entre outras vantagens, os estatutos do GSP garantia tarifas preferenciais às economias em desenvolvimento nas quais o peso das importações era substancialmente superior ao das exportações.

Os anos de ouro do têxtil

Um aspecto determinante para a indústria das exportações de Macau foi o facto da economia de Hong Kong ter crescido a um ponto que o “Sistema

Generalizado de Preferências” deixou de ser aplicável. Por isso, das unidades de produção que começaram a emergir em Macau, a maior parte pertencia a empreendedores de Hong Kong.

Em meados da década de 1970, o “Sistema Generalizado de Preferências” evoluiu para um mecanismo de quotas com regras bem definidas. Interessadas em proteger o seu sector manufactureiro e incapazes de concorrer com os salários praticados pelos países em desenvolvimento, os Estados Unidos e as economias europeias patrocinaram a criação de um sistema de quotas.

Com um volume de exportações relativamente incipiente, a economia de Macau foi amplamente beneficiada. “Hong Kong tinha uma quota muito limitada. Macau, como começou a exportar têxteis muito mais tarde, acabou por ser beneficiada por este sistema. O próprio empresariado de Hong



Clara Brito, designer de moda, tem visto uma grande evolução no sector



Kong mobilizou-se para ajudar Macau a capturar estas quotas”, recorda José Tang Kuan Meng.

Unidades fabris de todos os tamanhos e feitios proliferaram a um ritmo estonteante. “Os empresários de Macau foram suficientemente inteligentes para exportar o mais possível nos anos que antecederam a entrada em vigor do sistema de quotas. Foi essa *performance* que veio a definir depois os limites das quotas de exportação que foram consignadas ao território”, explica o empresário.

A Nam Kwong Corporation estimava

em 1985 que nos 20 anos anteriores Macau teria absorvido investimentos estrangeiros no valor de dois mil milhões de patacas. Deste montante, cerca de 70 por cento teve origem em Hong Kong, sublinhava na altura a empresa. Uma outra fonte – o Almanaque da Associação Industrial de Macau relativo ao ano de 1986 – sublinhava que 60 por cento do investimento no sector industrial canalizado para Macau era oriundo da região vizinha e, em 1994, num período em que a indústria têxtil já tinha perdido parte do fôlego que apresentara du-

rante a década de 1980, o académico Richard Louis Edmonds escrevia que apenas um quarto do investimento feito em Macau no início dos anos de 1990 tinha origem local.

O peso dos têxteis e do vestuário nas vendas de Macau ao estrangeiro passou dos 58,2 por cento registados em 1970 para quase 90 por cento em 1979. Tidas na globalidade, as exportações cresceram à média anual de 27 por cento ao longo da década de 1970, numa tendência que se prolongou pela década de 1980 e pelos primeiros anos da década de 1990, ainda que com níveis de crescimento mais moderados. “O sistema de quotas perdurou por 40 anos e foi abolido apenas em 2005. Macau teve a felicidade de, durante quatro décadas, poder contar com uma indústria têxtil e manufatureira muito próspera”, considera Tang Kuan Meng.

Do 80 ao oit

“Estou em Macau há 14 anos e desde que cheguei até agora sinto que houve uma evolução enorme no panorama local da moda.” O veredicto é de Clara Brito. Quando a *designer* de moda portuguesa aportou a Macau a indústria têxtil local resvalava lentamente. Da RAEM saíam ainda peças para grandes marcas internacionais, embora grande parte das unidades fabris já estivessem encerradas.

“Neste momento devemos ter entre 70 a 80 empresas registadas na área dos produtos têxteis. Estas fábricas já não estão, no entanto, em operação. As licenças ainda estão válidas, ainda pertencem aos proprietários, mas não há qualquer produção. As fábricas que, de facto, produzem são muito pequenas e neste momento não serão mais do que dez”, acrescenta José Tang Kuan Meng. Para os *designers* de moda de Macau, o desaparecimento progressivo das fábricas de confecções têxteis foi ao mesmo tempo uma bênção e uma maldição. Se o encerramento deixou a indústria da moda sem um precioso suporte técnico, obrigou por outro lado os criadores e os criativos locais a optar por novas abordagens ao mer-

cado, como sintetiza Clara Brito. “O percurso natural é deixar de ser a fábrica e, em alternativa, criar empresas que conseguem criar valor, que se conseguem diferenciar e que, de alguma maneira, se conseguem posicionar de forma diferente no mercado.”

Em 2006, quando Clara Brito cria a marca Lines Lab em parceria com Manuel Correia da Silva, a indústria têxtil local era já apenas uma sombra do que fora durante a década de 1980. O sector da moda foi obrigado a autonomizar-se, a tornar-se criativo e a criar sinergias com parceiros de outras regiões, num processo que, no entender de Clara Brito, está ainda longe de terminado. “Quem envereda por esta área em Macau pensa sempre, de uma forma ou de outra, em alguma internacionalização”, admite a estilista. “Temos um mercado local de 600 mil habitantes e aqueles que consomem *design* – e, sobretudo, o *design* local – são poucos. Há um caminho longo a ser feito. É um extenso caminho quer ao nível da iniciativa privada, quer dos próprios *designers* e das próprias empresas.”

Sociedade pós-industrial por excelência, a RAEM há muito que deixou de ter capacidade para competir de igual para igual com países com custos de produção mais baixos. Essa é uma das razões pelas quais Clara Brito defende que, se a indústria da moda quer ser bem-sucedida, é necessário demarcar-se do passado e apostar numa mudança radical de paradigma que passa sobretudo por uma aposta no consumo interno. “Já existem certas cidades onde determinados tipos de consumidores estão a mudar os comportamentos. Começam a optar por uma relação mais exclusiva, a valorizar mais uma certa identidade local, a privilegiar o *designer* que tem o seu atelier e que aposta em peças exclusivas”, adianta a fundadora da Lines Lab. “Se formos a cidades como Shenzhen, Xangai ou mesmo Hong Kong isso já está a acontecer: a transformação está a passar pela substituição das importações e pela valorização e pelo consumo do interno, dos



José Tang Kuan Meng, vice-presidente da Associação Industrial de Macau

criadores locais. O caminho passa por aí, por valorizar cada vez mais o *Designed in Macau*, sintetiza Clara Brito.

Na senda do futuro

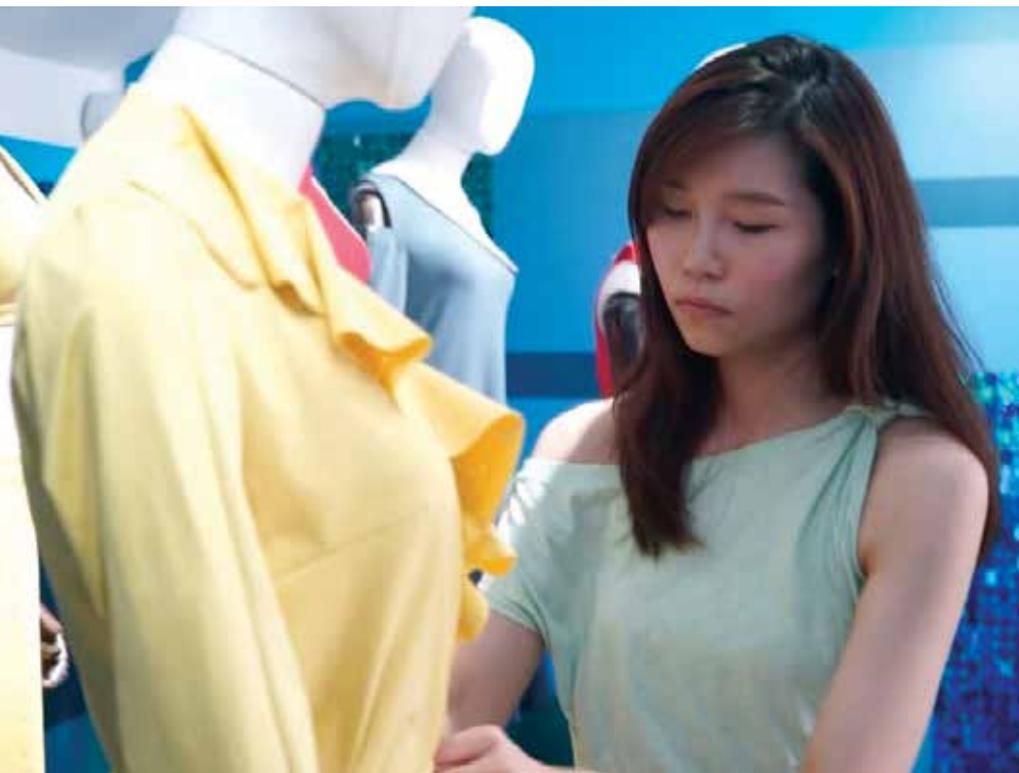
“A sustentabilidade é algo muito importante. Como *designer* de moda, sinto necessidade de monitorizar por inteiro a minha rede de abastecedores com o objectivo de garantir que as pessoas com quem me relaciono profissionalmente operam os seus negócios de forma ética.”

Depois ter estudado e vivido durante mais de uma década em Los Angeles, na Califórnia, e de ter trabalhado durante cinco anos para uma das maiores empresas mundiais de confecção de uniformes, Nicole Tam regressou a Macau com o objectivo de aplicar localmente alguns dos conceitos que absorveu ao longo dos anos em que exerceu o cargo de *designer* ao serviço da Cintas Corporation.

Em 2015, fundou a ANtitled, uma empresa de consultoria no domínio da moda que conseguiu convencer quatro das concessionárias de jogo a renovar a imagem corporativa dos seus funcionários. Aspectos como a defesa do meio ambiente, a eficiência energética, o conforto dos funcionários e a promoção de mecanismos de inclusão dos trabalhadores são aspectos centrais da identidade das empresas. Nicole Tam procurou acrescentar ao rol uma dimensão ética que passa, muitas vezes, pelo desenvolvimento dos próprios materiais utilizados na confecção dos uniformes.

“O fundamental é pensar que valores se quer transmitir a quem vai, em última instância, utilizar a roupa e perceber que impacto se obteve com as decisões tomadas”, sublinha a directora criativa da ANtitled. “Especializámo-nos na prestação de serviços de consultoria no campo do *design* de

SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL POR EXCELÊNCIA, A RAEM HÁ MUITO QUE DEIXOU DE TER CAPACIDADE PARA COMPETIR DE IGUAL PARA IGUAL COM PAÍSES COM CUSTOS DE PRODUÇÃO MAIS BAIXOS



Nicole Tam criou uma consultoria de moda que trabalha com as grandes empresas locais

UMA “SEMANA” PARA MOSTRAR O MELHOR QUE SE FAZ

O Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau (CPTTM) organiza todos os anos, em simultâneo com a MIF, o Festival de Moda de Macau e a concessionário Sands China impulsiona, quase ao mesmo tempo, uma Semana da Moda centrada nas grandes marcas internacionais. Ainda assim, para Paulo de Senna Fernandes, uma “Semana da Moda de Macau” – que combinasse o melhor dos dois eventos – continua a fazer falta. O presidente da Associação de Moda de Macau está convicto que a indústria local pode ajudar no desígnio de diversificar a economia, mas para que tal aconteça é necessário investimento que possibilite um desenvolvimento integral do sector. “Uma boa forma de o Governo ajudar a promover a indústria seria através de um esforço concertado para afirmar Macau como uma ‘Cidade da Moda’”, complementa o estilista. Fundador, em 2003, da Associação de Moda de Macau, organismo que actualmente conta com pouco mais de meia centena de associados no activo, Senna Fernandes defende que um primeiro passo rumo à valorização da indústria da moda passaria pela organização de uma “Semana da Moda de Macau”, que pudesse colocar numa mesma passarela peças concebidas por criadores locais e as criações das grandes marcas internacionais. “É fundamental que seja criada uma Semana da Moda de Macau para que os criadores locais possam dar a conhecer as suas criações. Sou um criador local, produzo em Macau as minhas criações e, como tal, espero poder ter a possibilidade de dar a conhecer as peças que concebo. A troca de experiências e a partilha de opiniões é muito importante para a indústria da moda e há criadores em Macau a quem não é dada a oportunidade de enveredar por este tipo de intercâmbio.”

vestuário profissional e de soluções éticas customizadas.” Por isso, Nicole assume que o segredo do negócio está em oferecer um serviço o mais completo possível. “Concebemos a imagem corporativa de acordo com as linhas definidas pelas empresas, seleccionámos os materiais que melhor se adequam e escolhemos o fabricante que melhores garantias oferece em relação ao fabrico do produto final”, complementa a *designer*.

Com a ANtitled, Nicole Tam alcançou o que a velha guarda da indústria têxtil nunca conseguiu fazer: criar sinergias com o sector turístico. Esta pequena empresa, assegura Nicole Tam, não é exemplo único no que toca à criação de sinergias com as empresas do principal sector económico da RAEM. “Já há muitos empresários e criadores locais que prestam os chamados serviços *business to business* – contratualizados directamente entre as empresas – às grandes corporações com interesses em Macau”, assegura a consultora. “Estas empresas só têm verdadeiramente impacto em Macau se forem capazes de apoiar talentos locais e de trabalhar com as pequenas e médias empresas, de forma a criar oportunidades de negócio.”

Para o interesse das concessionárias locais terá contribuído em muito a valorização do capital humano ligado ao sector da moda. Clara Brito é licenciada em design de equipamento pela Escola de Belas Artes de Lisboa e fez parte do curso na Escola de Arquitectura e Design do Instituto Politécnico de Milão. Nicole Tam completou este ano um mestrado em Gestão de Moda Global, ministrado em parceria pelo Instituto Politécnico de Hong Kong, pelo Instituto de Tecnologia da Moda de Nova Iorque e pelo Instituto Francês da Moda. Se a ascensão da indústria têxtil de Macau na década de 1970 se ficou a dever, sobretudo, à injeção de capital oriundo de Hong Kong, a valorização da indústria da moda e do conceito de *Designed in Macau* que lhe está inerente tem por base uma abordagem cada vez mais fundamentada naquilo que são as necessidades e as po-

tencialidades de Macau.

No âmbito do mestrado que completou recentemente, Nicole Tam entrevistou algumas das principais referências da indústria da moda a nível mundial, num processo com óbvios dividendos para Macau. “Tive a oportunidade de conhecer o Karl Lagerfeld, o Didier Grumbach [antigo presidente da Federação Francesa de Costura], o Guillaume de Seynes [vice-presidente Executivo da Hermès] e vários outros gestores e criadores de topo no universo da moda durante os seminários em que participei em Paris e em Nova Iorque no âmbito da tese de mestrado”, revela a directora criativa da ANtitled. “Todas estas experiências, o conhecimento que adquiri sobre grandes marcas globais e sobre a tecnologia a que recorrem acabaram por ser fundamentais na medida em que me ajudaram a definir a minha estratégia de negócio e a conceber as soluções que pretendo apresentar aos meus clientes.”

Sem a projecção económica e sem a importância estrutural que a indústria têxtil teve na cidade durante quase 40 anos, o sector da moda começa,

no entanto, a afirmar-se como uma actividade polarizadora para profissionais de outros domínios. “Sempre que quero organizar uma sessão fotográfica, há pessoas de que me socorro em Macau e a verdade é que não falta talento”, assegura Nicole Tam.

Clara Brito afina pelo mesmo diapasão. A fundadora da Lines Lab e coordenadora da plataforma Munhub [ver caixa] considera que a RAEM está cada vez mais capacitada para organizar eventos promocionais e desfiles de moda sem depender de terceiros. “Isso já não é um problema. E mesmo que não se encontre alguma coisa em Macau, é sempre possível importar”, sublinha a criadora. “Quem organiza esses eventos deve, no entanto, fomentar, muito mais o talento local, porque começa a haver empresas que estão preparadas para assegurar a produção de eventos que mobilizam modelos, maquilhadores e não é necessário inflacionar sempre tudo, pagar cinco ou seis vezes mais a uma empresa de Hong Kong quando em Macau já começa a existir competências a esse nível. Não é de todo necessário.” ■



MUNHUB: A CRIAR PONTES DESDE 2014

A “criação de sinergias”, nomeadamente com criadores dos países de língua portuguesa, é desde 2014 um conceito central para Clara Brito. A designer lisboeta criou há quatro anos, com Manuel Correia da Silva, a “Munhub”, uma plataforma de negócios criativos com a qual têm vindo a promover marcas e produtos lusófonos em feiras e eventos empresariais da China, de Hong Kong e de Taiwan. “Apesar de estar a operar desde 2014, a Munhub ainda está muito incipiente. Para nós, o mais importante é procurar perceber muito bem aquilo de que necessitam as marcas. É óbvio que, institucionalmente, faz sentido trazer a este lado do mundo as marcas dos países de língua portuguesa e proporcionar oportunidades de networking com os actores locais, mas o essencial mesmo é perceber exactamente as necessidades das marcas e raramente há marcas que necessitem exactamente das mesmas coisas.”

Há quatro anos, quando foi fundada, a Munhub trabalhava com a Lines Lab (a marca criada por Brito e por Correia da Silva em 2006), com três marcas portuguesas (a Manifesto Moda, Aforest Design e QWIU), uma angolana (a Louis de Gama) e uma outra de Macau (a ZICS, do designer San Lee).

Desde então, a plataforma tem vindo a construir novas sinergias, sempre com o propósito de ir além do mercado de Macau. “O mercado chinês é muito aliciante, mas é muito competitivo também. Em termos culturais, estamos a falar de toda uma outra linguagem, que se reflecte depois na forma como se faz negócio. O que pode facilitar é o facto de estarmos aqui, de certa forma de termos um lado que já é chinês e de estarmos disponíveis para colocar esse nosso lado chinês ao serviço dos criadores lusófonos”, atesta Clara Brito.

Este ano, a Munhub abriu as portas da Feira Internacional de Macau (MIF) a 10 marcas dos países de língua portuguesa e um tecido tradicional das regiões serranas de Portugal – o burel – que agora ganha uma nova vida pela mão de criadores como Margarida Jardim ou Pedro Noronha Feio. Fundador da Pecegueiro & Fos e do Capelista – Design Studios, sempre com Sara Lamúrias como associada, o designer português produz mochilas em burel em colaboração com uma outra marca (a Burel Mountain Originals) e esteve na MIF com o propósito de dar a conhecer o trabalho que desenvolve, mas também de identificar eventuais focos de parceria.



Triunfos fora de casa

T MARCO CARVALHO

Steven Tai e Nuno Lopes de Oliveira são *designers* de moda locais que se propõem estilhaar as convenções que ainda perduram no universo da moda através de peças com tanto de irreverente, como de ousado. Herdeiros de uma tradição têxtil que durante décadas colocou Macau nas bocas do mundo, os dois são os principais trunfos da estratégia que visa devolver ao *Made in Macau* o prestígio entretanto esquecido





Nuno Lopes de Oliveira mudou-se para Londres aos 15 anos para investir na moda

UM PRIVILEGIA cores fortes e notórias, o outro a ideia de lassidão e o conforto que a ela está associado. Um cria roupa para quem se quer destacar e diferenciar da multidão, o outro para quem se sente confiante com o corpo que tem e não procura na moda e na indumentária formas de compensar receios e inseguranças. Um cresceu a sonhar com brocados e lantejoulas, passarelas e manequins e o outro desaguou no mundo da moda quase por traquinagem do destino: depois de ter passado parte da infância rodeado de tecidos, de máquinas de tecelagem e de linhas de montagem que “cuspiam”

milhares de peças em tudo iguais às demais, apercebeu-se que a moda talvez pudesse ter algo de mais criativo.

Nuno Lopes de Oliveira e Steven Tai são os criadores de moda que mais longe levam o nome de Macau a nível internacional. Apesar de privilegiarem abordagens estéticas muito distintas, uma característica há que os aproxima: ambos têm dado cartas ao longo dos últimos anos nas competitivas passarelas londrinas, onde conquistaram já o estatuto de nomes incontornáveis do panorama da moda britânico.

Com criações que primam pela irreverência, os dois estilistas têm um ou-

tro aspecto em comum: o da percepção plena de que no mundo da moda a criatividade não é tudo. Mais do que ser criativo, é importante ter a capacidade de transferir o manancial criativo para mais valias económicas, de transformar uma paixão num negócio e pelo caminho, ajudar o “Made in Macau” a recuperar o prestígio que outrora tinha. A cidade em que nasceram continua a ser para ambos uma referência e um motivo sempre presente de inspiração, ainda que uma tal influência se espelhe de forma muito distinta nas criações de cada um.

Steven Tai destaca a inspiração que retira da influência visível da cultura portuguesa em Macau e que se reflecte numa paleta cromática em que pontificam cores menos habituais, como o rosa que adorna as paredes e muros do Jardim de São Francisco ou o verde que veste as Casas Museu da Taipa, na zona do Carmo.

Se para Steven Tai, o passado continua a ser um bom conselheiro, para Nuno Lopes de Oliveira a Macau do presente e do futuro – dos reclames luminosos e das fachadas cobertas de luz. Foi esta Macau, a dos possibilidades infinitas, que mais influenciou o *designer* de moda macaense e é a ela que Nuno Lopes de Oliveira regressa sempre que cria na sua cor de eleição: o dourado.

“Femininas, confiantes, inconventionais e fluídas”

Em 2013, Steven Tai fundou a grife homónima. A marca distinguiu-se muito rapidamente por uma abordagem ousada e captivante e é dirigida a mulheres que não temem a excentricidade: “A meu ver, a mulheres “steventai” apreciam a qualidade das roupas que vestem e querem também expressar a sua individualidade, ainda que de uma forma não muito vocal”, assume o estilista, de 34 anos.

Tai notabilizou-se por experimentar com técnicas pouco convencionais e por apostar em silhuetas que fogem ao que é considerado a norma nos bastidores do mundo da moda.

Nasceu em Macau no seio de uma família com fortes ligações à indústria

FOI ESTA MACAU, A DOS POSSIBILIDADES INFINITAS, QUE MAIS INFLUENCIOU O DESIGNER DE MODA MACAENSE E É A ELA QUE NUNO LOPES DE OLIVEIRA REGRESSA SEMPRE QUE CRIA NA SUA COR DE ELEIÇÃO: O DOURADO

têxtil e ao vestuário, à época o sector da actividade económica que mais influência exercia na sociedade do território. “O facto de ter crescido rodeado de roupa desde tenra idade fez-me perceber de forma intrínseca não só o que é necessário para criar uma peça de roupa, mas também para gerir um negócio”, diz Tai, evocando um período da história de Macau do qual pouco mais resta do que memórias e que o levou a enveredar por um caminho de originalidade.

“Penso que ter tido a oportunidade de assistir à produção de centenas ou de milhares de unidades de uma mesma peça de roupa me legou um sentido precioso de escala, tendo contribuído para que eu percebesse o quão ampla e diversa a indústria da moda pode ser”.

Ao celebrarem a ideia de conforto, as colecções criadas por Steven Tai evocam o vestuário de natureza desportiva e o bem-estar a que está normalmente associado. O estilista aposta em peças largas, que se distanciam do conceito primordial de que a roupa se deve adaptar e moldar ao corpo. “As minhas criações são femininas, confiantes, inconventionais e fluidas e, de certo modo, é assim que vejo também as mulheres que as vestem”, explica o *designer*.

Conforto e descontração são duas noções centrais no trabalho desenvolvido por Tai. Os conceitos são depois potenciados ora por tecidos únicos, ora por materiais e técnicas inovadoras que dão azo ao que a imprensa da especialidade definiu como “uma mistura única entre intelecto e inteligência”, entre bem-estar e luxo.

A descontração e o arrojo associados às suas colecções abriram-lhe as portas dos principais centros mundiais da indústria da moda. A London Fashion Week – Semana da Moda de Londres – é um dos quatro grandes eventos anuais do panorama internacional da moda, mas a antecâmara do maior evento britânico já não é um mundo estranho para o jovem *designer*. Nascido em Macau, mas criado na cidade canadiana de Vancouver, Tai foi em meados de Se-



Steven Tai nasceu em Macau no seio de uma família com fortes ligações à indústria têxtil

tembro um dos grandes destaques do certame não apenas pelas criações que apresentou mas também pela forma como foram apresentadas.

“Por muito que parte do negócio da moda passe por vender uma narrativa, essa narrativa não pode ficar imune a responsabilidades sociais e aos efeitos que pode ter em adolescentes e jovens mulheres”, defendeu.

Esta não foi, no entanto, a primeira vez que o jovem *designer* assumiu o desafio de abalar desde o seu âmago – a passarela – a indústria da moda. Quando não está a batalhar preconceitos e a desconstruir estereótipos, Tai investe-

-se a si mesmo da tarefa de abrir novos mundos ao mundo da moda.

Em Fevereiro, o criador uniu esforços com a ILMxLab, a divisão da LucasFilm responsável pelos efeitos especiais nas películas da saga “Guerra das Estrelas”, com o intuito de produzir o primeiro desfile alguma vez organizado em realidade aumentada.

Tai bebeu inspiração em Macau – o próprio convite para a apresentação da colecção era uma colorida réplica de uma nota de 500 patacas – e em aspectos da cultura tradicional do território e o sucesso da aposta foi imediato. Londres rendeu-se à ousadia e ao

CONFORTO E DESCONTRACÇÃO SÃO DUAS NOÇÕES CENTRAIS NO TRABALHO DESENVOLVIDO POR TAI. OS CONCEITOS SÃO DEPOIS POTENCIADOS ORA POR TECIDOS ÚNICOS, ORA POR MATERIAIS E TÉCNICAS INOVADORAS

talento do estilista, com a imprensa a referir-se ao trabalho do jovem *designer* como “arreatador”.

A primeira apresentação de moda a combinar realidade aumentada e realidade virtual valeu a Tai referências na imprensa da especialidade como a “Women’s Wear Daily”, a “Vogue International” e o “The Guardian” que destacaram a *steventai* como a marca a seguir por parte de quem quer conhecer melhor os novos protagonistas e as novas tendências no âmbito da indústria da moda britânica.

A forma como as suas criações foram recebidas ao longo do tempo convenceu-o a consolidar a própria marca. O jovem criador adoptou um modelo de negócio particular, que coloca ênfase na procura. Com cerca de duas de-

nas de espaços de exibição no Japão, no Sudeste Asiático, na Europa e no interior da China, Tai recuperou a prática que era comum junto dos alfaíates de outrora e trabalha ao abrigo do modelo “feito por pedido”, o que significa que o produto é produzido apenas depois de um pedido nesse sentido ter sido formulado.

Os espaços que mais têm contribuído para a alavancagem económica da marca “*steventai*” são as valências que o estilista explora no Japão e em Xangai e que merecem, por isso, uma atenção particular do criador em termos de estratégia de negócios: “Estamos a ultimar a remodelação dos espaços de exposição da “*steventai*” em Paris, em Xangai e em Tóquio. Estas montras, chamemos-lhes assim, deverão estar concluídas durante o mês de Outubro e eu estou muito entusiasmado com esta perspectiva”, assegurou o criador e empresário.

“Glamorosas, mordazes e sensuais”

Por seu turno, as peças de Nuno Lopes de Oliveira conquistam pela exuberância e por uma energia electrizante. O *designer* não esconde também a influência que Macau exerceu e continua a exercer sobre a sua forma de estar na moda e sobre o seu processo criativo: “Entendo o facto de ter nascido em Macau como uma grande influência na minha carreira, porque a cidade em que cresci não é esta cidade que hoje conhecemos”, assume. “Quando decidi que queria ser um criador de moda, Macau estava a passar por uma fase de crescimento, com hotéis de grandes dimensões a despontar um pouco por todo o lado. Estava tudo coberto de ouro. Ver a minha Macau desabrochar fez-me perceber que eu próprio não tinha atingido todo o meu potencial. A forma como Macau cresceu é algo que me deixa orgulhoso, que me inspirou e me continua a inspirar”, reconhece Oliveira.

Em 2006, com apenas 15 anos, assumiu a moda como companheira para o percurso de vida e rumou a Londres, onde se licenciou em Design de Moda



pela Universidade de Middlesex. Na capital britânica cruzou-se com outras influências mas em momento algum deixou de ter Macau como referencial e principal motivo de inspiração.

Os dourados resplandecentes da sua cidade foram a imagem de marca em 2015, no desfile de final de curso que o catapultou para a primeira linha de uma nova geração de talentosos e promissores criadores britânicos e continuam a sê-lo três anos depois, ainda que o jovem criador tenha alargado o espectro cromático da sua mais recente colecção com o objectivo de conquistar novos públicos e novos segmentos de consumo: “Para a minha mais recente colecção fui buscar inspiração ao YouTube e à paleta cromática utilizada por influenciadores como Jeffree Star”, desvenda o criador, de 27 anos.

Nascido no seio de uma família com fortes ligações ao mundo da moda (a mãe conquistou em 1985 o segundo lugar no concurso Miss Macau), Nuno Lopes de Oliveira criou para a irmã um sumptuoso vestido que usou para representar Macau na edição de 2018 do



MACAU NO CORAÇÃO

Com visões muito distintas do acto de criação e com trajectos também eles substancialmente diferenciados no mundo da moda, Nuno Lopes de Oliveira e Steven Tai afinam, no entanto, pelo mesmo diapasão no que toca à relevância da criatividade como motor de afirmação de uma marca: “Ser criativo pode ser um trunfo, mas apenas no âmbito da criatividade”, reconhece o estilista macaense Steven Tai. “À medida que vamos ganhando experiência compreendemos que é necessário ser-se criativo, mas também é preciso direccionar essa criatividade de forma a que seja comercialmente viável. Só assim é possível transformar uma paixão num negócio e dar resposta a certas tarefas de natureza administrativa”, complementa.

Com o coração em Macau, os pés em Londres e os olhos no mundo, Nuno Lopes de Oliveira tem na ligação à capital outro raro ponto em que a sua carreira converge com a de Steven Tai. Para um e para outro, a “City” continua a ser a passadeira onde todos os sonhos são possíveis: “Viver em Inglaterra abriu-me os horizontes porque me fez compreender os vários tipos de indústria com os quais posso e poderei trabalhar”, assume Oliveira. “Se não tivesse ido para Inglaterra não me teria apercebido de que é possível ser bem sucedido profissionalmente no âmbito das indústrias criativas”, assume o designer, sem medo de ser feliz.

Miss Grand International.

O combinado que criou foi como que a síntese mais que perfeita do percurso meteórico que o jovem *designer* experienciou ao longo dos últimos anos. Formada por um refinado vestido de noite e por um extenso manto de onde brotam lótus dourados de diferentes dimensões, a peça não ilude o inconformismo que sempre pautou o percurso de Nuno Lopes de Oliveira, mas também não trai nem a abordagem estética apurada que diz ter herdado da mãe, nem o sentido de pertença a uma Macau que encontra, garante, repetidamente caminho para as suas criações. “As minhas criações são glamorosas, mordazes, sensuais e esteticamente agradáveis”, ilustra. “Quem as usa tem sempre um grande desejo de se evidenciar, de se diferenciar dos demais. Elas entusiasмам quem as usa e constituem como que declarações de estilo. Este ano vou, ainda assim, procurar também criar algumas peças com uma natureza mais comercial”, admite Oliveira. Depois de se ter evidenciado no desfile

de finalistas organizado em 2015 pela Universidade de Middlesex, o *designer* de moda macaense foi contactado por um conhecido DJ londrino que mostrou interesse nas suas criações. Nesse mesmo ano, Prince vestiu roupas concebidas por Nuno Lopes de Oliveira em frente de milhares de pessoas em Trafalgar Square.

Desde então, as suas criações já vestiram vários artistas asiáticos e personalidades como Paris Hilton e Years and Years. Em 2016 foi distinguido com o prémio Revelação nos Fashion Asia Awards e tornou-se o primeiro criador com as raízes a cem por cento em Macau a chegar às páginas da Vogue. Depois de triunfar fora de casa, Nuno Lopes de Oliveira obteve recentemente a consagração dentro de portas, ao desfilar lado a lado com algumas dos maiores nomes da indústria: “Fui um dos convidados da Macau Fashion Week, organizada pelo grupo Sands China. Depois, rumei a Xangai para participar num certame internacional onde estiveram presentes vários outros criadores de Macau”, explicou o estilista, evocando duas das mais recentes etapas ao longo do percurso. ■





A ressurreição do *Made in Macau*

O Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau (CPTTM) foi criado em 1996 com o propósito de ajudar a requalificar o sector manufactureiro de Macau, num período em que a indústria têxtil já enfrentava um rápido declínio. Em entrevista à MACAU, a vice-directora geral do organismo, Victoria Kuan, conta como os frutos estão à vista a o fim de uma década e meia de existência

T MARCO CARVALHO
F TATIANA LAGES

UM DOS aspectos que o Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau tem vindo a trabalhar desde há quinze anos é o da

alavancagem da indústria da moda em Macau. Quanto do sucesso obtido internacionalmente por criadores pode ser atribuído ao CPTTM?

Antes de 1999, a indústria manufactureira era responsável pela maior fatia das exportações com origem em Ma-

cau. Quando o CPTTM foi formado, em 1996, uma das nossas missões era trabalhar para que este estatuto se pudessem manter mas com a diversificação dos processos económicos a nossa missão complicou-se e tivemos de encontrar uma nova vocação. Quando as fábricas

fecharam, os trabalhadores rumaram a outros sectores e a solução passou pela aposta nas novas gerações. Chegámos à conclusão de que precisávamos de ter cursos de moda em Macau, que era algo que não existia de todo apostando assim na formação. Em 2003 começámos a cooperar com a Direcção de Serviços de Educação e Juventude e a trabalhar com escolas secundárias, que passaram a oferecer cursos de moda de três anos e a atribuir os respectivos diplomas. Desde então, Macau tem vindo a disputar a World Skills, uma competição que se propõe avaliar as competências de quem participa.

A Direcção dos Serviços de Assuntos Laborais incumbiu-nos de ajudar no domínio da tecnologia de moda e nesse mesmo ano juntámo-nos à competição, com a participação na prova de *design* de moda.

Ao longo de todos estes anos, desde 2003, temos vindo assim a dar formação a jovens, a incubar projectos e a fomentar a participação em competições, para que estas pessoas se tornem criadores de moda.

Tem uma ideia do número de jovens que se formaram desde então nos

cursos ministrados pelo CPTTM?

Ao longo dos últimos 15 anos, foram mais de 200, os alunos que obtiveram connosco o diploma em moda. No entanto, todos os anos acolhemos mais de três mil alunos em diferentes cursos. Com os dados que temos, e que resultam de um dos projectos de incubação que apoiamos, bem como da atribuição de subsídios por parte do Governo, sabemos que os criadores que se assumiram como tal e estão a trabalhar como tal são mais de 40. Estou a falar, obviamente, de criadores locais.

Os cursos de formação não são, no entanto, a única faceta do trabalho desenvolvido pelo CPTTM...

Promovemos um espectáculo de moda, o Desfile de Moda de Macau, num evento denominado Centrestage, onde levamos 12 criadores de Macau. Além das acções de formação, em 2007 introduzimos também um projecto de incubação de dois anos. Temos um director de arte e recrutamos anualmente três criadores que concluem a formação em moda. Os *designers* seleccionados formam equipas, nós concedemos-lhes um orçamento e eles fazem o resto: investigam novas tendências, procuram

tecidos e estabelecem contacto com fabricantes. No fim, organizamos um espectáculo de moda e estes criadores têm de idealizar e conceber uma colecção com 24 peças. Também temos uma Galeria de Moda, na zona de São Lázaro, na qual promovemos “*pop-up shops*”: os criadores podem ali colocar as suas criações de forma a darem-se a conhecer a eventuais clientes.

Qual é a principal ambição dos criadores locais?

Um dos nossos objectivos é o de providenciar os meios e a visibilidade para que se internacionalizem. Além de Macau, de fazerem uma mão cheia de peças para clientes locais, os estilistas devem concentrar-se no mercado chinês. Quando criámos o projecto de incubação, em 2007, o objectivo era centrar atenções na zona da Grande Baía porque o tipo de corpo dos clientes, os gostos e o clima nesta região são similares a Macau mas alguns jovens criadores mostraram-se também interessados em tentar a sorte nos mercados da Ásia Oriental e do Sudeste Asiático e em países como a Tailândia ou as Filipinas onde os consumidores gostam de peças e de criações únicas.

APRENDER COM AS OLIMPÍADAS DO TALENTO

WORLD SKILLS

No início de Janeiro, Victoria Kuan rumou à cidade russa de Kazan para participar na reunião preparatória da próxima edição da WorldSkills, competição internacional que é muitas vezes referenciada como as “Olimpíadas do Talento e da Educação Profissional”.

Os jovens profissionais até aos 22 anos competem em categorias como transportes e logística, tecnologia em manufactura e engenharia, serviços sociais e pessoais ou artes criativas e moda.

Macau disputa o Torneio Internacional de Educação Profissional desde 2003 e Victoria Kuan esteve desde a primeira hora envolvida na participação de Macau.

A vice-Directora Geral do CPTTM não tardou a perceber que a iniciativa, mais do que a possibilidade de exibir competências, constituía solo fértil para a aprendizagem e para a troca de conhecimentos. Alguns dos que adquiriu ajudaram a profissionalizar a indústria da moda do território.

A mais recente edição da WorldSkills decorreu em Abu Dhabi em Outubro do ano passado e reuniu na capital dos Emirados Árabes Unidos mais de 1300 jovens em representação de 79 países e territórios. Kazan recebe o certame entre 22 e 27 de Agosto do próximo ano.





Acredita que os estilistas de Macau já atingiram um grau de maturidade e de profissionalismo que lhes possa garantir uma presença bem sucedida nos grandes palcos internacionais?

É uma questão de qualidade e de originalidade. O vestuário feito em Macau sempre teve muita qualidade. No passado exportávamos em quantidade e qualidade, mas não inovávamos em termos de *design*. As nossas fábricas têxteis produziam roupa com qualidade e Macau sempre gozou de uma boa reputação tanto no mercado europeu, como no mercado norte-americano. A nossa mão-de-obra era boa e a reputação que tínhamos no estrangeiro era boa. A questão é que nos limitávamos a produzir peças concebidas por outros estilistas.

Originalidade e criatividade são agora palavras-chave para o CPTTM?

Essa é a missão a que nos propomos e é com esse intuito que temos vindo a trabalhar tão arduamente. Esse foi sem-

pre, ao longo dos últimos 20 anos, o nosso maior objectivo. Pelo menos agora, os residentes de Macau parecem ter consciência de que existe uma indústria da moda no território, bem como criadores locais. Há talento em Macau e cabe-nos a nós encorajar esse talento para que não abram mão da carreira ou desistam a meio do caminho. A nossa esperança é que os criadores locais possam olhar para a moda como um trabalho a tempo inteiro e não apenas como uma actividade dos tempos livres. Aquilo que lhes digo é que não tenham a tentação, logo desde o início, de construir o seu próprio negócio. Têm que começar pelo início, de encontrar um emprego, de estagiar ou trabalhar num atelier de moda. Além de receberem um salário estão a aprender. Aprendem a construir uma cadeia de abastecimento, ficam a conhecer os locais onde podem adquirir tecido, onde podem encontrar compradores ou o que têm que fazer para entrar nos circuitos de moda.

Macau é um território muito pequeno, no qual não é fácil encontrar fornecedores. Qual é actualmente o ponto de situação quanto à indústria da moda?

Ao longo dos últimos anos, os hotéis procuraram trabalhar com criadores locais e com pequenas e médias empresas do sector da moda e temos vindo a assistir ao aparecimento de casos de sucesso. Os estágios dos alunos do ensino secundário que estudam moda são feitos em colaboração com algumas unidades hoteleiras. Durante o estágio é dada oportunidade aos alunos de fazer arranjos simples, de tirar medidas ao corpo dos funcionários, de proceder a ajustamentos nos uniformes e por aí adiante. Há ainda protocolos para estágios em produções teatrais, onde o guarda-roupa é enorme. Os estagiários ajudam a proceder a intervenções nos trajés.

O que é que tem de ser feito por *designers*, por empresas e pelo próprio CPTTM para que a indústria da moda se afirme ainda com maior vitalidade?

Em Macau, os criadores são bons, mas estão sozinhos. Têm de tratar sozinhos de questões burocráticas, administrativas e logísticas e, muitas vezes, o tempo que lhes sobra para criar é mínimo. Muitos concebem as suas peças, o seu trabalho criativo ao final do dia ou à noite porque durante o dia tiveram de ir falar com um fornecedor ou de resolver uma ou outra questão com fabricantes. O CPTTM procura fazer o que está ao seu alcance para aliviar o fardo administrativo com que se depara para que se possam concentrar na produção de novas colecções e de novas peças. O próximo passo passa por procurar perceber de que forma podemos ajudar a transformar uma paixão num negócio viável. Para que isto seja possível, a mentalidade dos próprios criadores tem que mudar pouco a pouco. Há *designers* para quem pouco dinheiro já é algum dinheiro. Estes criadores não querem que os negócios cresçam de forma desmesurada, não querem ser os estilistas com lojas em tudo o que é aeroporto ou centro comercial.



De que forma é que o fortalecimento das indústrias criativas ajudou a mudar mentalidades em relação à indústria da moda?

Durante muito tempo o CPTTM foi a única entidade a promover a indústria da moda: formámos criadores e facultamos formação e aconselhamento. Estas competências continuam a ser competências exclusivas do Centro

para a Produtividade e Transferência de Tecnologia de Macau. O Governo começou, entretanto, a acarinhar as indústrias criativas e alegro-me muito que a moda seja contemplada nesse projecto. Desde então, o Instituto Cultural tem dado um importante contributo para a promoção da indústria da moda local atribuindo subsídios no valor de 160 mil patacas aos criadores

que apresentam os melhores projectos no âmbito do chamado “Programa de Subsídios à Criação de Amostras de Design de Moda 2018”. Esta iniciativa permitiu que muitos criadores tivessem a oportunidade de desenvolver as suas próprias colecções. Na minha perspectiva, o Governo está consciente do valor da indústria da moda e esta promoção, no âmbito das indústrias criativas, tem ajudado muito o sector.

“ÁQUILO QUE DIGO É QUE NÃO TENHAM A TENTAÇÃO, LOGO DESDE O INÍCIO, DE CONSTRUIR O SEU PRÓPRIO NEGÓCIO. TÊM QUE COMEÇAR PELO INÍCIO, DE ENCONTRAR UM EMPREGO, DE ESTAGIAR OU TRABALHAR NUM ATELIER DE MODA. ALÉM DE RECEBEREM UM SALÁRIO ESTÃO A APRENDER”

Pode-se afirmar que a Galeria de Moda de Macau funciona como uma montra do trabalho que o CPTTM tem vindo a desenvolver?

Como o nosso departamento de Moda está situado num edifício industrial na Areia Preta, pedi ao Instituto Cultural para nos facultar um local onde pudessemos dar a conhecer o trabalho



O Centro de Produtividade e de Transferência de Tecnologia é uma constituída em conjunto pelo Governo de Macau e o sector privado

dos designers. A galeria constitui um bom impulso mas não é suficiente. O facto de estar situada no Bairro de São Lázaro, numa zona com grande valor patrimonial, é um aspecto positivo. Há sempre muitos turistas no Bairro de São Lázaro, o que é bom em termos promocionais. No entanto, se tivéssemos mais recursos e pudessemos investir no aspecto comercial da Galeria, com a criação de uma área comercial propriamente dita, seria perfeito para os estilistas locais. No próximo ano vamos mudar de estratégia e vamos facultar lojas permanentes para designers. Vamos deixar de contar com lojas “pop up” e vamos, em contrapartida, criar espaços de vendas onde os criadores locais se podem revezar durante períodos mais ou menos prolongados de tempo no sentido de dar a conhecer o seu trabalho já que os criadores amadureceram e concebem frequentemente novas colecções e, como tal, garantem-nos novos produtos de tempos a tempos.

Esta regularidade fez com que equacionássemos a criação de lojas para promover as marcas dos criadores locais. No passado não sabíamos muito bem que produtos podíamos exportar. Íamos buscar algumas criações com as quais os criadores locais se tinham evidenciado em desfiles internacionais, mas estas peças eram insuficientes e tínhamos de convidar estilistas portugueses para mostrar as suas criações, como foi o caso com o Nuno Baltazar.

Que outros planos tem o Centro de Produtividade e Transferência de Tecnologia tem para os próximos meses?

No nosso Departamento de Tecnologia do Vestuário, na Areia Preta, providenciamos vários tipos de serviços. Temos uma impressora destinada em exclusivo à impressão de tecidos. Os criadores podem conceber os padrões que querem no computador e depois nós permitimos que usem essa máquina para criar uma pequena quan-

tidade de tecido. Temos máquinas de bordar e outras que cortam a laser. Nos próximos meses vamos receber novas máquinas direccionadas para a estampagem e impressão. Organizamos também seminários que agora estavam apenas direccionados para a indústria da moda, mas dentro em breve vamos promover alguns sobre formas de fazer negócio. Convidámos para esta iniciativa estilistas locais de sucesso, que têm lojas e ateliers no interior do País. Eles foram convidados para partilhar a sua experiência. Convidamos também consumidores de produtos de marca de Hong Kong e do interior da China, para que possam discorrer sobre os seus gostos e possam ensinar os criadores locais. Por outro lado, vamos organizar seminários sobre tecnologias da informação. Para além de dinamizar o Festival de Moda de Macau, estamos apostados em formar e treinar novos talentos. É neste aspecto que nos vamos focar ao longo dos próximos meses. ■

09 / 03
2019

Sábado 20:00

Centro Cultural de Macau
- Grande Auditório

Bilhetes
MOP 150 / 120 / 100 / 80

DIÁLOGO
ENTRE O
ORIENTE
E O
OCIDENTE



DESTAQUES DO PROGRAMA

Música Orquestral Chinesa *Sinos do Cavale Fanteio*

Concerto de Violoncelo *Capricho de Gregório Klein*
(Estrela em Macau)
Primeiro Movimento *Viado de Mãe*
Segundo Movimento *Siem Mengli de Luta Livre*
Terceiro Movimento *Suzento*
Quarto Movimento *Campe de Batalha*
Quinto Movimento *Saudade*
Sexto Movimento *Rectagem Auspiciosa*

Concerto de Lijun *4. Dança do Templo do Bente*

Concerto de Pipa *Búzios Eterna e Auspicios*
(Estrela em Macau)
Primeiro Movimento *Initial de Educação*
Segundo Movimento *Logo Celestial*
Terceiro Movimento *Existente*



ORQUESTRA
CHINESA
DE
MACAU

Duração: aproximadamente 1 hora e 30 minutos, com um intervalo.

A Organização reserva-se o direito de alterar o programa e / ou os artistas.
Os bilhetes para os concertos da Orquestra Chinesa de Macau encontram-se

à venda na Bilheteira Online de Macau. Compre já!



Siga-nos no Wechat

facebook

澳門中樂團 Orquestra Chinesa de Macau

Reserva de bilhetes
(853) 2855 5555

Website para reserva de bilhetes
www.macauticket.com

Informações
(853) 8399 6699

Website
www.icm.gov.mo/ochm

Eternas memórias para os macaenses

Se hoje ainda tivesse de portas abertas, completaria 140 anos. A Escola Comercial “Pedro Nolasco” encerrou em 16 de Junho de 1997, dando lugar à Escola Portuguesa de Macau, e deixou muitas saudades. Depois de ter a actividade suspensa durante sete anos, a Associação dos Antigos Alunos da Escola Comercial “Pedro Nolasco” voltou em força para reavivar as memórias dos tempos do colégio e dinamizar as relações interculturais

T BRUNA PICKLER
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

PRIMEIRO OCUPOU o edifício que hoje pertence ao banco Delta Ásia, próximo ao Largo de Santo Agostinho, até mudar-se, em 1966, para o complexo projectado pelo arquitecto Chorão Ramalho, onde actualmente está instalada a Escola Portuguesa de Macau (EPM), no centro da cidade.

A Escola Comercial “Pedro Nolasco” foi criada em 1878 pelas mãos da Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (APIM), por sua vez fundada em 1871 na residência daquele que viria a ser o seu primeiro Presiden-



ARQUIVO AAAC

te, Maximiano António dos Remédios (Pentavô de José Basto da Silva), onde fica actualmente a Residência Consular do Cônsul de Portugal em Macau, cujo grande objectivo era oferecer uma educação de qualidade para jovens macaenses. Dali saíam quase que directamente para cargos na função pública; formavam-se tradutores e intérpretes, ou homens de negócios para grandes empresas de Hong Kong e Xangai. Em 1998, a instituição encerrou portas e deu lugar à EPM.

Em 1998, José Achiam liderou um grupo de amigos para a criação da Associação dos Antigos Alunos da Escola Comercial “Pedro Nolasco” (AAAEC). No Boletim Oficial desse ano, a Associação tem a sua constituição anunciada mas 10 anos depois, em 2008, vem a ter suas actividades suspensas devido à morte do seu principal impulsionador.

No início de 2016, José Basto da Silva e um grupo de dez antigos alunos relançaram a AAAEC, com o objectivo principal de “motivar a juventude local e na diáspora a envolver-se mais com a cultura macaense”. Só nesse ano é que a nova direcção definiu os Estatutos, de forma a prever a figura de sócio que anteriormente não existia.

O novo presidente da AAAEC acredita que há uma grande necessidade de dinamizar a comunidade macaense e que as associações que já existiam até então, como a dos Macaenses ou a dos Jovens Macaenses, não conseguem chegar a todos. “Apesar de uma certa inércia na comunidade macaense, há um tecido jovem e enérgico que está a trabalhar”, aponta, ambicionando incentivar mais pessoas a envolverem-se, gerando “sinergias” com as outras associações para que haja uma confluência nos trabalhos.

Nos últimos dois anos, a AAAEC tem apostado em realizar eventos recreativos e educativos, tais como jantares de confraternizações, palestras ou cursos de culinária. O que motiva José Basto da Silva a avançar é a ideia de promover a cultura macaense que, lamenta, está pouco a pouco a diluir-se, bem como “cimentar os valores de serie-



José Basto da Silva, presidente da Associação dos Antigos Alunos da Escola Comercial

dade, honestidade e respeito entre sócios e amigos da AAAEC, os quais eram os principais fundamentos da extinta escola, através de actividades sociais, culturais, desportivas e recreativas.”

Dinamizar através do conhecimento

Os eventos que a AAAEC tem realizado são mais voltados para os sócios, porém são também abertos à comunidade local. O principal projecto, na opinião de José Basto da Silva, é a série de tertúlias “Serões com História”, que versa não apenas sobre o passado da Escola Comercial, mas também sobre temas da identidade macaense contemporânea. Com o apoio da Fundação Rui Cunha, o evento é organizado trimestralmente com oradores convidados.

Outro grande projecto da AAAEC é uma colectânea de recordações e de memórias da Escola. Uma primeira exposição de fotos antigas foi já apresentada em 2016, a propósito do Encon-

tro das Comunidades Macaenses, e fez uma retrospectiva do estabelecimento de ensino desde os tempos da Calçada do Tronco Velho até ao edifício na Avenida Infante D. Henrique.

A recolha de materiais continua sempre em andamento e depende das doações de quem passou pela Escola. Os actuais sócios da AAAEC – antigos alunos, professores ou funcionários da escola – são as principais fontes deste acervo fotográfico, onde se encontram verdadeiras pérolas. “Encontramos coisas engraçadas. Naquela altura faziam-se viagens, passeios à Ilha da Taipa em que se passava lá um dia inteiro. O que hoje em dia é muito banal antes era uma festa. Há fotografias dessas situações todas com professores como Silveira Machado ou Henrique de Sena Fernandes”, aponta o presidente.

Na lista de projectos a desenvolver constam aulas de patuá, torneios desportivos e uma nova edição de aulas de culinária macaense. Para o curso de patuá, a principal dificuldade tem sido

encontrar pessoas com tempo para ensinar. Já as aulas de culinária estão a ser reestruturadas para que possam contar com vários chefes de cozinha que dêem diferentes perspectivas sobre o modo de confeccionar os pratos macaenses.

Uma longa história

“A Escola Comercial era o orgulho dos macaenses”, ressalta José Basto da Silva. Foi fundada no dia 8 de Janeiro de 1878 sob a chefia de João Eleutério d’Almeida, tendo funcionado, numa fase inicial, numa casa particular com os professores que se puderam angariar em Macau. Durante 16 anos funcionou no Seminário de Macau, depois passou para o Liceu sob o nome de Instituto. Segundo registos de Abril de 1907, o seminário era frequentado por 187 alunos internos e 183 externos, formando um total de 370 alunos. Depois da parceria com o Seminário ter sido encerrada, a APIM pôs de lado a ideia do Instituto e procurou restabelecer a sua antiga Escola Comercial.

No dia 9 de Dezembro de 1919, a escola recebe oficialmente o nome de Pedro Nolasco da Silva, que desempenhava então funções de secretário da APIM. Na sua recta final, já instalada no centro da cidade, a escola estava virada para o ensino tecnológico, ministrando três cursos: Curso Tecnológico de Administração, Curso Tecnológico de Economia e Curso Tecnológico de Informática. O desporto, principalmente o futebol, o voleibol, o basquetebol e o atletismo, também tinha um papel fundamental na formação dos alunos, com a organização de torneios e campeonatos.

No ano lectivo de 1996/1997, a festa de final de ano contou com a representação por parte de alunos da peça de teatro adaptada da obra “Trança Feiticeira”, de Henrique de Senna Fernandes. O espectáculo, dirigido pelo actor Rui Brás, subiu ao palco do teatro D. Pedro V durante três dias em Março de 1997 com a casa sempre cheia. Para fechar o ano, alunos, funcionários e encarregados de educação reuniram-se à volta da mesa para o tradicional “chá gordo” macaense.

Entre as pessoas mais célebres que pas-

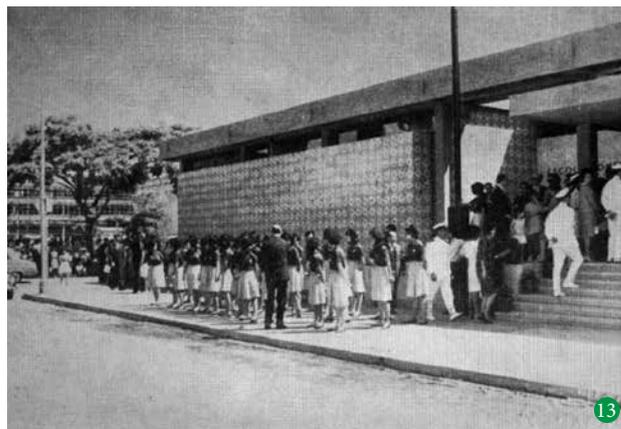
saram pela Escola, destacam-se os directores Pedro Nolasco da Silva, Beatriz Nolasco da Silva, Edmundo de Senna Fernandes, Henrique de Senna Fernandes e João Bosco Basto da Silva. Além destes, muitos professores também são destacáveis, como por exemplo, António de Nascimento Leitão, Manuel Maria Sapage, Padre Ramiro Dias Branco, Padre Áureo Castro, José Silvério Marques, Renelde Justo da Silva, entre muitos, muitos outros.

Revolucionária à época, a Escola Comercial “Pedro Nolasco” foi a primeira na cidade a ministrar aulas de informática. Foi também pioneira em termos de acesso às novas tecnologias em Macau. Prova disso é o facto de ter sido o primeiro colégio em Macau a ter computadores Apple II para uso nas aulas de informática. ■





FOTOS ARQUIVO AAEC



1. Jantar de aniversário da fundação da Escola Comercial (Janeiro de 2018)
2. Cerimónia do jantar de aniversário da fundação da Escola Comercial (Janeiro de 2018)
3. Antigos alunos da Escola Comercial no jantar de aniversário (Janeiro de 2018)
4. Romagem à Gruta de Camões (10 de Junho de 2017)
5. Visita de cortesia ao Clube Lusitano em Hong Kong (Março de 2017)
6. Equipa de hóquei da Escola Comercial no Campo Tap Siac (data desconhecida)
7. Visita da Escola Comercial ao Consulado Geral de Portugal em Hong Kong (1967)
8. Alunos junto à fachada da Escola Comercial "Pedro Nolasco" (data desconhecida)
9. "Serões com História" com Cecília Jorge (Outubro de 2017)
10. Visita de cortesia e cumprimentos à Associação Promotora da Instrução dos Macaenses (2016)
11. Passeio à ilha de Taipa (data desconhecida)
12. Festa da Escola Comercial (data desconhecida)
13. Inauguração do novo edifício (Maio de 1966)
14. Visita à Associação Fu Hong (2016)





Nova vida para a Vila de Nossa Senhora em Ká Hó

T VÍTOR QUINTÁ

A história da comunidade de leprosos que viveu em Ká Hó no século passado vai ganhar um espaço próprio, na antiga Igreja de Nossa Senhora das Dores. O Governo diz que as cinco casas da Vila de Nossa Senhora vão ainda transformar-se num espaço de formação e educação artística para jovens





GONÇALO LOBO PINHEIRO

oito anos. “Faz parte da história de Macau, mas poucas pessoas sabem. Tenho um amigo de 36 anos que só foi a Ká Hó três vezes e diz que não há nada para ver”, acrescenta o presidente da Associação Macau-Itália.

“Depósito de lázaros”

E a história da Vila de Nossa Senhora tem como actor principal precisamente um italiano, o Padre Gaetano Nicosia. O Bispo Dom Belchior Carneiro tinha criado a meio do século XVI um hospício no bairro de São Lázaro, na península de Macau, para acolher os leprosos, uma instituição então financiada pela Santa Casa da Misericórdia. Mas nos finais do século XIX foram expulsos dessa área para permitir a expansão da cidade e foram separados, indo os homens para “um depósito de lázaros” em Pac Sá Lan, na ilha de São João. Foram precisos apenas três anos para que os “modestos edifícios” em que viviam fossem destruídos por um tufão, sendo finalmente substituídos por “construção mais substanciais”. Apesar do estigma da lepra, os registos mostram que os doentes eram alvo frequentes de ataques de piratas “que lhes roubavam o arroz e as escassas moedas”. Após muita residência e mudança de ideias por parte das autoridades, que chegaram a considerar outros locais na Taipa e na península de Macau,

QUEM DESCE pela Estrada de Nossa Senhora de Ká Hó até junto do mar já não vê a densa floresta que cobria esta zona isolada de Coloane. Hoje encontra o Centro de Santa Lúcia, onde a organização católica Cáritas acolhe mulheres com problemas mentais, o Centro de Tratamento da Associação de Reabilitação de Toxicodependentes de Macau e um lar de idosos. Mas dificilmente vislumbra, no cimo de uma pequena colina, cinco casas que durante décadas foram um porto de abrigo para os mais marginalizados de todos: os leprosos de Macau e não só. “Não é fácil conhecer a história por detrás deste local nem sequer chegar lá”, diz o arquitecto Marco Canarelli.

Há menos de uma década, a única ligação entre Ká Hó era a linha de autocarro 15, que só passava uma vez a cada 75 minutos. Actualmente a aldeia não está tão isolada, com o 15 a chegar da Taipa de meia em meia hora e o 21A a vir da península de Macau a cada 20 minutos. Ainda assim, é uma viagem que facilmente demora mais de uma hora.

Por isso não admira que poucos se aventurem até Ká Hó, cujo sossego parece a milhares de quilómetros de distâncias das luzes dos casinos do Cotai. “Conheço pessoas de Macau que nunca foram a Ká Hó, o que é inacreditável, uma vez que a região é tão pequena”, diz Marco Canarelli, que vive na cidade há



NÃO É FÁCIL CONHECER A HISTÓRIA POR DETRÁS DESTES LOCALS NEM SEQUER CHEGAR LÁ



VÍTOR QUINTELA

Arnaldo Acconci relembra como o pai, Oseo, construiu a igreja nos anos de 1960

inclusive perto das Portas do Cerco, em 1884 as mulheres foram colocadas nas cinco casas do hospício de Ká Hó. Aos leprosos casados é-lhes proibida coabitação, mas é “impossível evitar que tenham correspondência”, lamentava já em 1882 o Administrador do Concelho das Ilhas, tenente José Correia de Lemos. A zona de Pac Sá Lan, que hoje faz parte da Ilha da Montanha, teve de ser abandonada em 1950, com os leprosos a juntarem-se todos em Ká Hó. Isto apesar de uma extensão da vila nunca ter sido

concretizada, porque o construtor encarregue da obra contraiu também ele a lepra e desapareceu para nunca mais ser visto, lê-se num relatório da década de 1930.

Arnaldo Acconci diz que os leprosos cultivavam sobretudo vegetais mas sublinha que a maioria da comida “vinha de Macau, de barco, e era deixada numa pequena praia” que ainda hoje existe. Sendo a única comunidade deste género no sul da China, “ninguém lá ia. Nessa altura os leprosos eram tratados como animais, estavam acorrenta-

dos” por medo de contágio, recorda o filho mais velho de Oseo Acconci.

Da Sicília para Ká Hó

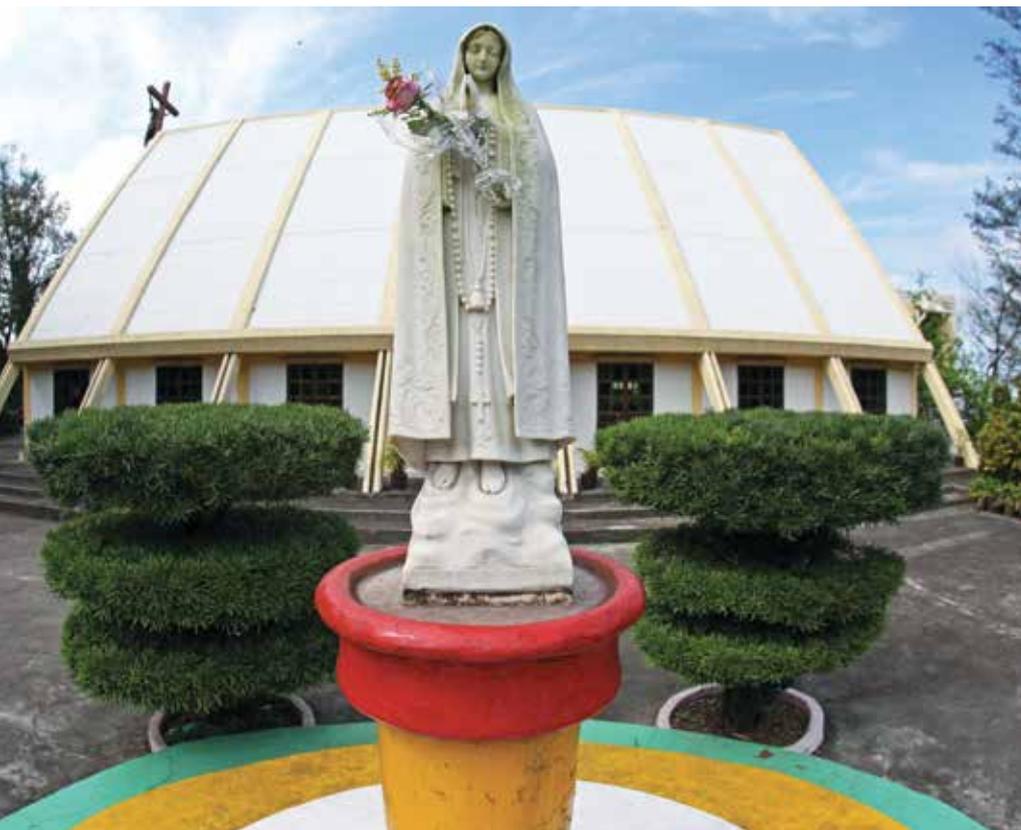
Mesmo as autoridades portuguesas da altura se referem à lepra como “aque-la repugnante enfermidade”. “Tivemos de sacrificar, em nome da higiene pública, a assistência médica directa aos leprosos”, admite o relatório. Na década de 1930 o médico apenas visitava Ká Hó uma vez por semana e ainda menos frequentes eram as visitas a Pac Sá Lan. O tratamento das feridas causadas pela lepra era deixado “nas mãos dos doentes mais inteligentes e educados”, refere o relatório. O documento prometia a construção de um edifício na península de Macau para o tratamento de “alguns dos pacientes”, mas isso nunca aconteceu.

A situação só mudou com a chegada a Ká Hó em 1958 do Padre Nicosia, que já estava a viver em Hong Kong desde 1935, e que acrescentou autonomia à comunidade de doentes. “Tornou-se uma comunidade autónoma, que produzia parte da sua própria comida, porque Macau estava longe, que tinha instalação eléctrica e abastecimento de água”, diz Francisco Vizeu Pinheiro, professor de arquitectura na Universidade de São José (USJ). Oseo Acconci foi um dos poucos a ajudar, nomeadamente importando para Macau uma máquina que per-



FOTOS: GONÇALO LOBO PINHEIRO





FOTOS: GONÇALO LOBO PINHEIRO



mitiu aos residentes na Vila de Nossa Senhora fazer telhas, que depois comprava para utilizar nos seus projectos. O escultor e engenheiro italiano foi também o responsável pelo projecto da Igreja de Nossa Senhora das Dores, cuja construção, iniciada em 1966, se revelou um desafio logístico. Os materiais de construção tiveram de ir de barco até Coloane, numa altura em que não havia qualquer estrada ou ponte a ligar a ilha, recorda Arnaldo Acconci. Além disso, a zona da igreja foi separada do resto da vila, pois os trabalhadores, muitos dos quais ficaram a viver em Ká Hó durante a construção, tinham receio de que os leprosos se aproximassem, diz o italiano.

Igreja de portas ímpares

“A igreja foi feita da forma mais simples possível e [Oseo] Acconci fê-la de forma gratuita”, sublinha Marco Canarelli. Algo confirmado pelo filho Arnaldo: “Ele não queria nada de mui-

to complicado”. Ainda assim, “é um projecto interessante”, diz Marco, que destaca o exterior em forma de tenda. Mas as surpresas não acabam aí. “O Padre Nicosia queria 13 portas, para simbolizar os 12 apóstolos e Jesus [Cristo]”, recorda Arnaldo. “Por isso o meu pai não colocou o altar no fundo, mas sim num dos lados para assim ter sete portas de um lado e seis do outro”, explica o macaense.

Um dos destaques da Igreja de Nossa Senhora das Dores é um crucifixo de bronze colocado sobre a porta do lado norte, uma oferta de Francisco Messina, “um dos maiores escultores italianos”, diz Arnaldo. “Quando o meu pai estava a construir a igreja, pediu a Messina uma pequena cruz” para colocar no interior da igreja, conta ele. “Mas um dia, porque eles eram bons amigos, subitamente, chegou este crucifixo, que era grande demais. O meu pai teve de repensar e colocar uma estrutura no exterior para suportá-lo.”

Como italiano, Marco Canarelli diz-se “orgulhoso” do trabalho que os seus dois compatriotas fizeram por Macau. “Havia uma forte ligação entre o Padre Nicosia e a família Acconci”, diz ele. Além de ser uma das poucas pessoas a ter a coragem de viver junto dos leprosos, sublinha Arnaldo Acconci, Nicosia conseguiu manter a comunidade viva durante mais de 40 anos através de doações vindas de todo o mundo. “Ele veio da Sicília para o outro lado do globo para tomar conta de pessoas que não conhecia de lado nenhum”, sublinha o italiano.

“Património social”

E é esta história de serviço aos mais desfavorecidos que o Instituto Cultural de Macau (ICM) quer preservar. O ICM disse que a actual igreja vai “em breve” sofrer trabalhos de restauro. O objectivo, diz o Instituto liderado por Mok Ian Ian, é transformar a igreja “num espaço de exposições para

apresentar a história dos serviços sociais prestados pela Vila de Nossa Senhora de Cá Hó e pela Igreja Católica neste local”.

Algo que vai de encontro às esperanças tanto de Francisco Vizeu Pinheiro como de Marco Canarelli. “Para mim, é sempre melhor renovar o que já existe e utilizar para fins culturais, por exemplo fazer um museu sobre esta comunidade, que possa trazer mais pessoas a esta zona”, explica o italiano. As cinco casas da Vila de Nossa Senhora de Cá Hó têm “um significado histórico de património social muito grande”, defende Vizeu Pinheiro, “que é importante manter em termos da nossa evolução social”.

Entretanto o ICM já concluiu o restauro das cinco casas, que estiveram durante muitos anos abandonadas e entregues à vegetação. A intervenção, com um custo avaliado em cerca de seis milhões de patacas, implicou em alguns casos substituir partes da estrutura original já deteriorada por “réplicas exactas”. Vão arrancar mais tar-

de as obras de remodelação das casas. “A fim de corresponder à história e ao ambiente artístico” deste local, o Instituto planeia no futuro transformá-lo “num espaço de formação e educação artística para jovens e abrir o mesmo ao público local e turistas”.

Marco Canarelli defende mesmo que as casas poderiam tornar-se um local onde as escolas locais poderiam levar os seus alunos para recordar a história da comunidade de leprosos.

Potencial turístico

Francisco Vizeu Pinheiro defende que qualquer plano para Cá Hó não pode olhar apenas para a Vila de Nossa Senhora, mas tem que analisar toda a área envolvente. “Tem uma fábrica de cimento, tem os fumos da central eléctrica, tem depósitos de combustível; em termos de meio ambiente é uma zona que não é muito convidativa”, lamenta o professor da Universidade de São José. Cá Hó “merecia ter a cara lavada”, acrescenta o arquitecto, que sublinha a existência de uma pe-

quena praia e da povoação de Cá Hó. Uma aldeia quase rural, onde ainda é possível ver galinhas e porcos criados à solta.

“Tem muito potencial mas seria preciso um plano abrangente, um *masterplan* para Coloane”, diz Vizeu Pinheiro, sobretudo em preparação da abertura do túnel de ligação directa ao lado leste do Cotai, facilitando o acesso à vila e ao Terminal de Contentores do Porto. Ele defende uma maior ligação entre a povoação e a Barragem de Cá Hó – “uma zona bonita mas que pouca gente conhece, tirando um acampamento de escuteiros” – e os trilhos nas montanhas centrais da ilha de Coloane.

Ká Hó poderia tornar-se, diz o professor da USJ, uma base para oferecer um novo tipo de turismo, mais virado para a natureza, que incluíse, por exemplo, caminhadas nas montanhas de Coloane ou mesmo passeios de bicicletas em trilhos específicos. “Coloane tem a sua beleza natural, que pode contrastar com a floresta de cimento

FOTOS: GONÇALO LOBO PINHEIRO



ÀS CINCO CASAS TÊM UM SIGNIFICADO HISTÓRICO MUITO FORTE E, POR ISSO, FORAM JÁ REMODELADAS. A IGREJA SOFRERÁ EM BREVE OBRAS PARA SER TRANSFORMADA NUM ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES



que é Macau”, diz Vizeu Pinheiro. “Quando os turistas chegam à Macau, as brochuras falam sempre de Ká Hó”, sublinha Arnaldo Acconci. Mas agora a Direcção dos Serviços de Turismo (DST) quer mesmo pôr a aldeia no mapa dos visitantes. Já no ano passado a DST tinha lançado, em coordenação com outros serviços governamentais, um estudo sobre a possível transformação da Vila de Nossa Senhora em Ká Hó num destino para turismo cultural. “Através de pesquisa e discussão inter-departamental, foram identificados alguns conceitos preliminares de desenvolvimento quanto ao uso das antigas casas dos leprosos, assim como dos espaços públicos exteriores e outras estruturas situadas na área”, disse a Direcção liderada por Maria Helena de Senna Fernandes. A Direcção dos Serviços dos Solos, Obras Públicas e Transportes (DSSOPT) está agora a “analisar a viabilidade do plano”, referiu a DST. A DSSOPT, liderada por Li Canfeng, confirmou que

tem este assunto nas mãos. “Uma vez que o assunto está a ser analisado, enviaremos mais tarde o respectivo parecer à DST”, prometeu a DSSOPT.

Cidade de imigrantes

Para Marco Canarelli, divulgar a história da comunidade de leprosos da Vila de Nossa Senhora em Ká Hó e dos italianos que a apoiaram tem uma importância ainda maior, dada a actual condição de Macau como uma cidade de imigrantes. Afinal, segundo dados dos Censos 2011, seis em cada 10 residentes nasceram fora da cidade, com a maioria vinda do Interior do País. “As pessoas que vêm de fora não têm esta memória”, lamenta o arquitecto. O italiano defende que conhecer melhor a história de Macau “é importante para melhor compreender o presente” da cidade. “É este tipo de memória que torna Macau diferente das outras cidades chinesas”, acrescenta Marco. A presença ocidental em Macau foi sempre

mais consensual, como sublinha Arnaldo Acconci. A vila de Ká Hó era “uma comunidade onde não interessava a nacionalidade, porque a doença toca a todos, seja chinês ou português”, lembra Francisco Vizeu Pinheiro. Os registos mostram mesmo a vinda de vários leprosos remetidos pela Administração britânica de Hong Kong. Por outro lado, diz Marco Canarelli, a história da dedicação do Padre Nicósia à Vila de Nossa Senhora é “um bom exemplo do que os imigrantes podem fazer por Macau”. O siciliano só deixou Macau em 2011, já com os leprosos reintegrados na sociedade, e morreu no ano passado em Hong Kong aos 102 anos. Lembrando o caso de Loreto Mijares, o filipino que salvou dois residentes durante a passagem do tufão Hato, em Agosto do ano passado, Marco sublinha que “talvez hoje também haja histórias deste género, de pessoas que tenham vindo ajudar Macau e a comunidade”. ■

GONÇALO LOBO PINHEIRO





INTERCÂMBIO ARTÍSTICO

“Queremos abrir portas para artistas lusófonos na China”

A Associação de Artistas da China, Macau e dos Países de Língua Portuguesa foi lançada este Verão com o objectivo de promover o intercâmbio artístico sino-lusófono

T JOSÉ CARLOS MATIAS
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

IEONG TAI MENG, nome artístico de Ieong Weng Kuong, é um dos nomes maiores da pintura chinesa de Macau. Nasceu há 69 anos em Sanshui, na província de Guangdong, mas tem ligações ancestrais a Macau, onde vi-

veram antepassados seus na primeira metade do século XX.

Entrou no mundo da pintura, começando por frequentar um curso de porcelana antes de aprender com mestres famosos de Lingnan a pintar paisagens, pássaros e flores. Uma flor em especial, a lótus, tem sido para Ieong uma fonte inesgotável de inspiração.

Teve também um mestre calígrafo de renome: Qin Esheng.

Ao longo das últimas três décadas notabilizou-se também fora de portas através de exposições na Ásia, América e Europa, tendo o seu talento sido reconhecido em certames internacionais de topo. Em França a sua arte tem sido alvo de grande atenção ao

ponto de em 2014 ter ganho o Prémio de Ouro da Exposição Internacional de Arte de Paris. Ieong é, ele próprio, um mestre para os milhares de estudantes que o tiveram como professor em Xi'an, Zhuhai, Shenzhen, Xangai ou em Macau onde é coordenador do programa de doutoramento em Belas Artes da Universidade de Ciência e Tecnologia.

Agora, Ieong – um dos fundadores da Associação de Artistas da China, Macau e dos Países da Língua Portuguesa – fala de planos para levar artistas lusófonos ao mercado e aos apreciadores de arte da China começando pela Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau.

“O principal objectivo [da Associação] passa pelo intercâmbio cultural e artístico entre a China, Macau e os países de língua portuguesa. Há imenso potencial aqui para que os chineses conheçam a cultura dos países africanos, Brasil e Portugal. Este é o espírito de intercâmbio cultural”, explica o artista.

Ieong Weng Kuong defende que os recursos financeiros que Macau detém podem ser “uma ajuda para os artistas lusófonos com menos posses, sobretudo africanos, a chegarem ao mercado da China”, uma vez que esta ao longo dos últimos anos formou centenas de milhares de artistas. “Há muitos apreciadores de arte na China que poderão ter a oportunidade de conhecer a arte africana”, acrescenta.

Ao mesmo tempo o artista quer dar mais palco a talentos locais para que estes possam brilhar no exterior e aprender com o contacto com artistas em certames internacionais.

“Para o desenvolvimento dos talentos locais, precisamos de promover a presença desses talentos locais no plano internacional.

Muitos artistas afamados chineses fizeram a sua formação também através de exposições na França, Holanda. É por isso muito importante dar oportunidade a artistas para conseguirem participar nestes eventos”, explica.

O também docente na Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau considera que há “uma elevação do



talento artístico local”. “Em Macau espaço não falta para exposições, o que é preciso é encorajar os jovens a esforçarem-se para ganhar prémios e serem reconhecidos. É necessário que haja mais esforço nesse sentido. Arte e cultura são muito importantes”, acrescenta.

Ieong deixa uma sugestão ao governo: criar prémios anuais para distinguir artistas locais que se destaquem em áreas como a arte e a música no plano internacional, à semelhança do que acontece no desporto.

Na mais recente edição do Salão de Outono, em Paris, Macau está repre-

sentado por três artistas locais entre os quais Ieong Weng Kuong com uma pintura alusiva à flor de lótus “como forma de promoção de cultura de Macau, sendo também símbolo de boa sorte, prosperidade, acabando também por promover o turismo de Macau e, por outro lado tem a ver também com a confluência de culturas em Macau.”

“O facto de terem sido selecionados três trabalhos de três artistas de Macau para o evento de renome internacional diz bem do talento que existe aqui”, conclui o artista. ■

WONG WENG IO

A nossa condição

A forma como a tecnologia influencia a informação, o tempo e a nossa identidade é o principal objecto de estudo da jovem artista de Macau, Wong Weng Io

T CATARINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

DE QUE forma é que as novas tecnologias influenciam aquilo que nós somos, como nos relacionamos com o outro, o mundo em que nos movemos? Wong Weng Io tem 25 anos, uma jovem carreira enquanto artista e uma aspiração: compreender esta relação entre a identidade e a esfera virtual.

Um conceito importante para a compreensão do trabalho da artista: arte contemporânea. “Pode ser tudo”, começa por dizer Wong Weng Io. Em entrevista à MACAU, a jovem dá o exemplo da “Fonte”, urinol de porcelana branco adquirido por Marcel Duchamp (1887-1968) e uma das obras mais representativas do artista francês, que admitia estar mais interessado em ideias do que em produtos visuais. O conceito *readymade* de Duchamp influenciou inúmeros artistas pelo mundo inteiro e veio desafiar as tradicionais definições de arte, propondo a elevação de um objecto comum a obra de arte. “Tudo o que vejo na rua e os objectos que encontro pelo caminho podem ser elementos da minha própria arte”, admite Wong. E completa: “Um dos pontos principais da arte contemporânea ou da contemporaneidade da arte é regis-

tar o que está a acontecer agora, o que nos afecta mais e de que forma isso se pode relacionar com as outras pessoas”.

“A educação veio romper com a minha forma de pensar”

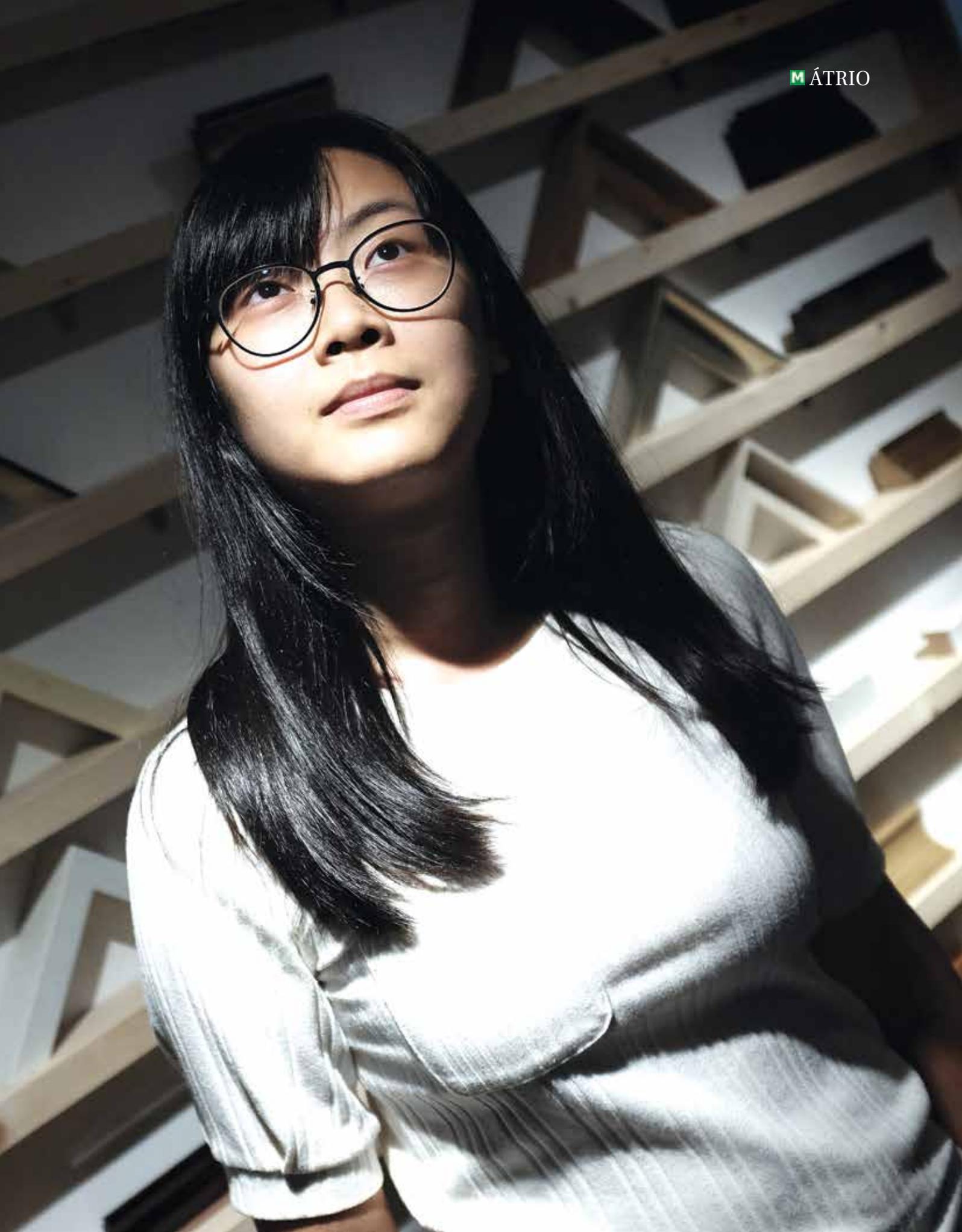
A própria definição daquilo que é a arte e do que seria o objecto de estudo e de trabalho de Wong Weng Io enquanto artista, foi ganhando forma na Austrália, onde concluiu o ensino superior em Belas Artes no Royal Melbourne Institute of Technology. “Foi um processo muito doloroso, a educação veio romper com a minha forma de pensar e com aquilo que eu julgava que era a arte”, salienta a jovem.

Wong Weng Io nasceu em Macau em 1993. Ainda consegue recuar até aos tempos do ensino primário, quando participava em concursos de arte entre escolas. Foi aí que experimentou pela primeira vez pintar a lápis e aguarelas a natureza-morta, conseguindo alcançar os lugares cimeiros da competição. “Mas o que eu me lembro melhor é que, de todas as vezes, eu ficava até ao último minuto para acabar o meu trabalho. Tinha a sensação que nunca estava bem”, revela.

Aluna do Colégio Perpétuo Socorro

CONCORDO COM SOL LEWITT, UM ARTISTA CONCEPTUAL, QUE DIZ QUE QUANDO ESCOLHES PINTAR OU DESENHAR UM TRABALHO MUNDIALMENTE CONHECIDO E FEITO NUM MEIO MAIS TRADICIONAL, ENTÃO ESTÁS A ACEITAR A HISTÓRIA E A MENSAGEM INCLUÍDA NESSE PASSADO







Chan Sui Ki, Wong Weng Io teve apenas Educação Visual até ao oitavo ano, seguindo depois a área de Ciências. Admite, porém, que nunca perdeu o contacto com esse lado artístico. Era ela que “desenhava as coisas para a escola, t-shirts ou logótipos para os clubes de actividades”, diz.

Quando terminou o 11.º ano, mudou-se para Melbourne, para frequentar o ano zero em Artes. “Investi tudo na técnica, porque é um trabalho que exige muita técnica”.

Foi essa dedicação que fez com que o então professor responsável pelo curso a levasse a assistir a uma aula de Belas Artes, um momento que considera decisivo na sua carreira. “Tinha três hipóteses de cursos, Arquitectura, Design Gráfico e Belas Artes, e acabei por escolher a última, por ser a origem, a base”, recorda.

Em 2016, Wong Weng Io regressou a Macau, onde se encontra actualmente a trabalhar como artista, recorrendo a diferentes meios de trabalho, incluindo fotografia, vídeo, pintura ou instalação. Está também ligada à Galeria 1844, na Rua do Infante, que abriu ao público no ano passado, desenvolvendo trabalho como curadora, designer gráfica e crítica de arte.

Nós e a tecnologia

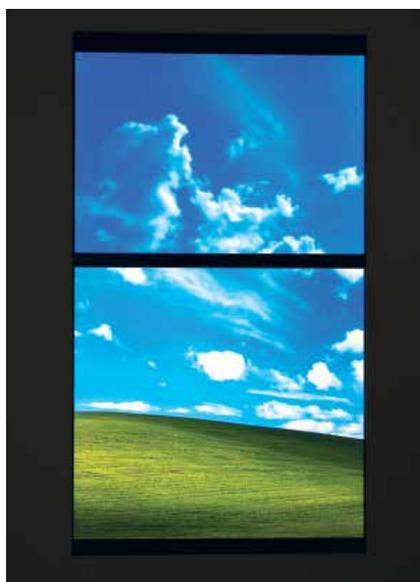
“O meu trabalho prático começa pelo interesse que tenho na minha própria relação com a tecnologia e como esta muda e afecta a minha identidade e a

identidade virtual”, nota à MACAU. Quanto à tecnologia, a artista acredita que esta tem a capacidade de “comprimir o tempo, as relações e a informação”: “No passado, talvez as pessoas sentissem a própria vida a um ritmo mais lento, mas hoje as pessoas conseguem olhar para a própria vida e através dela, porque a informação está em todo o lado”.

Wong abre um link que nos leva ao projecto “Human Condition (Closer to Bliss)”, que completou no último ano de estudos em Melbourne. Numa parede branca, é inserido verticalmente um monitor, que se divide em duas partes: a parte de cima revela um vídeo

com um céu azul e nuvens em movimento e a parte de baixo é uma imagem estática do céu e um monte verde. O trabalho explora a ideia de como os monitores apareceram e influenciam a nossa vida.

Para dar forma à instalação, a artista inspirou-se na conhecida obra “The Human Condition” do artista belga surrealista René Magritte. Mas não só: “Interessa-me esta ideia dos dois mundos de Immanuel Kant: no `fenomenal´ estamos a falar do mundo físico, científico; no `númeno´ é como se fechássemos os olhos e sentíssemos tudo à nossa volta, está dependente da nossa consciência e conhecimento. É





à superabundância de informação e de imagens. No caso do “lixo”, Wong nota: “No futuro, as pessoas vão interessar-se por estes resíduos que foram deixados para trás, e será como uma espécie de loja de antiguidades, ou seja, procuram-se coisas que nunca nos chamaram a atenção”.

Com “A omnipresença do complexo”, a jovem criou uma obra composta por centenas de ecrãs, que revelavam frases de robots a questionar humanos. “Como sabes que és humano” era um dos exemplos.

Já no último espaço, Wong regressou à questão do tempo e da memória, expondo duas mil cassetes que representam o mesmo número de dias de vida. De acordo com a introdução escrita sobre a obra, o passado é aqui um “monte de diferentes caixas desnecessárias de cassetes analógicas, algumas delas impossíveis de aceder devido ao progresso tecnológico”. Nessa mesma sala, podia ler-se em dois painéis luminosos: “I upload, therefore I exist”. ■

um conceito que René Magritte também trabalhou”.

Sem procurar chegar a quaisquer conclusões, Wong Weng Io reafirma no seu trabalho conceitos filosóficos e artísticos. “Não tenho uma forma particular de trabalhar, e concordo com Sol LeWitt, um artista conceptual, que diz que quando escolhes pintar ou desenhar um trabalho mundialmente conhecido e feito num meio mais tradicional, então estás a aceitar a história e a mensagem incluída nesse passado”.

Guardadora de passados

Na exposição individual I upload, therefore I exist, realizada este ano nas instalações da Casa Garden, em Macau, Wong apresentou várias instalações em grande escala para reflectir sobre o relacionamento e o impacto entre a existência humana, a tecnologia, a informação, a manipulação, os dados pessoais e a robótica.

“A omnipresença do texto” foi buscar inspiração a “Ether”, romance de ficção científica do autor chinês Zhang Ran. A artista utilizou citações desse romance, imprimindo-as em centenas de pequenos recibos de compras. Algumas dessas frases aparecem riscadas, o que remete, segundo a responsável da obra, para “o controlo que existe hoje em dia no envio de SMS”.

“A tinta vai gradualmente desaparecer

e isso está, de certa forma, relacionado com as SMS, é tudo muito efémero”, afirma.

Já na instalação “A omnipresença das imagens”, foram utilizados 1200 postais feitos de imagens que pertenciam a três categorias: “mundo”, “humanos” e “lixo”, e que funcionavam como uma metáfora para o combate





AMOR GRANDE NUMA CASA MINÚSCULA

A companhia de teatro belga Laika traz a Macau “Estreitinho”, a história de um grande amor vivido num pequeno apartamento. Esta “hilariante busca pela felicidade doméstica” é um desafio aos sentidos do espectador e sobe ao Centro Cultural entre 22 e 24 de Dezembro



T CATARINA DOMINGUES

Um homem vive numa casa minúscula. Um dia uma mulher bate-lhe à porta. Apaixonam-se, juntam-se. Em “Estreitinho”, peça que sobe ao palco do pequeno auditório do Centro Cultural de Macau (CCM) entre os dias 22 e 24 de Dezembro, acompanhamos esta nova aventura doméstica, assente no movimento, nos sentidos, na luz quente do interior do pequeno apartamento, nas duas figuras delgadas que se vão contorcendo para melhor se adaptaram à vida a dois. “Por entre ofertas de flores, chocolates partilhados e inevitáveis abraços, eles parecem feitos um para o outro. Mas a vida nem sempre é escorreita como parece”, escreve o CCM na

apresentação da peça da companhia belga de teatro físico Laika. Sobre esta “hilariante busca pela felicidade doméstica” diz ainda o CCM: “Dinamizada por um grupo de artistas de percursos diversos, mestres de diferentes disciplinas, a companhia leva o público internacional, das crianças aos adolescentes, a um mundo onde nada é garantido! Como poderemos ver por nós próprios quando nos depararmos com a pequenez e intimidade do cenário de ‘Estreitinho’, rindo-nos com todas as outras famílias, desejando que, no final, possamos ficar, só mais um bocadinho”.

Além dos quatro espectáculos que vão apresentar em Macau, a Laika tem ainda preparados dois *workshops* de mímica para crianças e famílias, nos dias 20 e 21 de Dezembro, respectivamente. A ideia é “aprender a contar uma historiazinha em silêncio” através de jogos interactivos.

Fundada em 1991, a companhia belga quer chegar sobretudo às crianças, aos jovens e aos “adultos que tenham conservado a capacidade infantil de deslumbramento”. O projecto tem desenvolvido trabalho em pequenos e grandes teatros, na Bélgica ou lá fora e muitas vezes “em território desconhecido, como cinemas antigos, ruas de comércio ou uma tenda numa praça”, como se pode ler na página eletrónica da Laika.

Baptizado inicialmente como Blauw Vier, o grupo de teatro ganhou reconhecimento com produções como “A lady in a cupboard” ou “Cyrano”. No projecto “Hotel Tomilho”, juntou-se ao Teatro Regional da Serra de Montemuro, de Portugal, numa colaboração que trabalhou em palco temas como a saudade, a viagem e a despedida.

ESTREITINHO (NARROW, TÍTULO EM INGLÊS)

CENTRO CULTURAL DE MACAU
22-24 DE DEZEMBRO DE 2018
(ESPECTÁCULOS)
BILHETES A MOP 180



MÚSICA

The Secret

O musical “The Secret” apresenta mais de 20 êxitos da carreira de quase duas décadas do taiwanês Jay Chou. O espectáculo conta a história de amor vivida por Lu Xiaoyu, uma estudante que descobre uma misteriosa partitura musical. A relação com Ye Xianglun é abordada com humor e cenas que incluem uma competição de piano, um jogo de futebol e um baile de finalistas.

14-16 DE DEZEMBRO DE 2018

TEATRO DO VENETIAN

Bilhetes a partir de MOP 380



Estrelas em Viena

A Orquestra de Macau, acompanhada pela soprano chinesa Hui He e pelo maestro estónio Arvo Volmer, vai festejar o último dia do ano com música tradicional chinesa de Zheng Qiufeng e uma selecção de peças de óperas de Franz von Suppé e de Puccini.

31 DE DEZEMBRO DE 2018

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 100



Saudação a Richard Strauss

O 70.º aniversário da morte do compositor alemão Richard Strauss é assinalado pela Orquestra de Macau num concerto que conta com os trabalhos “Don Juan” e “Morte e Transfiguração”. Nesta noite de música, que conta com a actuação da violinista chinesa Tianwa Yang, é apresentada ainda a “Sinfonia Espanhola” de Édouard Lalo.

19 DE JANEIRO DE 2019

CENTRO CULTURAL DE MACAU

Bilhetes a partir de MOP 100



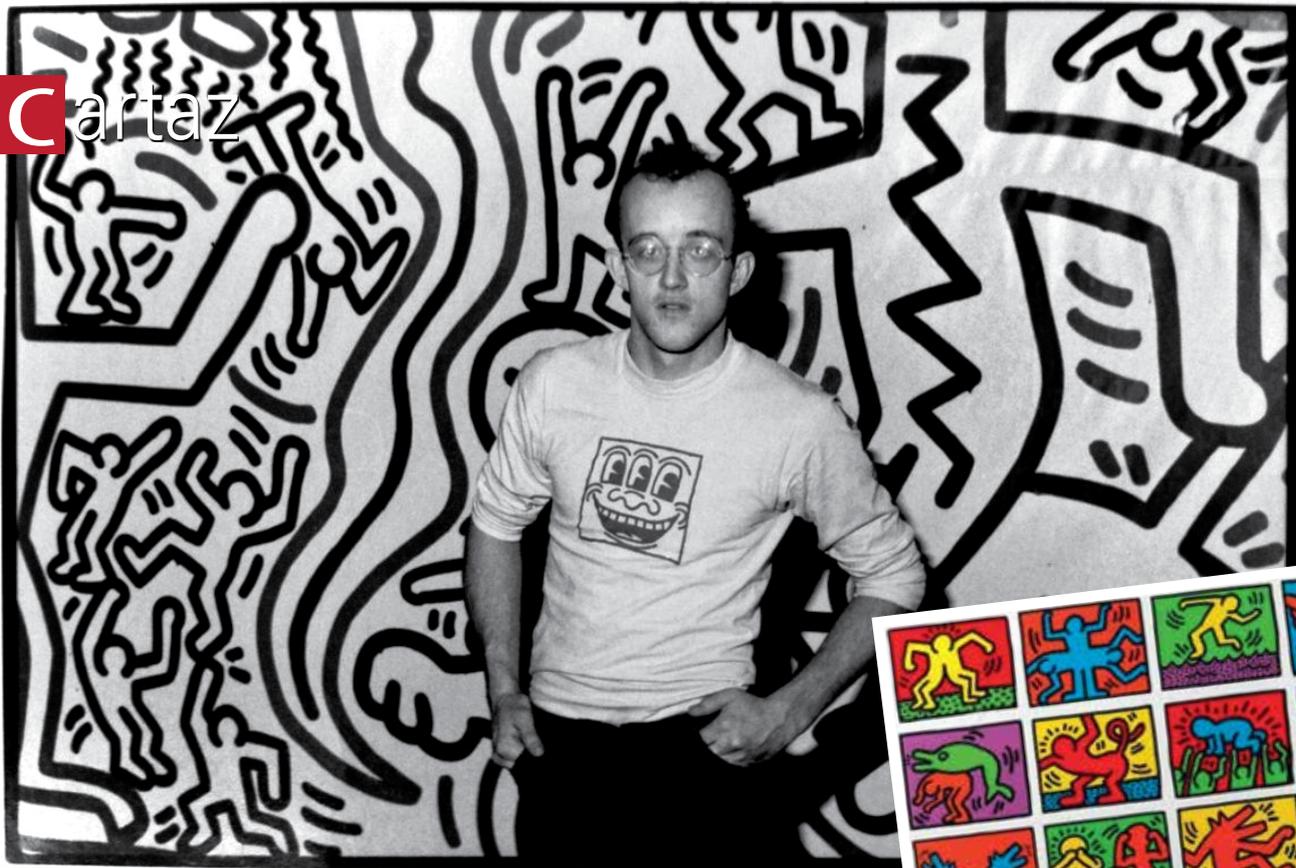
Maroon 5

A banda pop-rock norte-americana, que venceu três Grammy, vai subir à Arena do Cotai para tocar alguns dos temas mais conhecidos, que incluem “Moves Like Jagger”, “Maps”, “Animals” e também o novo single “Girls Like You [ft. Cardi B]”.

3 DE MARÇO DE 2019

ARENA DO COTAI

Bilhetes a partir de MOP 688



A ARTE URBANA E O ACTIVISMO DE KEITH HARING

O activismo, a supremacia dos desenhos infantis, das linhas simples, grossas e cores fortes de Keith Haring em exposição até ao final do ano

T CATARINA DOMINGUES

No labirinto que se ergueu num dos grandes salões de exposições do Venetian, Shawn, um turista sul-coreano, perde-se várias vezes. Mas todos os caminhos vão dar a Keith Haring. Shawn visita pela primeira vez uma exposição do artista norte-americano, que se hoje estivesse vivo teria 60 anos. “Ao lado de Andy Warhol, está Keith Haring, de quem gosto muito, é empolgante, divertido, transmite uma sensação peculiar”, diz Shawn à MACAU.

O labirinto em forma de coração foi criado por um grupo de artistas locais em conjunto com a Artestar, agência baseada em Nova Iorque e que representa o The Keith Haring Studio. “É uma experiência de *pop-art* única”, escreve a organização sobre esta



mostra, que reúne uma selecção de 90 trabalhos de Haring e ainda vídeos, jogos interactivos e esculturas feitas com base no trabalho deste artista, que queria levar a arte às massas. Essa era a sua missão. “Interessa-me fazer arte que seja vivida e explorada por tantas pessoas quanto possível”, dizia. Foi precisamente essa ideia de que a arte pertence a todos, que o levou a utilizar o espaço público como meio de expressão. Influenciado pela banda desenhada e pelo trabalho de graffiti, Haring deixou marca – desenhos infantis, linhas simples e grossas, formas gráficas de cores fortes, trabalhos a giz – nos painéis publicitários do metropolitano de Nova Iorque e um pouco por todo o mundo. Produzia cerca de 40 desenhos por dia e só entre 1980 e 1989 participou em mais de 100 exposições. Corações grandes, um bebé a gatinhar e a emitir raios de luz, um cão a ladrar e um disco voador são algumas das imagens que ficaram para sempre associadas ao norte-americano, que apostou ainda na produção em série dos seus trabalhos, como forma de estabelecer uma relação mais próxima entre o público e o criador.

Keith Haring nasceu em Reading, no Estado da Pensilvânia, em 1958. Foi em Nova Iorque, para onde se mudou duas décadas depois, que estudou Artes Visuais e se tornou num dos mais celebrados artistas da época. Morreu em 1990, aos 31 anos, depois de perder a luta contra a SIDA.

“O evento especial celebra Keith Haring como um artista inovador e como uma força positiva e um exemplo para gerações e pessoas a lutarem contra injustiças”, lê-se ainda na introdução da exposição de Macau, que relembra assim o trabalho de activismo e de intervenção política que o norte-americano teve nos últimos anos de vida, nomeadamente no que diz respeito ao racismo, à sexualidade e à SIDA.

KEITH HARING MAZE MACAU
THE VENETIAN
ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 2018



Chapas Sínicas – Histórias de Macau na Torre do Tombo

As “Chapas Sínicas” compreendem um total de 3600 documentos, incluindo mais de 1500 ofícios redigidos em língua chinesa, cinco livros de cópias das cartas mantidas pelo Leal Senado de Macau traduzidos para Português e quatro volumes de documentos diversos, sendo documentação da cidade durante a dinastia Qing conservada no Arquivo Nacional da Torre do Tombo de Portugal.
ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU
ATÉ 7 DE DEZEMBRO DE 2018



Moda – Momento de Encontro

O objectivo deste evento organizado pela Galeria de Moda de Macau é mostrar os trabalhos do “Programa de Subsídios à Criação de Amostras de Design de Moda 2017” do Instituto Cultural. Em exposição são apresentadas obras de 11 estilistas, entre trabalhos individuais e de grupos.
GALERIA DE MODA DE MACAU
ATÉ 30 DE DEZEMBRO DE 2018



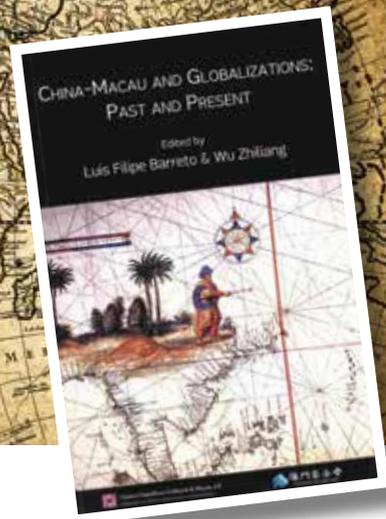
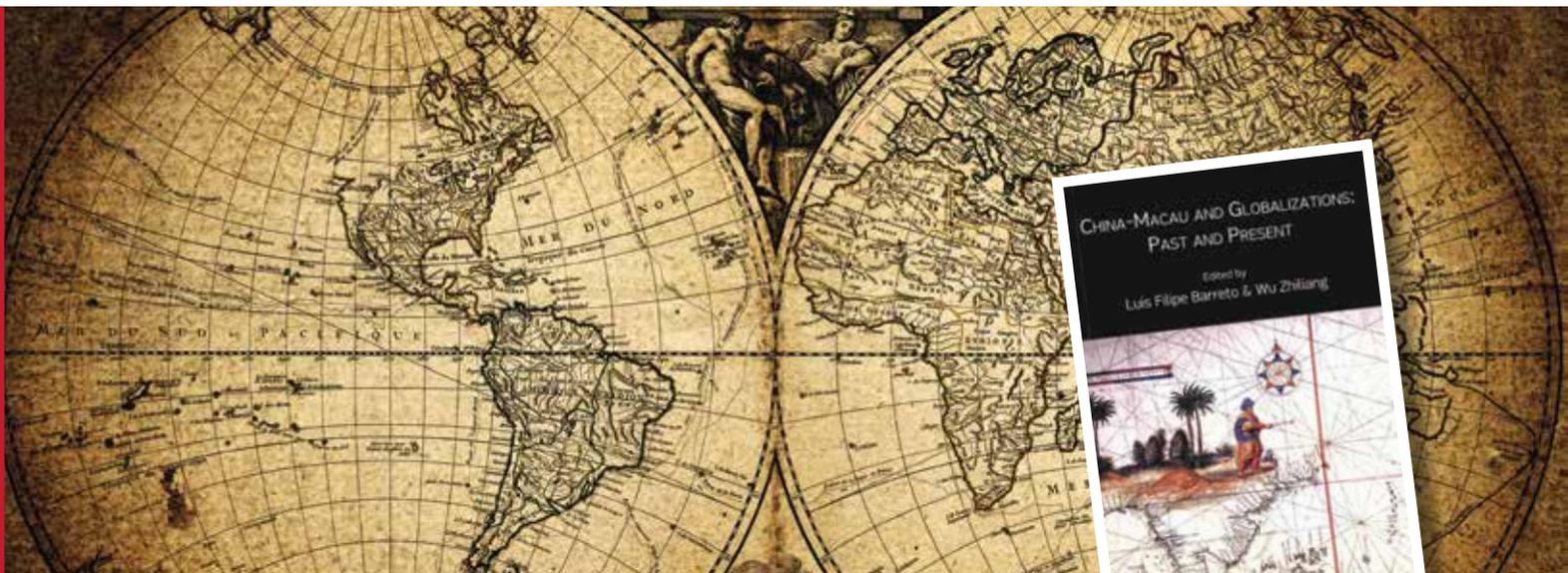
Paisagem Mutante – Aquarelas de Macau da Colecção do MAM

A exposição apresenta mais de 70 aquarelas do século XIX ao século XX de temática paisagística de Macau, revelando as mudanças da paisagem urbana da cidade ao longo de cerca de um século. Os trabalhos de mais de duas dezenas de artistas chineses e ocidentais dividem-se em quatro secções: “O Litoral”, “Cenas de Pesca”, “Tempos Pacíficos” e “Brilhos Modernos”.
MUSEU DE ARTE DE MACAU
ATÉ 10 DE FEVEREIRO DE 2019



Exposição de Coleções em Comemoração do 20.º Aniversário do Museu de Macau

“Mais de 80 itens seleccionados entre colecções de grande requinte, com o objectivo de evidenciar a dedicação contínua do Museu de Macau à recolha de relíquias históricas com valor cultural e artístico relacionadas com Macau”, escreve o Instituto Cultural na apresentação desta mostra, que se divide nas secções “Pinturas de Lingnan”, “Pinturas de Viajantes Europeus”, “Estilo e Vida”, “O Carácter Multicultural de Macau”, “Olhar Retrospectivo” e “Espaço Educativo”.
MUSEU DE MACAU
ATÉ 24 DE FEVEREIRO DE 2019



VÁRIOS MUNDOS NUM LIVRO

“China-Macau and Globalizations: Past and Present” reúne 12 teses de académicos de várias partes do mundo e aborda a globalização de diferentes pontos de vista, geografias e tempos

T CATARINA DOMINGUES

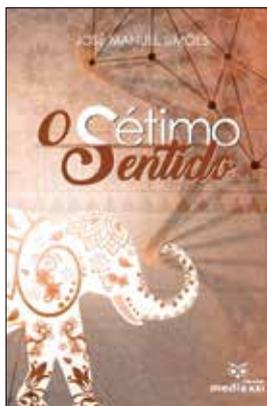
Olhar a globalização de diferentes perspectivas. Esta é a ideia que está por trás de “China-Macau and Globalizations: Past and Present”, obra que reúne 12 textos de académicos de vários países e regiões. Os trabalhos

foram apresentados pela primeira vez em 2013, durante um colóquio internacional organizado em Lisboa pela Fundação Macau e pelo Centro Científico e Cultural de Macau (CCCCM), em Portugal, que agora editam este volume.

“Diversos historiadores de renome

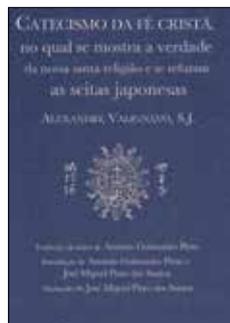
elaboraram trabalhos sobre temas relacionados com a evolução da globalização, tendo sido apresentados estudos sobre casos concretos de diferentes épocas e regiões, sob um ponto de vista multidisciplinar”, lê-se numa nota enviada à comunicação social pela Fundação Macau.

PARA LER



O Sétimo Sentido
José Manuel Simões
Média XXI, 2018

Romance do académico José Manuel Simões sobre o sentido da vida e o papel que cada um desempenha na sociedade. A história começa quando Glória embarca numa viagem pela Índia, após descobrir a traição do companheiro. Aí irá renascer e descobrir a sua missão.



Catecismo da Fé Cristã
Alexandre Valignano (tradução do latim de António Guimarães Pinto)
Centro Cultural e Científico de Macau, 2016

Publicado pela primeira vez em 1856, em Lisboa, e destinado à Missão do Japão dos padres jesuítas, o “Catechismus Christianae Fidei”, de Alessandro Valignano (1539-1606), foi a primeira tentativa ocidental de apresentação sistemática das doutrinas religiosas predominantes no arquipélago nipónico. Ao Centro Cultural e Científico de Macau deve-se “a primeira tradução para uma língua ocidental deste importantíssimo texto”.



“Deusas dos Mares: Patronato religioso e história marítima sino-portuguesa” é um texto de Ronnie Po-Chia Hsia, professor do departamento de História da Universidade Estadual da Pensilvânia, que faz um estudo comparativo entre a Deusa A-Má e a Virgem Maria. Com base em relatos de missionários católicos ou das viagens marítimas chinesas do século XVII, o académico aborda a devoção religiosa dos marinheiros destes dois mundos longínquos. “Se divindades como Mazu e Tianhou se tornaram padroeiras e protectoras dos marinheiros fujianenses, já os marinheiros portugueses invocaram a



protecção da Virgem Maria, no decurso das suas longas e perigosas viagens entre Lisboa e Goa e para outras costas da Ásia Portuguesa”, escreveu Po-Chia Hsia sobre esta investigação.

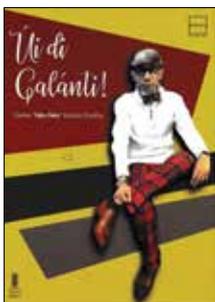
“A difusão europeia da obra de Álvaro Semedo, S.J. (1585-1658)”, trabalho de Isabel Murta Pina do Centro Científico e Cultural de Macau, recorda como o impacto e a circulação em diferentes línguas de obras como “Imperio de la China y Cultura Evangelica en Él” fizeram do missionário jesuíta português uma figura relevante na difusão do conhecimento sobre a China e Macau na Europa dos séculos XVII e XVIII.

São vários os textos que levam o leitor a Macau. Em “Intérpretes e Compradores em Macau Antigo e Cantão”, o investigador da Universidade de Hong Kong James K. Chin analisa o papel dos intérpretes – ou *tongshi*, como eram designados nos registos imperiais chineses – que, gradualmente começaram a enriquecer e a alterar o ramo de actividade, tornando-se nos compradores dos comerciantes europeus nos mercados. Refere o investigador que estes antigos intérpretes e compradores tiveram um importante contributo no rápido crescimento da economia do sul da China.

Com direcção de Luís Filipe Barreto, presidente do CCCM, e de Wu Zhiliang, presidente da Fundação Macau, “China-Macau and Globalizations: Past and Present” apresenta dez textos escritos em língua inglesa e dois em português.

CHINA-MACAU AND GLOBALIZATIONS: PAST AND PRESENT

CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU/FUNDAÇÃO MACAU, 2016
DIRECÇÃO: LUÍS FILIPE BARRETO E WU ZHILIANG
VÁRIOS AUTORES

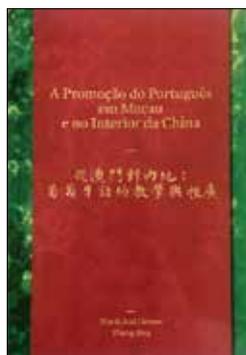


Úi di Galánti

Carlos Manuel Coelho
Instituto Internacional de Macau, 2018

Homenagem ao macanense Carlos Manuel Coelho, o livro contém textos em patuá do próprio “Néu-Néu”, como era conhecido no seio da comunidade. “Considerando a precariedade do patuá e a escassez de (bons) escritos nesse idioma nativo

de Macau, o Instituto Internacional de Macau recolheu os melhores textos para um apropriado registo do doce linguajar do crioulo português de Macau”.



A promoção do Português em

Macau e no Interior da China
Maria José Grosso e Zhang Jing
Centro de Ensino e Formação Bilingue Chinês e Português da Universidade de Macau e Delegação de Macau da Fundação Oriente, 2018

Uma análise empírica para traçar o perfil dos alunos chineses de língua portuguesa resultou no livro, que reúne “uma miscelânea de textos” que permitem uma “visão caleidoscópica” do ensino e da aprendizagem do Português em Macau e na

China, segunda uma nota introdutória da obra.



BAIRRO DA AREIA PRETA *Anos 1970*



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

O **BAIRRO** da Areia Preta está situado no norte da cidade, na freguesia de Nossa Senhora de Fátima, actualmente a área de Macau com maior densidade populacional. Até há poucas décadas – e como se pode constatar pela fotografia do Arquivo Histórico de Macau – ainda se podiam encontrar pequenas habitações de um ou dois andares e várias hortas. Com o rápido desenvolvimento urbano, estes espaços deram lugar a edifícios residenciais e industriais.

Quanto ao nome do bairro, Luís Gonzaga Gomes escre-

veu, em 1996 na obra “Curiosidades de Macau Antiga”, sobre uma “magnífica praia” que existia naquela zona e que foi baptizada de “Praia da Areia Preta”: “A sua toponímia é derivada do facto verdadeiramente estranho da praia ser revestida em toda a sua extensão de uma areia finíssima, mas negra, bastante negra mesmo, de forma a dar a impressão de aquela pequena faixa da costa ser completamente coberta por resíduos de carvão”.

De “Areia Preta” resta hoje em dia apenas o nome, continua o professor e sinólogo macaense: “A própria praia já desapareceu tendo sido há anos completamente aterrada para satisfazer às exigências das obras que ali se efectuaram”.

ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA **MACAU** PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tabletes disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



